



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Feiras e Festividades Religiosas de Beja –
Contributos para o seu resgate e reativação.
Relatório de Estágio na Associação de Defesa do
Património Cultural de Beja**

Marta Cristina Fragoso Gonçalves

Orientação: Prof. Doutora Antónia Fialho Conde

Volume II

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico
e Cultural**

Área de especialização: *Património Artístico e História da Arte*

Relatório de Estágio

Évora, 2015



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Feiras e Festividades Religiosas de Beja –
Contributos para o seu resgate e reativação.
Relatório de Estágio na Associação de Defesa do
Património Cultural de Beja**

Marta Cristina Fragoso Gonçalves

Orientação: Prof. Doutora Antónia Fialho Conde

Volume II

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico
e Cultural**

Área de especialização: *Património Artístico e História da Arte*

Relatório de Estágio

Évora, 2015

Índice de Anexos

Anexo I – Lei nº107/2001 de 8 de setembro - Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural	i
Anexo II – Edifício da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	iii
Anexo III – Historial Descritivo da Formação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	v
Anexo IV – Estatutos da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	vii
Anexo V – Legislação que atesta a criação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	viii
Anexo VI – Documento da Secretaria Notarial de Beja que comprova a criação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	ix
Anexo VII – Ficha de Inscrição para sócios da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	xi
Anexo VIII – Transcrição da Entrevista ao Dr. Florival Baiôa Monteiro, Presidente da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	xii
Anexo IX – Transcrição da Entrevista ao Dr. Leonel Borrela, Sócio Fundador da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	xv
Anexo X – Antigas Iniciativas da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	xviii
Anexo XI – Mapas da cidade de Beja	xxiii
Anexo XII – Museus e Núcleos Museológicos da cidade de Beja.....	xxvi
Anexo XIII – Castelo de Beja.....	xxix
Anexo XIV – Antigas Tradições de Beja	xxx
Anexo XV – Fotografias da Feira de São Lourenço e Santa Maria	xxxiii
Anexo XVI – Transcrição do excerto do livro <i>Quatro décadas de Beja: uma busca das bruscas transformações 1950-1989</i> de David Argel e Helena Guerreiro Marques ...	xlvi
Anexo XVII – Periódicos e Revistas com artigos sobre a Feira de São Lourenço e Santa Maria.....	l
Anexo XVIII – Atas da Câmara Municipal de Beja sobre a Feira de São Lourenço e Santa Maria	lxiv
Anexo XIX – Fotografia da Feira de maio	lxxii
Anexo XX – Periódicos e Revistas com artigos sobre a Feira da Primavera	lxxiii
Anexo XXI – Fotografias dos Mercados de Beja.....	lxxvi
Anexo XXII – Memórias do Engenheiro Carrusca	lxxviii

Anexo XXIII – Entrevistas sobre as Feiras de Beja	lxxxiv
Anexo XXIV – Fotografias da antiga Festa das Maias em Beja	cvii
Anexo XXV – Periódicos sobre as Festas das Maias antigas.....	cxii
Anexo XXVI – Fotografias da Festa das Maias de 2015	cxiii
Anexo XXVII – Entrevistas realizadas às antigas Maias	cxxi
Anexo XXVIII – Fotografias das antigas Maias entrevistadas	cxxxii
Anexo XXIX – Fotografias da atividade das Cavalhadas organizada pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	cxxxiii
Anexo XXX – Periódicos sobre as Cavalhadas em Beja	cxxxvi
Anexo XXXI – Festa do Azulejo de Beja	cxxxvii
Anexo XXXII - Festa das Maias	clv
Anexo XXXIII – Entrevistas sobre as ações da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	clvii
Anexo XXXIV – Fotografias dos locais outrora ocupados pelas Feiras	clxvii
Anexo XXXV – Roteiro das Memórias das Feiras	clxxiv
Anexo XXXVI – Fotografias dos antigos locais do Percorso da Cavalgada da Manhã de São João Batista.....	clxxvi
Anexo XXXVII – Roteiro das Cavalhadas.....	clxxviii
Anexo XXXVIII - CD com Entrevistas gravadas (áudio e vídeo)	

Anexo I – Lei nº107/2001 de 8 de setembro - Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural

Excertos

“Objetivos

- 1. A presente lei estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura.*
- 2. A política do Património cultural integra as ações promovidas pelo Estado, pelas administrações autónomas, pelas autarquias locais e pela restante Administração Pública, visando assegurar, no território português a efetivação do direito à cultura e à fruição cultural e a realização dos demais valores e das tarefas e vinculações impostas, neste domínio pela Constituição e pelo direito internacional (...)*

Artigo 4º:

- 1. Nos termos da lei, o Estado, as Regiões Autónomas e as autarquias locais podem celebrar com detentores particulares de bens culturais, outras entidades interessadas na preservação e valorização de bens culturais ou empresas especializadas com acordos para efeitos de prossecução de interesses públicos na área do património cultural.*
- 2. Entre outros, os instrumentos referidos no número anterior podem ter por objeto a colaboração recíproca para fins de identificação, reconhecimento, conservação, segurança, restauro, valorização e divulgação de bens culturais, bem como a concessão ou delegação de tarefas, desde que não envolvam a habilitação para a prática de atos administrativos de classificação.*
- 3. Com as pessoas coletivas de direito público, de direito privado detentoras de acervos de bens culturais de excepcional importância e com as entidades incumbidas da respetiva representação podem o Estado, as Regiões Autónomas ou as Autarquias locais acordar fórmulas institucionais de composição mista destinadas a canalizar de modo concertado, planificado e expeditas as respetivas relações no domínio da aplicação da presente lei e da sua legislação de desenvolvimento. (...)*

Título II, Artigo 10º

1 – Para além dos contributos individuais a participação dos cidadãos interessados na gestão efetiva do património cultural pela Administração Pública poderá ser assegurada por estruturas associativas, designadamente institutos culturais, associações de defesa do património cultural, e outras organizações de direito associativo.

2 – Para os efeitos da presente lei, entende-se por estruturas associativas de defesa do património cultural as associações sem fins lucrativos dotadas de personalidade jurídica constituídos nos termos da lei geral e em cujos estatutos conste como objetivo a defesa e a valorização do património cultural ou deste e do património natural, conservação da natureza e promoção da qualidade de vida.

3 – As estruturas associativas de defesa do património cultural são de âmbito nacional, regional ou local e de representatividade genérica ou específica nos termos da lei que as regular.

4 – As estruturas associativas de defesa do património cultural gozam do direito de participação, informação e ação popular, nos termos da presente lei, da lei que as regular e da lei geral.

5 – A Administração Pública e as estruturas associativas de defesa do património cultural colaborarão em planos e ações que respeitem à proteção e à valorização do património cultural.

6 – As administrações central, regional e local poderão ajustar com as estruturas associativas de defesa do património cultural formas de apoio a iniciativas levadas a cabo por estas últimas, em particular no domínio da informação e formação dos cidadãos.

7 – As estruturas associativas de defesa do património cultural gozam dos incentivos e benefícios fiscais atribuídos pela legislação tributária às pessoas coletivas de utilidade pública administrativa.”

Anexo II – Edifício da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Fachada do edifício da adpBEJA¹, 2015



Fonte Marta Gonçalves

¹ Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves

Anexo III – Historial Descritivo da Formação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

“No ano de 1979 e no que lhe antecede, um grupo de amigos, preocupados com o futuro do património da cidade onde vivem, decide juntar-se e constituir uma associação. Assim, aos dezasseis dias, do mês de fevereiro, do ano mil novecentos e setenta e nove, baseada na urgente necessidade de se criarem estruturas que sensibilizassem as instituições públicas, privadas e populações para a preservação do património cultural, assim como de organizar mecanismos apropriados que velassem pelo restauro e conservação do património artístico de Beja, é fundada em escritura pública, no Cartório Notarial de Beja (livro A – 56), a Associação para a Defesa e Estudo do Património Cultural da Região de Beja, atualmente designada pelas siglas ADPBeja. A sua criação, mereceu a atenção da comunicação social local, mais propriamente do Jornal Diário do Alentejo (editado a 23 de fevereiro de 1979, nº13, 505), onde este fazia alusão à sua criação e aos futuros projetos que iria desenvolver. (...) Mais tarde, tomaram por sede, a título provisório, o Museu Regional de Beja, não se sabendo ao certo a data exata, por existirem poucas informações. (...) No ano de 1984, o Diário do Alentejo volta a fazer referência à ADPBeja, nomeadamente aos seus corpos gerentes, onde são referidos os nomes, bem como o propósito da única lista candidata de: “«reabilitar» a Associação através de medidas como a criação de núcleos de arqueologia, etnografia, fotografia, história local, ecologia e outros «que de algum modo venham a influir para um melhor conhecimento da região»” (Diário do Alentejo n.º 103 – 13 a 19 de abril de 1984). Em fevereiro de 1986, a ADPBeja, que se manteve “provisoriamente” no Museu Regional de Beja, durante um período de três anos, consegue sede oficial na Rua da Misericórdia n.º 10, a título de empréstimo por tempo indefinido da Câmara Municipal de Beja e assim se mantém até meados de 1994, ano em que o prédio foi alvo de intervenção por forma a remodelar a sua estrutura. A remodelação do prédio implicou a retirada de todo o material existente na Associação, que, por motivos que transcendem a mesma, foram colocados no parque de materiais da Câmara Municipal de Beja. Dado o parque de materiais ser um espaço ao “ar livre”, a maior parte do material da ADPBeja ficou degradado. Perderam-se deste modo, os testemunhos de mais de 15 anos de trabalho, bem como mobiliário, coleções e biblioteca (que ascendia a mais de 1000 unidades/livros). Os cinco anos que se seguiram foram sem

dúvida uma prova de resistência, visto ter ficado sem sede, sem materiais e coleções, associada a uma conjuntura de crescente declínio do movimento associativo. Todavia, a Associação sobreviveu, graças à devoção de algumas pessoas que mantiveram presente a preocupação com o Património, sendo constituída uma Comissão de Gestão Provisória, para providenciar um mínimo de serviços até que a situação estivesse resolvida. Atualmente, a ADPBeja localiza-se na Rua Capitão João Francisco de Sousa, n.º30 -1º, em instalações cedidas pela Câmara Municipal de Beja, encontrando-se inserida no centro Histórico da cidade, mais propriamente na zona comercial por excelência, beneficiando desta forma de um contato direto com a comunidade envolvente. Distante das três centenas de sócios ativos e dos treze funcionários que teve no passado, a ADPBeja beneficia de mérito, reconhecimento e das boas relações interinstitucionais, com as mais diversas entidades devido à qualidade que sempre procurou impor nas suas intervenções, e que vai de acordo com o cumprimento dos objetivos a que se propôs, aquando da sua constituição.”²

² <http://www.adpbeja.pt/index.php/a-associacao/historial-da-associacao> (Website da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja - Consultado a 30 de julho de 2015).

Anexo IV – Estatutos da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

“ - Praticar tudo o que esteja ao seu alcance quer para a defesa e valorização do património cultural da região de Beja, quer para o impedimento da degradação do meio ambiente em que ela se enquadra;

- Divulgar o património cultural da região através de todos os meios ao seu alcance;

- Proporcionar o apoio possível às instituições já existentes ou a criar posteriormente, que se destinem à salvaguarda do património cultural;

- Sensibilizar a população com iniciativas diversas como colóquios ou exposições, para a importância da salvaguarda do património cultural e aglutinar as pessoas em volta do ideal de dedicação à sua região;

- Alertar as instituições oficiais e particulares para os problemas relativos à região bem como colaborar na sua resolução;

- Colaborar em associações a nível regional, nacional ou mesmo internacional;

- Incentivar a criação de associações deste tipo e prestar-lhes auxílio moral, material e tecnocientífico;

- Pugnar pela criação de museus diversificados (arqueologia, arte sacra, agricultura, antropologia cultural, ou outros de natureza idêntica) bem como apoiar ainda que de uma forma crítica, quando necessário os já existentes.”³

³ <http://www.adpbeja.pt/index.php/a-associacao/historial-da-associacao> (Website da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja - Consultado a 30 de julho de 2015).

Anexo V – Legislação que atesta a criação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Decreto-Lei III Série. Nº 173 de 30 de julho de 1987.

O artigo 11º atesta a criação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

III SÉRIE — N.º 173 — 30-7-1987

10 573

4. Diversos

ASSOCIAÇÃO INTER CÉLTICA

Certifico que, por escritura de 24 de Fevereiro de 1987, lavrada de fl. 134 v.º a fl. 135 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 98-A do Cartório Notarial de Espinho, a cargo da notária Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro, foi constituída uma associação denominada Associação Inter Céltica, com sede na Rua da Fábrica, 20, 2.º, da cidade do Porto, tendo por fim a defesa dos interessados culturais celtas (história, arqueologia, etnografia, folclore, música, dança, línguas, artesanato, desportos, teatro e cinema), sendo constituída por sócios fundadores, sócios de mérito, sócios honorários, sócios ordinários e sócios simpatizantes e exercendo a sua acção através dos corpos gerentes, que são constituídos pela mesa da assembleia geral, direcção, conselho fiscal, conselho jurisdiccional e núcleos internos e externos.

Está conforme ao original.

Cartório Notarial de Espinho, 25 de Fevereiro de 1987. — O Ajudante, José dos Santos Sil. 1-1-8917

GRUPO DE CANTARES POPULARES DE TABUAÇO

Fausto Teixeira Pereira Cardoso, ajudante do Cartório Notarial de Tabuaço:

Certifica que, por escritura de 23 de Junho de 1987, exarada a fl. 37 v.º do livro 146, foi constituída uma associação em que intervieram como outorgantes:

- a) João Joaquim Saraiva Ribeiro, casado;
 - b) Manuel Luís Martins Figueiredo, casado;
 - c) Manuela Maria dos Santos Silva, solteira, maior;
 - d) Ana Maria Alves Figueiredo, solteira, maior;
 - e) Maria Manuela Santos Rodrigues, solteira, maior;
 - f) Nilza da Conceição Coelho, solteira, maior;
 - g) Luís Filipe Macedo, solteiro, maior;
 - h) Eufémia Maria Vaz Machado Moita, solteira, maior;
 - i) Cecília dos Santos Silva, solteira, maior;
 - j) Zita Maria Seixas de Deus Alves Martinho, solteira, maior;
- todos residentes na vila de Tabuaço.

E por todos foi dito que constituem entre si uma associação cultural e recreativa cuja designação, património, sede e duração constam dos artigos seguintes:

ARTIGO 1.º

A associação adopta a designação Grupo de Cantares Populares de Tabuaço e a sua duração será por tempo indeterminado, tendo o seu início a partir de hoje, com sede na vila de Tabuaço.

ARTIGO 3.º

O objecto da associação é divulgar a música popular do concelho de Tabuaço e desenvolver outras actividades de natureza cultural e recreativa.

Sócios efectivos são todos os elementos que constituem o Grupo de Cantares Populares de Tabuaço e só apenas estes.

ARTIGO 6.º

A admissão de sócios só será possível se a direcção do Grupo de Cantares Populares de Tabuaço o considerar necessário.

a) Em caso afirmativo, só com o preenchimento de um impresso próprio, assinado pelo interessado e pelo presidente da direcção do referido Grupo.

3.º Os sócios efectivos exoneram-se a seu pedido, dirigindo-se ao conselho directivo.

5.º A exclusão de qualquer sócio só poderá ser decretada em assembleia geral, com prévia notificação por carta registada ao sócio a excluir.

6.º A exclusão de qualquer sócio só será possível se o mesmo não cumprir fielmente os estatutos ou caso perturbe o bom funcionamento do respectivo Grupo de Cantares.

7.º São órgãos normais da associação a mesa da assembleia geral, o conselho directivo e o conselho fiscal.

ARTIGO 11.º

Qualquer dos órgãos sociais será eleito por voto secreto e o seu mandato terá duração de três anos.

Está conforme ao original, o que certifico.

Cartório Notarial de Tabuaço, 30 de Junho de 1987. — O Ajudante, (Assinatura ilegível.) 1-1-8922

ASSOCIAÇÃO PARA A DEFESA DO PATRIMÓNIO CULTURAL DA REGIÃO DE BEJA

Certifico que, por escritura de 16 de Fevereiro de 1987, lavrada a fls. 28 e seguintes do competente livro n.º 56-A do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Beja, a cargo do notário Manuel Jacinto Vargas Madeira, foi constituída a associação com a denominação Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja, que durará por tempo indeterminado. A Associação tem sede em Beja e a sua acção estender-se-á a toda a região de Beja, nomeadamente do seu distrito, desde que não colida com a de grupos já constituídos ou a constituir com idênticos objectivos.

A Associação tem por fim:

- a) Praticar tudo o que esteja ao seu alcance quer para a defesa e valorização do património cultural da região de Beja quer para o impedimento da degradação do meio ambiente em que ela se enquadra;
- b) Divulgar o património cultural da região através de todos os meios ao seu alcance;
- c) Proporcionar o apoio possível às instituições já existentes ou a criar posteriormente que se destinem à salvaguarda do património cultural;
- d) Sensibilizar a população com iniciativas diversas, como colóquios e exposições, para a importância da salvaguarda do património cultural e aglutinar as pessoas em volta do ideal de dedicação à sua região;
- e) Alertar as instituições oficiais e particulares para os problemas relativos à região, bem como colaborar na sua resolução;
- f) Colaborar em associações congêneras a nível regional, nacional ou mesmo internacional;
- g) Incentivar a criação de associações deste tipo e prestar-lhes auxílio moral, material e técnico-científico;
- h) Pugnar pela criação de museus diversificados (arqueologia, arte sacra, agricultura, antropologia cultural ou outros de natureza idêntica), bem como apoiar, ainda que de uma forma crítica, quando necessário, os já existentes.

A Associação tem as seguintes categorias de sócios: efectivos e honorários.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Beja, 13 de Maio de 1987. — A Escriutária Superior, (Assinatura ilegível.) 1-1-8927

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E RECREATIVA DA MATRIZ

Certifico que, por escritura de 3 do mês corrente, lavrada a fl. 4 do livro de escrituras diversas n.º 22-D do 1.º Cartório da Secretaria Notarial da Póvoa de Varzim, foi alterado o n.º 2 do artigo 6.º dos estatutos da Associação Cultural e Recreativa da Matriz, com sede na Rua do Visconde, da cidade da Póvoa de Varzim, o qual passou a ter a seguinte redacção:

6.º

2 — A direcção é constituída por nove elementos, sendo um presidente, um vice-presidente administrativo, um vice-presidente de cultura e recreio, um vice-presidente desportivo, um relações públicas, um secretário, um tesoureiro, um vogal de cultura e recreio e um vogal de desporto.

Está conforme o original na parte transcrita e certificada.

Secretaria Notarial da Póvoa de Varzim, 11 de Junho de 1987. — O Ajudante, (Assinatura ilegível.) 1-1-8988

Anexo VI – Documento da Secretaria Notarial de Beja que comprova a criação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



SECRETARIA NOTARIAL DE BEJA
3º

NOTÁRIO:
MARIANA RAQUEL TARECO ZORRINHO VIEIRA LIMA

O signatário, Ajudante da Secretaria Notarial de Beja

CERTIFICA

Um — Que a fotocópia apensa a esta certidão está conforme com o original.

Dois — Que foi estuda nesta Secretaria, da escritura exarada de folhas oito e sete a folhas trinta e três do livro de notas para escrituras diversas, número A - cinquenta e seis

Três — Que ocupa oito folhas que têm aposto o selo branco desta Secretaria, estão, todas elas, numeradas e por ele, Ajudante, rubricadas.

Secretaria Notarial de Beja, aos oito de Novembro de mil novecentos e noventa e noventa

CONTA:	
Art. 1.º n.º 1	1 000 000
Art. 1.º n.º 2	600 000
	S
	S
TOTAL	1 600 000
Rubricado e assinado	
Conferido e Reg. n.º 92	

..... Ajudante,



B - Tip. N.º 10, Lda, Tomar

Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

sença simultânea deles. Estabelecido: Maria José Lu
nas, de acordo. Ramado: Primeiro, associa
ção, Associação, associações de vices, in
sumo, sócios, expresso assuntos Associação, Houve
porém, alguns de Associação, de quem não se pode ser efetivamente a

documentos

Inter. para fl. 100 de 100

Luciano José Antunes de Paula
Associação de 100

Associação de 100 de Paula
Associação de 100 de Paula

Associação de 100 de Paula

Associação de 100 de Paula

Associação de 100 de Paula

Associação de 100 de Paula

O Notário

Manuel J. Vargas

Costa registada sob o nº 524-100

Form. 44 - 21.12.77 - To. João, Lda. - Torna

Anexo VII – Ficha de Inscrição para sócios da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Ficha de inscrição

Sócio nº _____

Data: _____

NOME: _____

MORADA: _____

Código Postal _____ - _____

Telefone Nº : _____ **Telemóvel :** _____

E-Mail : _____

Profissão : _____ **Local de Trabalho:** _____

ÁREAS\PROJECTOS EM QUE PODE COLABORAR:

ASSINATURA

APROVAÇÃO: _____

**Anexo VIII – Transcrição da Entrevista ao Dr. Florival Baiôa Monteiro,
Presidente da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja**

maio de 2015

Aluna: A primeira pergunta é como surgiu a ideia de criar a Associação de Defesa do Património de Beja?

Florival Baiôa Monteiro: É fácil, nós estamos portanto em 1978/79, e aquilo a que se assistia era que grande parte do nosso Património, quer o Material quer o Imaterial, estava relativamente degradado e havia pouco cuidado em relação a ele, e houve um movimento nacional, talvez iniciado penso em Santarém e Lisboa, e devido a contatos que tivemos quer com historiadores quer com arqueólogos (com pessoas ligadas a toda a área patrimonial) considerámos importante este movimento. E nós, se não me engano, fomos a segunda Associação do país a ser formada, porque o Património de Beja era uma potencialidade cultural e turística a ser relevada e achámos que seria urgente uma Associação que não só preservasse o Património como desse também a conhecer à população e ao país esse Património.

Aluna: Como foram as primeiras atividades da Associação? Em que áreas atuaram? Recorda-se de quais foram?

Florival Baiôa Monteiro: Nós servimos muitas vezes como um ponto de pressão junto das Instituições para que tenham mais sensibilidade em relação ao Património. Decidimos também realizar um conjunto de atividades que nós podemos também colocar no campo da animação sociocultural, nomeadamente através da tradição das Maias, que se estavam a perder e eram dois mil anos de história; a parte da doçaria conventual pois registámos que nos restaurantes e pastelarias não havia nada sobre doçaria conventual e nós temos uma doçaria conventual riquíssima talvez a mais rica do país; as próprias olarias de Beringel; as mantas de lã. Portanto conjuntos de Património que se estavam a perder e se não houvesse alguém a dinamizar essas áreas, muito provavelmente se perderiam e também não movimentariam em termos económico, isso era extremamente importante para nós. Por outro lado era importante mobilizar a população para esta riqueza artística e histórica que nós temos. De maneira que foram talvez as primeiras preocupações que

nós tivemos, depois de estarmos formalizados em termos legais, de termos uma sede e inclusivamente fazíamos várias Conferências temáticas sobre a região e também demos assistência a formação de outras Associações.

Aluna: Qual pensa ser a imagem da Associação de Defesa do Património junto da população de Beja?

Florival Baiôa Monteiro: Eu penso que tem um prestígio grande porque no princípio, nós somos independentes do poder político (sempre o fomos). É uma Associação que nunca foi de forma tentada partidarizada, portanto, isto permite-nos a nós sermos independentes em termos de políticas Culturais, e penso que desta maneira nós conseguimos junto da população ter esse prestígio. Ainda hoje é constante, quando há alguma coisa mal, algum edifício que está a ser mal tratado, alguma fachada de azulejos que se está a perder, a população vem ter connosco. Muitas vezes em vez de ir ter com a Câmara, vem ter connosco.

Aluna: Considera que os apoios dados a estas ONG são suficientes?

Florival Baiôa Monteiro: Para já nós somos uma Associação. E como Associação temos que ter as verbas suficientes para viver e sobreviver independentemente das Instituições. Nós temos tido vários apoios, desde sempre, das Instituições quer Governamentais (ao nível local e ao nível regional e também ao nível nacional). Mas esses apoios nunca foram suficientemente grandes para que pudessem de alguma maneira dominar a nossa política Cultural. Depois tivemos bastantes apoios a nível empresarial, em determinada altura. Com a crise desde 2008 – a verdade é que a região de Beja tem menor peso económico e financeiro – e os apoios e donativos tem sido menores. No entanto não é uma Associação que tenha grandes necessidades financeiras. Quando queremos algumas verbas para o funcionamento interno – isso é o que mais nos preocupa e mesmo assim, no funcionamento interno se quisermos ter alguém a trabalhar cá tem alguma grandeza financeira – até agora temos conseguido com atividades de animação. Por outro lado temos um conjunto de sócios que também contribui razoavelmente para o nosso orçamento.

Aluna: O que pensa acerca do futuro deste tipo de Associações e muito particularmente da ADP de Beja?

Florival Baiôa Monteiro: A Associação de Defesa do Património de Beja está razoavelmente solidificada. Nós já temos 30 anos de vida, está solidificada, tem prestígio, conseguimos ter acesso a todas as Instituições e conversar com as Instituições e empresas o que significa que tem prestígio. Por outro lado tem algum *know-how* de como deve funcionar uma Associação. Nunca quisemos dar o passo para ter uma Associação do tipo empresa, nós temos todos os órgãos gerentes e todos os sócios trabalham voluntariamente. Portanto o problema financeiro não é de facto o nosso maior problema, o problema é que gostaríamos que a população fosse mais ativa em termos de cidadania. Mas no movimento associativo local e regional parece-me que a situação não é de facto agradável porque há sempre necessidade de apoios, principalmente apoios autárquicos que são os apoios que estão mais próximos e as Associações não conseguem neste momento ter este apoio. Para nós em termos de movimento associativo pensamos que há muitas Associações que neste momento não tem qualquer atividade. É-lhes impossível ter essa atividade quer por falta de apoios quer por falta de motivações da cidadania ativa de grande parte dos cidadãos. Por nós não temos esse problema neste momento, mas muitas Associações de facto estão numa fase letárgica e mesmo doentia.

Aluna: Sim, carecem de apoios não é?

Florival Baiôa Monteiro: Apoios e voluntarismo de cidadania por parte das pessoas.

Anexo IX – Transcrição da Entrevista ao Dr. Leonel Borrela, Sócio Fundador da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

maio de 2015

Aluna: Como surgiu a ideia da criação da Associação de Defesa do Património de Beja?

Leonel Borrela: A ideia dessa Associação, criada após o 25 de abril, surgiu antes do 25 de abril com a criação do Centro de Juventude – um Centro piloto para a Juventude, que de alguma maneira no tempo de Marcelo Caetano iria substituir no seu funcionamento e na agregação dos órgãos a Mocidade Portuguesa. Esse Centro de Juventude tinha várias secções Culturais, portanto várias secções de carácter mais utilitário como o mergulho, por exemplo, mas também tinha a Arqueologia, Artes Plásticas, Fotografias, Cinema, estúdio de som para gravação de entrevistas, etc. Foi aí que a maioria dos elementos – ou alguns elementos – que fundaram esta Associação de Defesa do Património da Região de Beja do pós 25 de abril, nos quais me incluo, foi aí que a maioria dos elementos mais velhos passaram, em reuniões ou visitas de estudo com o Doutor Fernandes Nunes Ribeiro; com o Professor Pereira Guerreiro que dava aulas de História no Liceu; com o Professor Aiveca que foi homenageado há muito pouco tempo com o nome numa das ruas da cidade, era Professor do Magistério foi Inspetor Escolar; com o seu cunhado Rocha que era um homem multifacetado com conhecimentos variados; com o Zé Luís que trabalhava na Câmara Municipal; com o Luciano Caetano da Rosa. Portanto foram muito os elementos – o Rui Almodôvar que também já faleceu, que salvo erro pagou a publicação dos Estatutos da Associação de Defesa do Património no Diário da República. Portanto foram cerca de 10 pessoas que assinaram os Estatutos e que são considerados os sócios fundadores.

Aluna: Como foram os primeiros anos da ADP⁴? Em que áreas atuaram?

Leonel Borrela: Pois eu não disse antes mas houve a necessidade de constituir uma Associação de Defesa do Património porque se notava que o Património edificado da cidade de Beja, e algumas peças de etnografia, portanto o arade antigo, as peças da lavoura antiga, as peças rurais estavam a perder-se e alguns edifícios estavam bastante

⁴ ADP: Associação de Defesa do Património.

degradados. Daí a Associação ser constituída para prevenir e salvaguardar estes monumentos, este Património Cultural. Pensava-se na altura que seria necessário reunir com a Câmara Municipal, num concelho consultivo – meramente consultivo – onde nós alertávamos os técnicos da Câmara para determinadas situações que se estavam a passar e a Câmara fazia a sua intervenção, de acordo também de alguma maneira com a Direção-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Tudo isto estava concertado para que tudo corresse da melhor maneira possível e dentro da maior legalidade possível. Não deixando destruir o que se estava a destruir a olhos vivos. Era essencialmente isso, Claro que também a Associação podia promover algumas Festas, podia colaborar com algumas Festas mas a intenção primordial não era essa. Era a de precaver a destruição dos edifícios. Evitar que isso acontecesse, que a cidade comesse a ter um rosto diferente, as ruas com casas diferentes, ao sabor de cada um sem sótuos como quando no tempo de Abel Viana nos anos 40 ou 50 já havia leis camarárias e posturas em que a cantaria deveria ser protegida, a janela não deveria ter posteiros de plástico – pois não havia plástico nessa altura mas surgiu mais tarde – tudo isso estava encaminhado.

Aluna: Considera o trabalho que a ADP faz em prol do património de Beja necessário?

Leonel Borrela: É necessária toda a atividade que a Associação de Defesa do Património faz no sentido de divulgar o Património Cultural de Beja. Mas é necessário que tenha uma intervenção que não tem tido tanto, tem andado ao lado dela mas não com a intervenção devida que deveria ter que é o denunciar os edifícios que estão degradados, ou que estão a ter um rosto diferente ou cujo projeto foi aprovado, portanto todas essas modificações que a cidade tem em relação à sua tradição, em relação à sua história e em relação a tudo aquilo que se considera Monumento, a Associação deveria ter uma intervenção mais forte, mais positiva, mais actante, com mais visitas à Câmara, falando mais com os técnicos, dando possibilidade até aos próprios membros da Associação de intervirem legalmente no sítio onde estão e de poderem denunciar determinadas situações.

Aluna: Como vê o futuro da ADP?

Leonel Borrela: Eu gostava de não ver o futuro da Associação de Defesa do Património como uma entidade editora de livros sem intervir diretamente na defesa do Património Cultural – agora temos o Imaterial também mas esse parece-me estar no melhor caminho. Precisamos é de constituir, com a ajuda da Associação e das mais diversas entidades e com as escolas. Era necessário constituir o Museu da Agricultura, um Museu Etnográfico

que não existe em Beja – que é estranho que não exista-, num espaço tão grande como o Concelho de Beja, não existir um Museu que reúna peças que são fundamentais para as grandes mudanças que se processaram desde o final do século XIX até hoje. E agora temos aí a EDIA com os blocos de rega, com o empreendimento dos sistemas plúvios, portanto isso faz com que com que muitos dos apetrechos das alfaias tradicionais que se utilizavam deixem de se utilizar. Os sistemas são completamente diferentes e aquilo que se vai produzir também vai ser um produto diferente. Portanto a Associação não pode só fazer “festinhas”, publicar livros – mesmo que esses livros sejam inventários como o da Azulejaria que saiu agora e ainda bem que saiu ou o das fotografias de Beja bastante antigas – isso não é suficiente, a Associação tem que ter uma intervenção mais forte, mais direta s junto da Câmara, junto dos Engenheiros, junto dos Arquitetos, junto dos operários que trabalham na Construção de uma casa que se encontra fortuitamente para que o edifício que tem que ser modificado – se é que tem que ser – não se deixe até certo ponto, algum vestígio de alguma coisa que seja importante, portanto tem que atender melhor áquilo que é Património edificado, pois com esta história da reclassificação e das requalificações dos edifícios há muita coisa que se está a permitir fazer e que não se devia deixar fazer.

Anexo X – Antigas Iniciativas da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Anexo X.I - Concurso de Cantares Alentejanos, 1988



Fonte Diário do Alentejo



Fonte Diário do Alentejo

Ficha de inscrição para o Concurso de Cantares Alentejanos, 1989



CONCURSO DE CANTARES ALENTEJANOS

BEJA, 8 DE JULHO DE 1989

Rua da Misericórdia, 10
7800 BEJA

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

①

Nome do Grupo: Grupo Coral e Estudantil Infantil "OS CARAPINHAS"
 Endereço: Rua Bairro Coquecave Telefone: 42449
 Localidade Castro Verde Código Postal: _____
 Concorre ao traje: Sim Não *Ja existe colheita*

Historial do Grupo:
 Data da fundação: 27/3/87 Nome dos Fundadores: CASTA CASTRO VERDE -
Assoc. Defesa Patrim.
N.º. Cult. C. Verde
Castro Verde
 Número de elementos: 30
 Gravações: _____
 Outras informações: _____

Responsável do Grupo: Dr. José Francisco Cláudio Guerreiro
 Morada: Rua Monte Telefone: 21650086
 Localidade: Castro Verde C.P. 7800

Elemento a destacar para o Juri: (a)
 Nome: José Afonso Toure
 Morada: Rua Bairro Coquecave Telefone: _____
 Localidade: Castro Verde C.P.: _____

(a) O ELEMENTO A DESTACAR PARA O JURI DEVE TER CONHECIMENTOS DO CANTO DO BAIXO-ALENTEJO E NÃO INTEGRAR O GRUPO CORAL.

Assinatura

[Handwritten signature]

Ordem dos Grupos de Concurso de Cantares Alentejanos, s.d

CONCURSO DE CANTARES ALENTEJANOS

Ordem de saída dos grupos

- 1 - Grupo Coral e Etnográfico Infantil "Os Carapinhas"
Castro Verde
- 2 - Grupo Coral Infantil da Casa do Povo de Alfundão
Alfundão
- 3 - Grupo Coral de Odemira
Odemira
- 4 - Grupo Coral dos "Trabalhadores Rurais" de St^a. Marg.
do Sado
Santa Margarida do Sado
- 5 - Grupo Coral "Os Cubenses Amigos do Cante"
Cuba
- 6 - Grupo Coral Alentejano "Os Amigos do Barreiro"
Barreiro
- 7 - Grupo Coral e Etnográfico "As Camponesas"
Castro Verde
- 8 - Grupo Coral Fem. "As Antigas Mondadeiras" de Casével
Casével
- 9 - Grupo Coral "Os Mineiros de Aljustrel"
Aljustrel
- 10 - Grupo Coral Feminino de Cuba
Cuba
- 11 - Grupo Coral e Etnográfico da Casa do Povo de Peroguarda
Peroguarda
- 12 - Grupo Coral "25 de Abril" de Amareleja
Amareleja
- 13 - Grupo Coral "Externato António Sérgio"
Beringel
- 14 - Grupo Coral da J. Freg. de Aldeia dos Fernandes
Aldeia dos Fernandes
- 15 - Grupo Coral "Corticeiros" de Vila Alva
Vila Alva
- 16 - Grupo Coral Feminino da J. Freg. de Ervidel
Ervidel
- 17 - Grupo Coral dos Bombeiros Voluntários de Beja
Beja
- 18 - Grupo Coral e Etnográfico "Moda Campaniça"
Castro Verde
- 19 - Grupo Coral "Ceifeiros" da Casa do Povo de Cuba
Cuba
- 20 - Grupo Coral da Casa do Povo de Cercal do Alentejo
Cercal do Alentejo
- 21 - Grupo Coral "Os Rurais" de Figueira de Cavaleiros
Figueira de Cavaleiros
- 22 - Grupo Coral da Casa do Povo de Alfundão
Alfundão
- 23 - Grupo Coral da Casa do Povo de Pedrogão do Alentejo
Pedrogão do Alentejo
- 24 - Rancho de Cantadores de Aldeia Nova de S. Bento
Vila Nova de S. Bento
- 25 - Grupo Coral da Casa do Povo de St^a. A. da Restauração
Santo Aleixo da Restauração
- 26 - Grupo Coral "Mineiros de S. João"
Aljustrel
- 27 - Grupo Coral de S. João de Negrilhos
S. João de Negrilhos (Montes Velhos)
- 28 - Grupo Coral Feminino "M.O.N." - Aljustrel

Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Certificado de Participação do Concurso de Fotografia, 2002



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Anexo X.II - II Mostra de Doçaria Tradicional do Baixo Alentejo, 1988



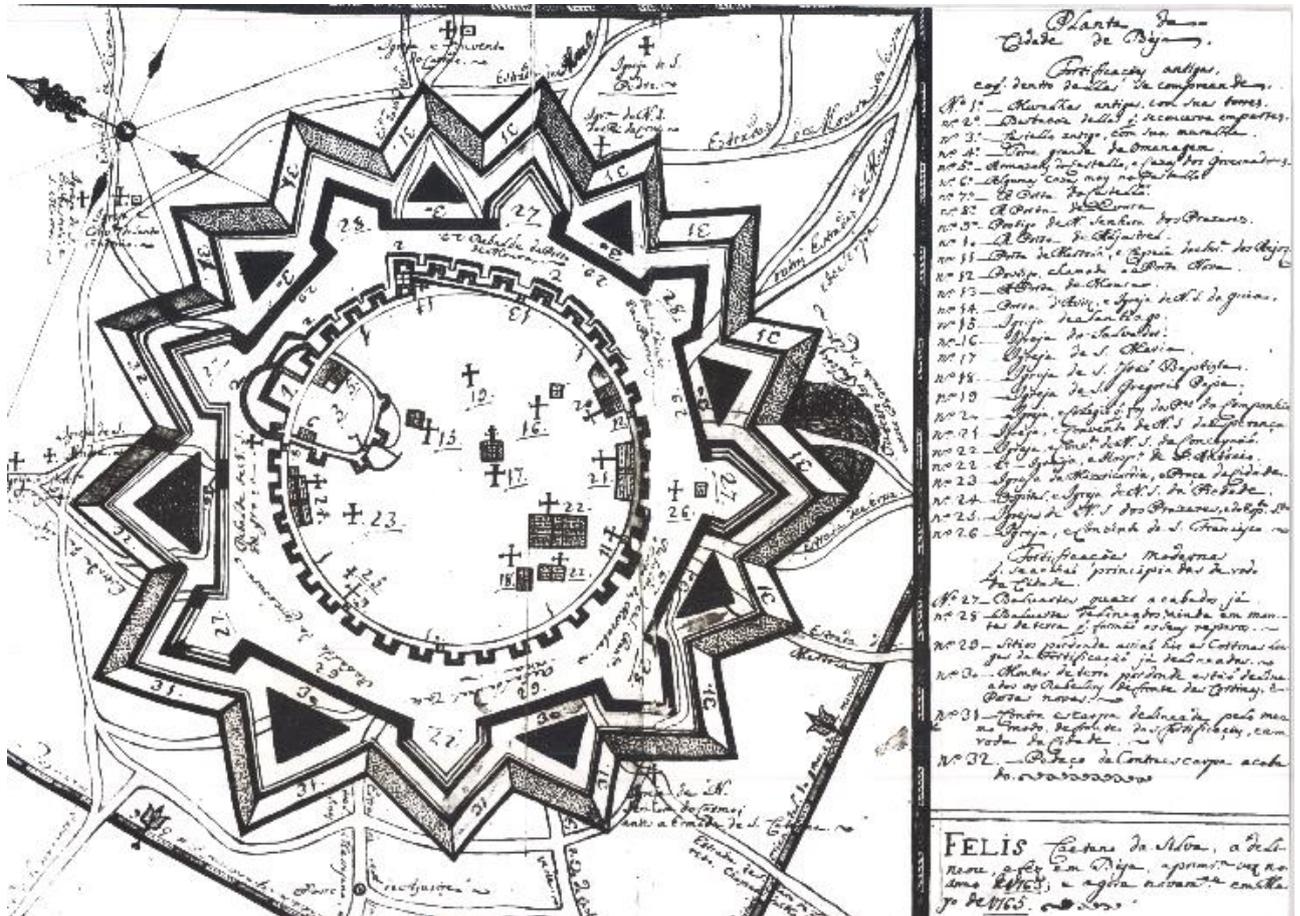
Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Anexo XI – Mapas da cidade de Beja

Anexo XI.I - Planta da cidade de Beja, 1765



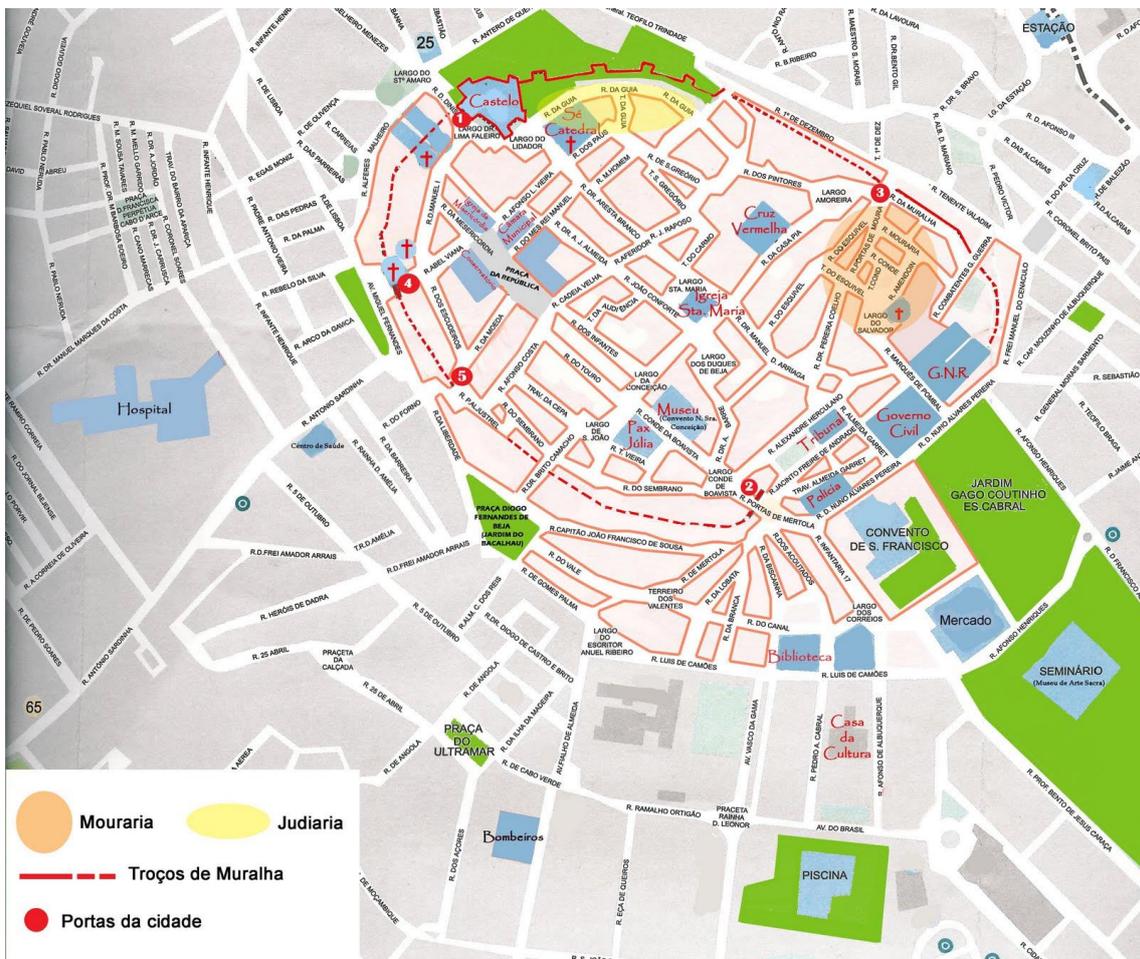
Fonte Câmara Municipal de Beja

Anexo XI.II - Mapa da cidade de Beja do último quartel do século XIX



Fonte Câmara Municipal de Beja

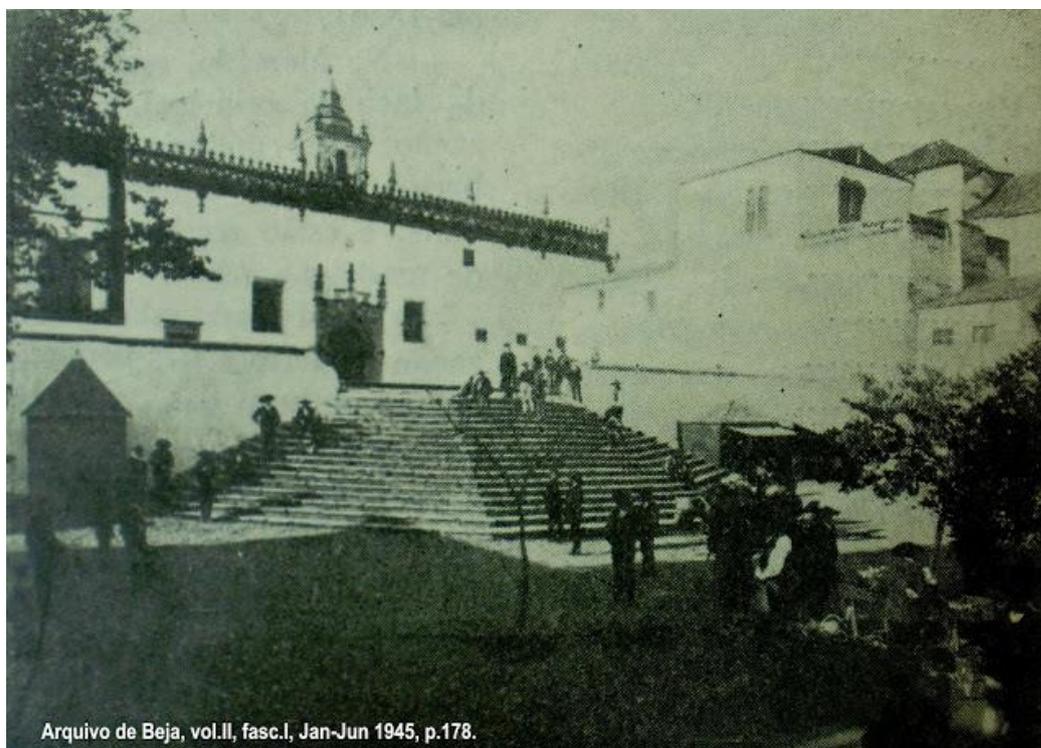
Anexo XI.III - Mapa da cidade de Beja com as características antigas como o traçado das antigas muralhas e as Portas da cidade, s.d



Fonte Blog “Beja y Arrabaldes”

Anexo XII – Museus e Núcleos Museológicos da cidade de Beja

Antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição e Paço dos Infantes, século XIX



Fonte Revista Arquivo de Beja

Museu Regional de Beja, s.d



Fonte Diário do Alentejo

Museu Jorge Vieira – Casa das Artes s.d



Fonte Câmara Municipal de Beja

Núcleo Visigótico de Beja inserido na Igreja de Santo Amaro, s.d



Fonte Núcleo Visigótico de Beja

Núcleo Museológico da Rua do Sembrano, 2014



Fonte Marta Gonçalves

Anexo XIII – Castelo de Beja

Pormenor do Castelo de Beja e Centro Social do Lidador, 2014



Fonte Marta Gonçalves

Casa do Governador dentro das muralhas do Castelo, que abriga o Posto de Turismo, o antigo Museu Militar (que se encontra fechado ao público) e um café, 2014



Fonte Marta Gonçalves

Anexo XIV – Antigas Tradições de Beja

Festival Entrudanças em Entradas, 2015



Fonte Página de Facebook do Festival Entrudanças

Quinta-feira da Ascensão, o dia da apanha da Espiga, s.d



Fonte Rádio Voz da Planície

Festas em Honra do Santíssimo Sacramento, s.d



Fonte Blog "Cuba Filietelia"

Missa integrada na Festa do Galo, 1987



Fonte Associação de Antigos Alunos do Liceu de Beja

Aspeto de um Mastro Popular antigo no Penedo Gordo, 1994



Fonte: Diário do Alentejo

Aspeto atual de um Mastro Popular em Beja, 2013



Fonte: Página do Facebook dos Mastros do Bairro Social de Beja

Anexo XV – Fotografias da Feira de São Lourenço e Santa Maria

Aspeto da entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



BEJA - Um arco de entrada da Feira de Agosto
Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto da entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto da entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



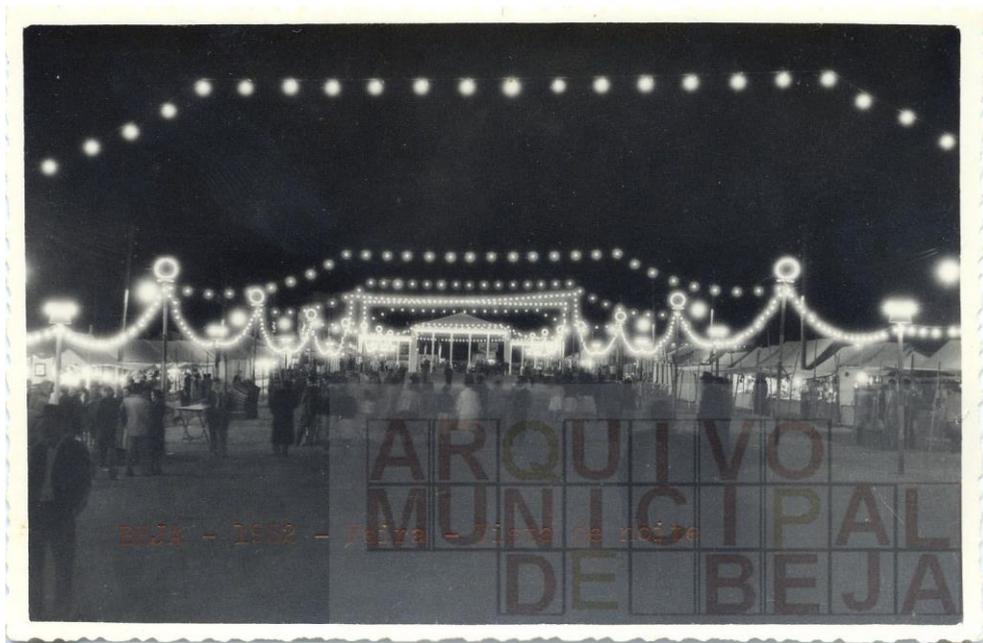
Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto do arco de entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto do arco de entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



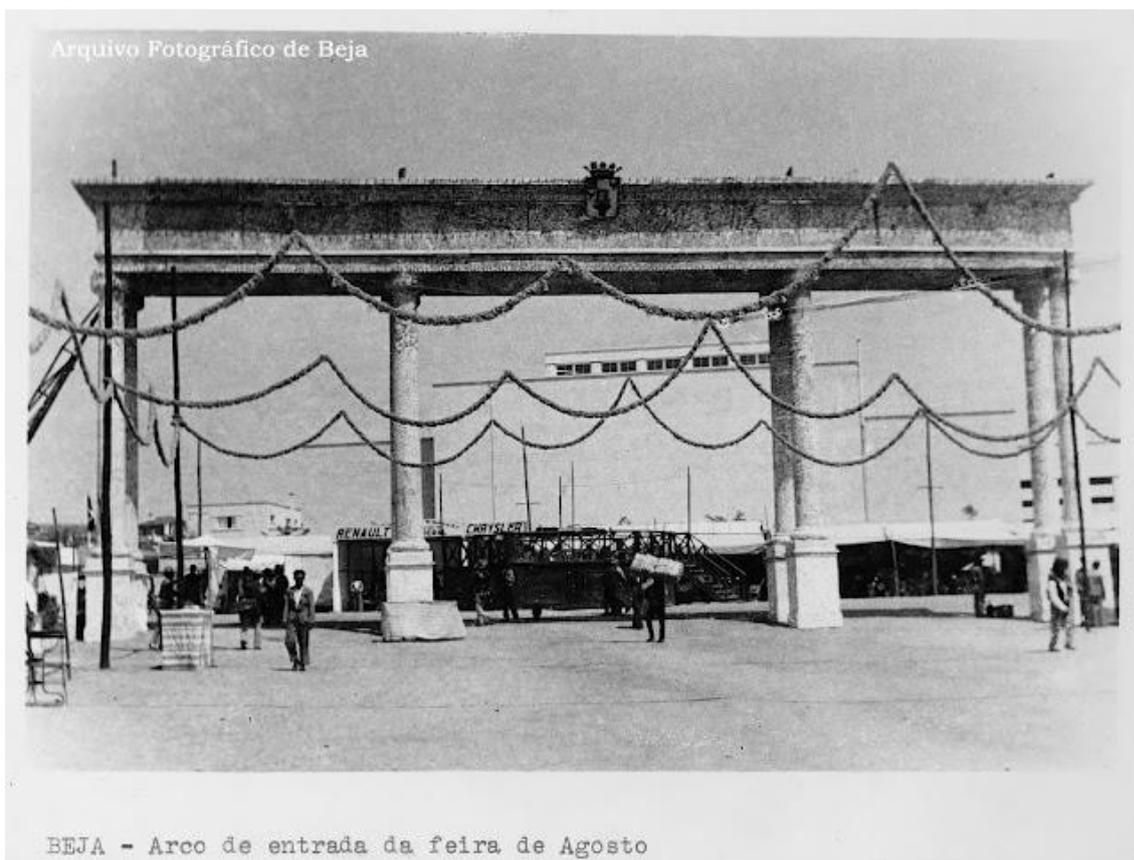
Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto da entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto da entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, 1940



Fonte Arquivo Municipal de Beja



Aspeto do arco de entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, 1941



Fonte Beja 100 anos de Imagens

Aspeto da entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, 1985



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto da entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, 1987



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Aspeto do arco de entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto da entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, 1989



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto do arco de entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, 1995



Fonte Diário do Alentejo

Aspeto da entrada da Feira de São Lourenço e Santa Maria, 1995



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto geral da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto das atrações da Feira de São Lourenço e Santa Maria, 1961



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto geral da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto da preparação da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Exposições na Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Restauração na Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto das barracas de comes e bebes da Feira de São Lourenço e Santa Maria, 2001



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspetto dos produtos transacionados na Feira de São Lourenço e Santa Maria, 2001



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspetto dos produtos transacionados na Feira de São Lourenço e Santa Maria, 2001



Fonte Arquivo Municipal de Beja

Aspeto da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Diário do Alentejo

Visita do General Craveiro Lopes à Feira de São Lourenço e Santa Maria, 1952



Arquivo Fotográfico de Beja

Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Transação de gado na Feira de São Lourenço e Santa Maria, adpBEJA



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Feira de gado na Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Aspeto das diversões da Feira de São Lourenço e Santa Maria, s.d



Fonte Diário do Alentejo

Anexo XVI – Transcrição do excerto do livro *Quatro décadas de Beja: uma busca das bruscas transformações 1950-1989* de David Argel e Helena Guerreiro Marques

“A grande feira de Beja, que ainda hoje se realiza na primeira quinzena de agosto, e que em 1499 foi instituída por D. Manuel I, em 1845 prolongava-se apenas por um período de seis dias. Mas já nesta data existia o «Largo da Feira»⁵, Espaço que foi mudando de acordo com as exigências da construção, sendo hoje inclusivamente conhecido por Urbanização do Campo da Feira uma das últimas zonas residenciais. Isto é, hoje casas onde ontem haviam searas (...) Se com algum pormenor seguirmos o percurso espacial da feira, verificamos que, em finais do século XIX, se realizava no local hoje chamado Avenida Miguel Fernandes que consta em planta da época como Largo da Corredoura⁶, garantindo testemunhas oculares que já neste século, teve lugar no espaço que, na década de 30, veio a ser ocupado pelo Liceu, de onde, na mesma década, saiu um pouco mais para sul, vindo então a ocupar local diferente, de onde foi afastada pela construção do edifício da Junta de Província (inaugurado em 1946). Passa então a localizar-se imediatamente a sul do antigo Matadouro Municipal⁷, já demolido, que se situava entre os atuais edifícios dos Correios e da «Casa da Cultura». A construção do seu pórtico, feita em 1947. A edificação de vivendas nessa área leva a que, em 1956, a feira passe a centrar-se no local onde hoje se situa a Escola Secundária nº2⁸, que primitivamente se chamou «Escola Industrial e Comercial de Beja». Disto é indício a notícia do arrendamento em 3/8/1955 de um ferragial nessa área, para recinto da feira. Em 1957, foi aprovada a construção do Bairro da Federação das Caixas de Previdência (Bairro da Caixa), da Escola Industrial e Comercial e da «urbanização do local onde se tem realizado as feiras e mercados», pelo que de novo a feira foi deslocada, desta vez para leste do Estádio Municipal, mandando as entidades camarárias proceder ao «arranjo da nova feira». Em, 1982, a aprovação do plano de «Urbanização do Campo da Feira» arreda mais uma vez a feira do seu espaço, passando esta a ocupar os terrenos situados nas traseiras da Rua de São Tomé e Príncipe que confina, a sudoeste, com a Escola

⁵ Zona correntemente denominada de Largo de Santa Maria da Feira, onde se localiza a Igreja de Santa Maria e União de Freguesias de Santiago Maior e São João Batista e União de Freguesias de Santa Maria e Salvador a funcionar no mesmo edifício conjunto.

⁶ O Largo da Corredoura era conhecido como o largo por onde o gado passava.

⁷ Local onde hoje em dia se situa a Casa da Cultura de Beja na Rua Luís de Camões.

⁸ Atual Escola Secundária c/3º Ciclo Dom Manuel I.

Secundária nº2. (...) Estas andanças são bem reveladoras de como a feira antecede a urbanização nos solos e de como o seu movimento tem constituído sempre um indicativo das próximas áreas a urbanizar. É a feira a fugir da construção, ao invés do que ocorria nas primeiras décadas do século, em que as casas e os equipamentos vizinhavam com a feira, constituindo um precioso apoio aos feirantes. Não é casual o facto de a maioria das estalagens se terem localizado na proximidade dos locais das feiras nem de aí também sempre terem existido chafarizes-bebedouros. A importância da feira nesse período, e até meados de 60, era evidentemente, muito maior do que é hoje, quer para as populações rurais, quer para as urbanas, mormente para as primeiras. Terminadas as debulhas, havia dinheiro novo e a feira de agosto era aguardada para as grandes transações (...)”

Anexo XVII – Periódicos e Revistas com artigos sobre a Feira de São Lourenço e Santa Maria

Revista *Pax Júlia*, Nº1

PAX-JULIA

FEIRAS DE BEJA

A feira de Beja era, sem duvida, das mais notaveis do país, e a primeira do Alentejo; porem, a criação do Mercado Central e as recentes leis sobre cereais, tem-na feito decair imensamente, por isso que, as transacções daquelles generos deixaram de realizar-se pelo S. Lourenço e Santa Maria. Apezar de tudo, porem, a feira de Beja continua sendo a primeira do distrito e uma das mais importantes da provincia. A feira de Beja, que ia de 1 a 16 de Agosto, concedeu D. Manuel por carta regia de

disfrutando ambas os privilegios da de Agosto.

Notando, pouco depois, que esta segunda feira coincidia repetidas vezes com as festas da Semana Santa, pediram e alcançaram o alvará de 1647 que determina que a feira de Março passe a fazer-se de 17 a 25 de Abril.

Assim continuaram as coisas até que D. João V, a pedido dos procuradores do povo de Beja, e atendendo a que a referida cidade era bastante populosa, e o centro de muitas aldeias e logares



Um trecho da antiga feira de Beja

1499 grandes e valiosos privilegios que foram confirmados por D. João III em 1530 e mais tarde pelo infante D. Luiz.

Convencidos os bejenses que tão prolongada feira era extremamente desvantajosa, conseguiram, por intermedio dos seus procuradores, que as Cortes reunidas em Lisboa em 1642, determinassem que a Feira de Agosto, que até então durava 16 dias fosse dividida em duas, indo uma desde a vespера de S. Lourenço até ao dia 16, e principiando a outra a 17 de Março e terminando a 25 do mesmo mês, mas

do seu termo, determinou, em provisão de 1719 que nela se fizesse uma feira em um dia de cada semana.

No terceiro quartel do seculo passado, os lavradores de Beja tentam acabar com o antigo habito de irem a Évora vender os queijos e as lãs dos seus numerosos rebanhos; por isso criaram em 1861, a feira de 19 e 20 de maio; mas a rotina, a dificuldade de em colocar as lãs não vendidas em o novo mercado, a falta de capitais nalguns, a pouca compreensão de muitos, a indiferença e a nenhuma persistencia de todos, fizeram com que tão auspiciosa tentativa

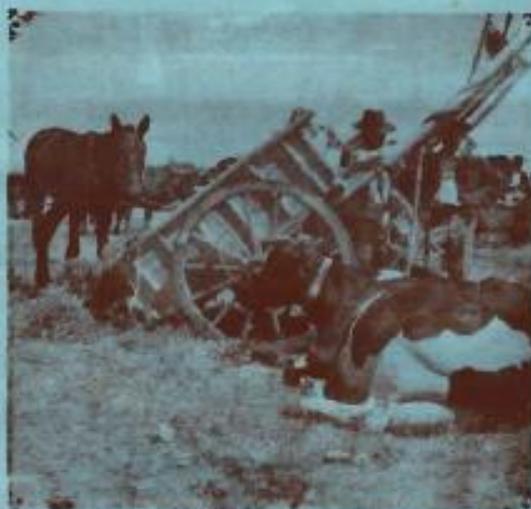
O BEJENSE

1261



1953

A TRADICIONAL FEIRA DE AGOSTO



Aspecto duma Feira de Gado

Amor se fores á feira
Traz-me uma prenda galante ...

Não tragas nada do ourives,
Um pucarinho é bastante.

ANTONIO SARDINHA

A Feira de Agosto, em Beja

A criação de mercados e feiras francas em toda a Terra Portuguesa foi obra de el-rei D. Dinis.

São passados portanto mais de 600 anos desde a sua criação.

No decurso dos séculos o tempo que todo venceu havia de transformar as feiras francas numa feição acidentalmente moderna, mal detendo ver hoje, na sua parte d'alá, o cunho ancestral e primitivo que as caracteriza.

Sobretudo as feiras de menor monta ainda hoje conservam algo desse cunho primitivo.

As feiras alentejanas e algarvias (as que em qualquer melhor modo inteiramente mudadas, v. g., por exemplo, as feiras de Agosto (S. Lourenço e Santa Maria), em Beja, a de S. João, em Évora, a de S. Mateus, em Elvas, as de Moura, e Serpa, e Estremoz, e Vila Viçosa, e Burgunços, etc.

O que conservam da marca primeira, que ainda sobrevive, é a chamada «corredoiros» — exposição de gado de toda a espécie para compra, venda e, às vezes, trocas — o velho circo, a barraca de fantochos, as barracas de tendeiros com quinquilharias, as barracas de doces e bebes onde, em certos locais, se vende vinho da região, e pouco mais.

Os realejos, o homem com o urso a fazer habilidades enquanto que a mulher, com uma bandeirinha, vai pedinchar algumas moedas e os filhos tocam jandeiros, já raramente se vêem.

Mas, por outra parte, nas cidades e vilas as mais importantes ainda se assiste hoje, por ocasião da feira, à típica tourada de gala de feição acidentalmente bárbara e ancestral.

As touradas são espectáculos que remontam à Idade Média. Eram divertimentos predilectos a que se entregavam nas horas de ócio (que tantas eram) os nobres fidalgos. Nas praças defrontavam as feras com bravura e arrojo e audácia e com requintes de valentia selvática. E nessa luta do homem com o touro, quase desafio, o próprio homem mostrava sua destreza e habilidade e ainda a mostra hoje.

As feiras nas vilas francas e cidades foram sempre um acontecimento regional e local das mais importantes do ano. Por isso mesmo, a elas acorre o povo da região onde a feira tem lugar, e, às vezes, de regiões vizinhas ou distantes para comerciar, vender ou comprar gados ou produtos agrícolas e industriais. Ao mesmo tempo são elas centros de convívio social e de divertimentos.

Quem há uns 35 ou 40 anos conhece a feira de Agosto vê quanto ela está hoje mudada!

Não perdendo contudo certa feição regional e local que ainda conserva, a feira de Beja é diferente do que era outrora. É certo que perdeu muito do seu tipicismo que lhe era peculiar, seu carácter regional, melhor direi, sua feição etnográfica, para se transformar numa feira-exposição, não apenas de produtos da região, senão também de outras regiões e, o que é mais alhá, de artigos manufacturados e maquinismos estrangeiros.

A feira de Agosto, em Beja, é uma das mais importantes do País. Além da «corredoiros» que é notável, ela oferece, de noite, um aspecto maravilhoso na iluminação caduça, na disposição das barracas e arruamentos, nos pavilhões os mais diversos onde se expõem maquinismos modernos estrangeiros (tractores de diversas marcas e fábricas, uma, pequena, outra, grandes e potentes, esfeiras, esfeiras-dubu-

hadoras, acmeadores mecânicos, cultivadores, adubadores, máquinas para descascar arroz, debulhar o milho, máquinas para charruar a terra e gradá-la, etc.).

Os pavilhões onde se expõem automóveis, camiões, furgonetas, de diversas marcas, são dos mais importantes.

São deveras notáveis também os pavilhões agropecuários onde o visitante pode ver quadros alusivos à criação, tratamento e cultura dos animais domésticos ou receber folhetos de propaganda que contém ensinamentos úteis.

Outros pavilhões tratam dos cuidados que o lavrador-agricultor deve ter com o cultivo da terra, sua preparação, adubação e desinfectação, e os cuidados a observar com a limpeza e desinfectação dos pomares, o tratamento das árvores, dos frutos e das sementes.

Há ruas, na feira, onde estão expostos para venda os mais diversos artigos: enfiado fino e grosseiro, artigos de ourivesaria, muitas alentejanas de Castro Verde e Beja, artigos de palha algarvia (golpelha, esteiras grandes e pequenas, esteiros, capoteas para os carros de parêdo, balas onde os trabalhadores rurais levam o almoço e a merenda para o trabalho, alefas, chapéus, cestas, vassouras de cabo ou sem ele, etc., etc.).

Há barracas com loiça fina ou grosseira, de porcelana ou de barro, loiça de Estremoz, das Caldas, de Coimbra, de Sacavém, etc.; há-as com artigos de cobre que servem de ornamento, artigos fabricados por artesãos algarvios, de Loulé, de Silves, ou mesmo de Lagos.

Não faltam carros nem carrinhas, alentejanas e algarvias, artigos de intaria e tanosaria, trabalhos de marcenaria, de ferro forjado, cestas e cestos finos e grosseiros, canastras, barretes e travas de madeira de castanho, varas de varejar, agulhadas, etc., etc.

Nela não faltam ruas com tendas onde se vendem frutos próprios da época: melancias e melões, peras, peros e maçãs, de Monchique, de Portalegre, etc., e o torréio-de-alicante feito de amêndoas, mel e farinha, as ervilhas e as tâmaras.

Os carruéis, os cavaleiros, os automóveis, movidos a electricidade, e os circo em que se faz uma algarvia esurdredora são outros tantos motivos de atracção e de divertimentos da rapaziada e, até, dos adultos e pessoas idosas.

Há pavilhões onde, em jaulas, se expõem aos visitantes, melhor direi, aos feirantes certos animais ferozes.

O Poço da Morte em que motociclistas fazem acrobacias; as barracas prodigiosas com uma mulher transformada em aranha, ou uma pessoa só com cabeça ou ainda a transmissão do pensamento; as barracas de tiro; os aeroplano, etc., são outros tantos atractivos que convidam os feirantes ou simples curiosos a se divertirem, já se vê pagando, e alimentarem a curiosidade com o que ainda não viram.

Mas a feira, sobretudo para o que vive na cidade, é um lugar agradável de passeio e de distracção, nas noites quentes de Agosto.

Nos dias de S. Lourenço (dia 10) e de Santa Maria (dia 15) as ruas principais da feira estão apinhadas de gente que, a custo, consegue movimentar-se.

Nesses dias principais era costume tradicional as raparigas, com certo ar de elegância e atracção,

Notas Histórico-Económicas

A primeira feira de Beja

por F. C. Soares Victor (*)

As feiras — cuja origem é mal conhecida — surgiram talvez, segundo opina o esclarecido historiador Lucio de Azevedo, espontaneamente, *derivando da necessidade*.

O seu aparecimento, contudo, ascende às mais remotas eras e, no expressivo dizer de Herbert Spencer, constitui a *onda comercial* no seu primitivo estágio.

Em seu substancioso estudo «Mercados Comerciais» o Professor Amzalak ensina-nos, ao falar na antiquíssima civilização da China, que os mercadores são já citados nos velhos ritos de Tchou-Li, escritos quase dois milénios antes de Cristo.

Tal facto, cremos nós, ilustra de maneira singular a vetustez deste fenómeno económico-social donde, na verdade, advieram as mais assinaladas vantagens para o progresso mercantil.

As feiras, no nosso país, datam dos prístinos tempos da sua fundação e tiveram notável incremento no reinado de D. Afonso III, insigne monarca, a quem cabe a honra de haver sido o fundador da Fazenda Pública.

A este rei se deve a criação da primeira feira que houve em Beja.

O diploma da sua instituição redigido em latim bárbaro, está incorporado na Chancelaria de D. Afonso III, no Livro I, a folhas 52 v. col. 1.ª, do Arquivo Nacional.

E porque ele tem apreciável importância para a história medieval de Beja, aproveitamos esta bem escolhida oportunidade, para o dar a conhecer aos nossos leitores, amigos de velharias.

O seu teor é como segue :

Alfonsus dei Gratia Rex Portugaliae Universis de meo regno et de omnibus aliis regnis ad quos iste litera pervenerint salutem.

Sciatis quod ego mando fieri Feyram Quolibet anno in mea villa de Begia pro Festo Ramis Palmarum e mando que ipsa feyra duret per quindecim dies annualim et ipsa feyra incipiatur annualim in ipsa mea villa de Begia IIII ante diem Ramis Palmarum et ab ipsa die duret per XV dies completos.

Et omnes III qui venerint ad ipsam Feyram ratione vendendi vel comprandi sint securi de yuda et de venyda que non pignorentur in meo regno pro aliquo debito videlicet ab octava die antequam feyra incipiatur usque ad triginta dies completos nisi pro debito quod factum fuerit de pecunia in ipsa feyra.

Et nullus timeat venire ad ipsam feyram propter hoc ideo do inde istam meam cartam apertam de meo sigillo sigillatam quam alvaziles de Begia teneant in testimonium.

Et pono tal cautum super hoc quod quicumque malum fecerit hominibus qui venerint ad ipsam feyram pectet mihi sex mille solidos et dupplet illud quod filiaverit domno suo et omnes illi qui venerint ad ipsam feyram cum suis merchandys solvant meam portaginem et omnia iura mea que de ture de ipsa feyra solvere debuerint.

Et homines de foris tam venditores quam comparatores solvant e omnia iura mea que de ipsa feyra solvere debuerint.

Datum colimbrie XX die Aprilis rege mandante per cancelarium dominicus Petri fecit.

Era MCCXCVIIIJ.

Abre a presente carta — segundo o formulário da época — com a saudação real dirigida tanto a nacionais (universais de meo Regno) como a estrangeiros (omnibu aliis Regnis).

À primeira vista, isto poderá parecer um facto, meramente, protocolar e, portanto, despido de qualquer interesse; mas não, o seu valor histórico é insofismável: mostra-nos que, em pleno século XIII, o intercâmbio comercial, com as outras nações, tinha atingido um elevado grau de desenvolvimento e, mercê dele, como é intuitivo, recebíamos o benéfico influxo duma civilização superior à nossa.

Em seguida, indica o documento a época e duração da feira. Seria anual e principiaria quatro dias antes da Festa dos Ramos, isto é, em quarta-feira de Paixão e prolongar-se-ia por quinze dias (iiii ante diem ramis palmarum et ab ipsa die duret per XV dies completos) vindo a terminar em quarta-feira da Páscoa.

Para chamar maior concorrência concedia os seguintes privilégios:

- a) Os negociantes estavam isentos de ser penhorados nos oito dias anteriores à feira e nos trinta seguintes, salvo se fosse por dívida aí contraída.
- b) Quem praticasse qualquer dano contra eles pagaria seis mil solidos de multa e duplicaria o valor das coisas *filhadas*. Por último vêm os encargos.

As «merchandias» (mercadorias) expostas à venda ficavam sujeitas ao imposto de portagem (1) e aos demais direitos devidos em razão da feira.

A parte final desta disposição abrangia também os *homens de fóra*, sendo assim considerados os indivíduos que não fossem moradores de Beja.

Fecha a carta régia com menção do lugar e data da sua feitura, realizada em Coimbra aos vinte de Abril de 1261.

Há, por conseguinte, quase sete séculos que o benemerente rei Bolonhês dotou, a ora capital da provincia do Baixo Alentejo, com a sua primeira feira.

Como isto já vai longe...

(1) Imposto real que incidia sobre as fazendas e viveiros que entravam nas povoações e feiras.

(2) N. R. — Este artigo foi publicado por Soares Victor no «Diário do Alentejo», de 12-8-1943. Tencionava o Autor ampliá-lo, para republicação no «Arquivo de Beja». Os afazeres oficiais que nos últimos tempos o assoberraram, porém, forçaram-no a adiar o intento e, finalmente, o prematuro falecimento do nosso malogrado amigo e colaborador privou-nos do seu projectado estudo. Aqui deixamos, pois, na sua simplicidade primitiva, a nota histórico-económica que Soares Victor desejava desenvolver.

câmara municipal de beja
Gabinete de Informação e Relações Públicas

BOLETIM MUNICIPAL

CONSTRUIR BEJA HOJE

MUNICÍPIO DESTRUCURIZADO

BEJA **FEIRA**
s. lourenço
sta. maria
10 a 16. 8. 89

EXPOSIÇÃO **C.M.B.**
-15 ANOS

DE PODER LOCAL
DEMOCRÁTICO-

UMA VOZ DE ABRIL - ANO 9 - AGOSTO 89 - Nº 61 (Distr. Grat.)

FEIRA DE SÃO LOURENÇO E DE S



FEIRA DE AGOSTO de 7 a 17 em BEJA

Um antigo cartaz da Feira de Agosto

AS FEIRAS DE BEJA

— Breve Nota Evocativa —

Segundo a tradição, a primeira feira de Beja foi instituída por D. Afonso III, em 1261, na sequência de outro que já vinha do tempo da dominação muçulmana. Para além da tradição, o facto de, primitivamente, a referida feira se realizar no Terreiro de Santa Maria, onde se localizava uma das principais mesquitas da Beja árabe, vem reforçar esta tese, já que era hábito os muçulmanos realizarem as suas feiras à volta das mesquitas.

— A feira de Beja era considerada uma das mais importantes do Sul do país. Era aí que afluiam os inúmeros rebanhos do Campo de Ourique e os mais diversos produtores agrícolas e artesanais.

Mais tarde, D. Manuel I através de uma Carta Régia datada de 1499 dá novo e decisivo incremento à feira de Beja, com a concessão de vários e importantes privilégios, que posteriormente seriam confirmados por D. João III em 1530 e depois pelo Infante D. Luís. Nessa altura, a feira ia de 1 a 16 de Agosto. Todavia, os bejenses da

época acharam que ela se prolongava por muitos dias o que lhe retirava importância comercial e económica. Deu que, através dos seus procuradores les Cortes tenham conseguido, em 1642 dividir a feira de Agosto em duas, indo uma desde a véspera de S. Lourenço até ao dia 16 e começando a outro a 16 de Março e terminando a 25.

Apesar destas alterações, verificaram posteriormente que a feira de Março coincidia várias vezes com as festas da Semana Santa. Tal facto, levou os procuradores de Beja a pedirem em 1647 um alvará determinando que a feira de Março passasse a realizar-se de 17 a 25 de Abril.



Feira de gado nos anos 50/60

Assim continuou a feira, até que no reinado de D. João V e novamente a pedido dos procuradores da cidade foi concedida uma provisão datada de 1719 que estabelecia uma feira num dia de semana. Já no século XIX, os lavradores do termo de Beja tentaram criar uma nova feira no mercado onde transacionassem os queijos e as lãs (depois a transacção abandonou, que até então tinham que se deslocar a Évora. Nesse sentido em 1864 criaram uma feira que tinha lugar nos dias 19 e 20 de Maio.

Todavia, esta iniciativa teria uma vida curta, voltando os gados, os queijos e as lãs a serem comercializados em Évora.

Em 1885 a Câmara Municipal deliberou criar um mercado de gados no primeiro domingo de cada mês.

Se este é em traços gerais a história das feiras e mercados de Beja, vamos agora "percorrer" os locais onde as feiras se realizavam. Já vimos que o primeiro espaço a ser utilizado co-

SANTA MARIA - 10 A 16 DE AGOSTO

mo recinto da feira foi o Terreiro de Santa Maria, local onde funcionava igualmente o mercado de peixe e hortaliças e se localizava a antiga "Domus Municipalis".

Se era aí que se comercializavam os produtos, os gados eram vendidos na Corredoura, actual Avenida Miguel Fernandes.

Mais tarde as feiras passaram a ser feitas no prolongamento da Corredoura, na direcção da Igreja de Santa Catarina (actual Igreja do Carmo).

No século passado a feira em no local onde veio a ser construído o Liceu de Beja, Com a construção deste edifício escolar, passou para as terras contíguas, perto do antigo matadouro, já nos nossos dias a feira passou a ser feita junto do Estádio Municipal. Com o desenvolvimento urbanístico verificado na cidade nos últimos anos, o seu local voltou a ser alterado passando para junto da Variante.

Para terminar, não queremos deixar de referir que a principal feira de Beja em setembro é a de Agosto.

O facto de se realizar depois das colheitas, fazia dela um ponto de atracção de todos os lavradores da região de Beja que nela transaccionavam cereais, produtos hortícolas e faziam contratos de arrendamento de terrenos, misticas e arboreas. Em vários documentos do século XVI encontramos referências a pagamentos de terras e casas por "Santa Maria de Agosto". De Borinjel e das olarias de Beja vinham as mais variadas louças, os ferreiros apresenta-

vam charruas e outros apetrechos para trabalhar as terras, os tecelões vendiam panos, os albardeiros emprestavam um colorido muito especial na forma como decoravam mulins, telas e arreios. Na Corredoura fazia-se a grande feira do gado onde acorriam gados de todo o Alentejo. Foi esta feira que chegou ainda ao século XX. Todavia, com a alteração nos circuitos comerciais e o desenvolvimento dos transportes, as feiras viram a sua importância como centros económicos e comerciais de uma região decrescer. Tal facto, levou a que o cariz tradicional das antigas feiras se tenha perdido.

As feiras tiveram a sua época. Actualmente é necessário criar alternativas que correspondam às características dos mercados comerciais neste final de século e que podem passar, entre outras, pela construção de um Parque Municipal de Feiras e Exposições, tal como tem projectado a Câmara Municipal.

— Será certamente um espaço com características para permitir a exploração das potencialidades económicas da Região.

A antiga e tradicional Feira de Agosto que como vimos se foi transformando ao decorrer dos séculos, como consequência das modificações económicas e sociais, propõem-se para uma nova e decisiva mudança.

Dr. Figueira Mestre
Biblioteca Municipal de Beja

Feiras - Que Futuro?

Um dos projectos futuros da Câmara

é a construção de um Parque Municipal de Feiras e Exposições.

A construir na zona da Variante/Urbanização Beja IV/Rua Zeca Afonso, pretende vir a ser um espaço fixo, dotado de condições para a realização de todos e quaisquer certames, colóquios e exposições, etc., que contribuam para o desenvolvimento económico da Região.

Igualmente se pretende que o referido espaço venha a ser utilizado para a promoção de exposições integradas nas feiras anuais que se realizam tradicionalmente na Cidade.

Em relação às feiras de gado, também estas terão o seu espaço próprio, a construir nos terrenos adjacentes à Ermida de São Pedro, à saída da cidade.

Pretende-se não só manter a tradição das feiras, como criar todas as condições para que mais iniciativas do género vão aparecendo em Beja.



Aspecto da Feira de Agosto em 1967



Entrada da Feira nos anos 40

Programa

Dia 9 - 2ª Feira

Desfile pela cidade do «Grupo de Bombos das Mercês»
Abertura das exposições
Abertura oficial da Feira com o «Grupo de Bombos das Mercês»
Noite Filarmónica
«Banda da Sociedade Filarmónica Bejense»

Dia 10 - 3ª Feira

Abertura das exposições
Tourada (com os toureiros Bastinhas, Verissimo, Salgueiro e Semedo e os Forcados Amadores de Santarém)
Colóquio «Caça, perspectivas de futuro» no auditório do NERB
Noite de música ligera/PRISUNIC
«Toy e a Sua Banda»

Dia 11 - 4ª Feira

18.00H - Abertura das exposições
22.00H - Noite Jovem
«Ex-Oriente Lux»

Dia 12 - 5ª Feira

16.00H - Colóquio «O Alentejo, o Turismo e o PDR» no auditório do NERB
18.00H - Abertura das exposições
22.00H - Noite de Folclore
«Rancho Folclórico do Calvário»

Dia 13 - 6ª Feira

18.00H - Abertura das exposições
20.00H - Taça Cidade de Beja «Juventude S. Clube» - Clube Atlético Aldenovense (*)
21.45H - Taça Cidade de Beja «Atlético Clube de Portugal-Clube Desportivo de Beja» (*)
22.00H - Torneio de Tiro aos Pratos no Campo de Tiro
22.00H - Noite da Extremadura Espanhola
«La Cogolla de Villa Nueva de La Serena (Badajoz)»

Dia 14 - Sábado

18.00H - Abertura das exposições
20.00H - Taça Cidade de Beja (jogo de futebol para o 3º e 4º lugar) (*)
21.45H - Taça Cidade de Beja (final) (*)
22.00H - Noite de Música Popular
«Maio Moço»

Dia 15 - Domingo

18.00H - Abertura das exposições
22.00H - Noite Alentejana
«Grupo Vocal e Instrumental VOZ ACTIVA DE SANTANA» e «Carlos Fernando»

(*) Jogos a efectuar no Complexo Desportivo B (organização do Clube Desportivo de Beja)

EXPOSIÇÕES PERMANENTES

- Um pequeno Zoo de animais selvagens
- Máquinas agrícolas antigas
- Actividades económicas diversas
- «Beja, um projecto de desenvolvimento, um futuro melhor»
- «Museu Rural em Beringel»
- «Região de Turismo Planície Dourada»
- «Associação de Municípios do Distrito de Beja»
- «Comissão de Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho/ CMB»
- «Artesanato da ARABE»
- «Artesanato da Extremadura Espanhola»
- «Artesanato de José Parreira - Peroguarda»
- «Agro-Turismo / Monte da Diabrória»
- «Rádio Voz da Planície»
- «Ambiente - QUERCUS»
- «Sportinguistas»
- «Associação Portuguesa de Deficientes / Beja»
- «CDU»
- «Grupo de Teatro JODICUS»
- «Associação Humanitária dos Dadores de Sangue»
- «Escolas Primárias nº 1 e nº 4»
- «Centro Bemalente Social da Saudade»

De 9 a 15 de Agosto em Beja

Feira de S. Lourenço e S. Maria em Beja

FEIRA São Lourenço Santa Maria

Beja

9 a 15 de Agosto 93

Pexxa, Caça e Turismo

Câmara Municipal de Beja

FEIRA DE SÃO LOURENÇO E SANTA MARIA DE 10 A 15 DE AGOSTO

Revitalizar uma velha tradição

A Câmara de Beja pretende revitalizar a Feira de Agosto. No ano em que o certame comemora meio milénio de vida, passou a feira franca e conta com um diversificado programa de animação cultural.

Este ano, a Feira de São Lourenço e Santa Maria vai ser diferente, para melhor. Procurando revitalizar o certame, que se realiza de 10 a 15 de Agosto, a Câmara Municipal de Beja tomou um conjunto de medidas, desde a passagem a feira franca a um vasto e diversificado programa de animação, bem como diversos melhoramentos no recinto. Relativamente a esta última questão, é de assinalar, além da mudança da entrada principal para a Avenida Salgueiro Maia e a criação de um novo parque de estacionamento, a montagem do primeiro pavilhão do futuro Parque de Feiras e Exposições.

Nesse pavilhão, com cerca de 2 000 m² de área coberta, vão funcionar diversos stands de associações e outras entidades, exposições temáticas do Município e uma grande exposição-venda de artesanato organizada pela ARABE. Artesãos a trabalhar ao vivo, teatros de Odívelas, olaria e



Os feirantes tradicionais encontrarão o seu espaço habitual na Feira de Agosto, este ano feira franca

doçaria são alguns dos muitos atractivos que o visitante vai encontrar neste sector do pavilhão. Um outro atractivo desta exposição promovida pela ARABE é o visitante poder pintar uma peça de cerâmica que lhe será oferecida depois de queimada.

No restante recinto da feira, além de um maior número de vendedores em relação a anos anteriores, o visitante vai encontrar um conjunto de diversões, algumas das quais pela primeira vez da Feira de Agosto. Desportos radicais, rasquinhas exploradas por diver-

sas associações, dois palcos e muitos espectáculos programados são outros motivos bem fortes para o visitante dar um pulo, passear, fazer algumas compras e divertir-se numa das mais velhas feiras que se realiza no nosso país. (Há feira em Beja desde, pelo menos, 1261

— carta régia de D. Afonso III. Em 1499, D. Manuel I mandou publicar uma provisão onde autorizava que se instituisse a Feira de Agosto).

Relativamente a espectáculos, fique desde já a saber que os do palco 1 têm início às 22 horas e os do palco 2 à

meia-noite. A não perder!

Espectáculos programados

Para o palco 1 estão programados os seguintes espectáculos:

Dia 10, Noite de Música Popular, com o Trigo Limpo; dia 11, Noite das Bandas Filarmónicas, com as bandas da Sociedade Filarmónica Capriço Bejense e Filarmónica do Nordeste (Açores); dia 12, Noite da Música Africana, com Tokatudo; dia 13, Noite da Juventude, com Canto Chão e Fernando Pardal; dia 14, Noite da Música Tradicional, 4º Encontro de Grupos Corais; dia 15, Noite da Música Espanhola, Juan Rumbita y su Grupo (sevillhanas).

Palco 2:

Dia 10, performance pelo atelier "Do Teatro de palco ao Teatro de Rua"; dia 11, Banda Quatro Cantos (nova formação de Paulo Colaço, que nos propõe uma viagem pela música tradicional com influências do Alentejo, África e América Latina); dia 12, Ortigões (banda de Chico Balão, com o seu rock em português); dia 14, Garagem da Avó (uma banda de Aljustrel que toca exclusivamente covers). Todos os dias performance "Quiosque de Animação", pelos "Léndias d' Encantar". □

A Feira de Agosto, dedicada a São Lourenço e Santa Maria, faz agora meio milénio (1499-1999). E há um século atrás, a feira como era? Um historiador descreve o ambiente – afinal não muito diferente do que é hoje...

A feira há 100 anos

Fabiano Silva

Um século de festa de todos os tipos espalhados ao longo do território de Beja. Não foram as primeiras festas locais, desde os tempos mais antigos, mas a primeira grande festa de todos os povos do distrito de Beja, depois do Algarve, celebrada em 1 de Agosto. É a Feira de Agosto, dedicada a Santa Maria, abrange em que se realiza a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja. A feira de Agosto, dedicada a Santa Maria, abrange em que se realiza a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja. A feira de Agosto, dedicada a Santa Maria, abrange em que se realiza a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja.



... e a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja. A feira de Agosto, dedicada a Santa Maria, abrange em que se realiza a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja. A feira de Agosto, dedicada a Santa Maria, abrange em que se realiza a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja.

... e a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja. A feira de Agosto, dedicada a Santa Maria, abrange em que se realiza a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja. A feira de Agosto, dedicada a Santa Maria, abrange em que se realiza a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja.

... e a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja. A feira de Agosto, dedicada a Santa Maria, abrange em que se realiza a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja. A feira de Agosto, dedicada a Santa Maria, abrange em que se realiza a grande festa popular de todos os povos do distrito de Beja.

CUBA CenaX 99

Sensibilizar e desenvolver o gosto pela expressão artística e lúdica no teatro é o principal objetivo da Associação para o Desenvolvimento Musical e Cultural através de CenaX, iniciativa que começa hoje, até ao fim, e se desenvolve até 1 de Agosto em Cuba. Durante especialmente aos jovens e realizado por jovens, CenaX 99 foi-se apresentando pelas escolas, centros desportivos municipais (na Freguesia Municipal), centros e associações. A iniciativa terá lugar no Parque de Mendiz, entre 4 horas matinais, sendo as apresentações também pelas escolas. **3**

AMARELEJA Show de acrobacia

Inaugura-se a Feira de Santa Maria, realizada no primeiro dia de Agosto, na Amareleja, um show de acrobacia em teatro. O espetáculo chama-se Paulo Mendiz e vai acontecer a vila de Amareleja entre a uma noite em dia 15, com duas sessões a uma primeira para as 18 horas e a segunda às 21 horas. **3**

MARMELAR Tradição e festa

Marmelar vai-se de festa de 1 a 15 de Agosto com um programa recheado de iniciativas de carácter popular. Com a visita a grupo de teatro, teatro popular, as festas populares com fogo de artifício, tradição e literatura, uma festa de dança e música pela Associação de Fitas tradicionais de São, entre outras iniciativas de carácter. **3**

FARO DO ALENTEJO Festas de S. Luís

Um desfile de grupos com idiosyncrasy, no dia 6 de Agosto, às 11 e 18 horas, as festas das tradições locais em honra de S. Luís, o padroeiro de Faro do Alentejo, que se realizam até ao dia 8. A manifestação é organizada uma vez mais à iniciativa. No dia seguinte são lançados, às 18 de manhã, os jogos populares de futebol, seguindo-se, às 18 horas, uma corrida. O dia 9 é marcado especialmente pela realização de jogos. Em todas as noites são promovidos espetáculos musicais e todos com participação de alguns artistas populares. **3**

CORTE GAFO Música popular

Em Corte Gafo de Cuba, no município de Mérida, a tradicional festa de Santo António de 20 a 22 de Agosto. As festas populares são realizadas nos jardins de corte para do País que por ali estão a passar festas tradicionais, durante três dias, se realiza a festa de Santo António. Os programas das festas incluem jogos tradicionais, uma corrida, queima, baile e a atuação de alguns artistas populares. **3**

**CONSULTA DIETÉTICA
ORIENTAÇÃO ALIMENTAR
DIETISTA HERNÂNI GALVÃO**
(Diplomado pela Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa)

ESPECIALIDADES:
DIABETES
DIABETES
OUTRAS DOENÇAS ASSOCIADAS À ALIMENTAÇÃO

Consultas às 2ª e 5ª feiras, Rua Capitão João Fernandes de Sousa, nº 14 (Edifício do Paço, Fátima) - BICAF - Marquês de Pombal - 1600-002 LISBOA

PRECISA-SE
Para pedidos em: Códigos, produtos, Ofertas de casa de habitação.

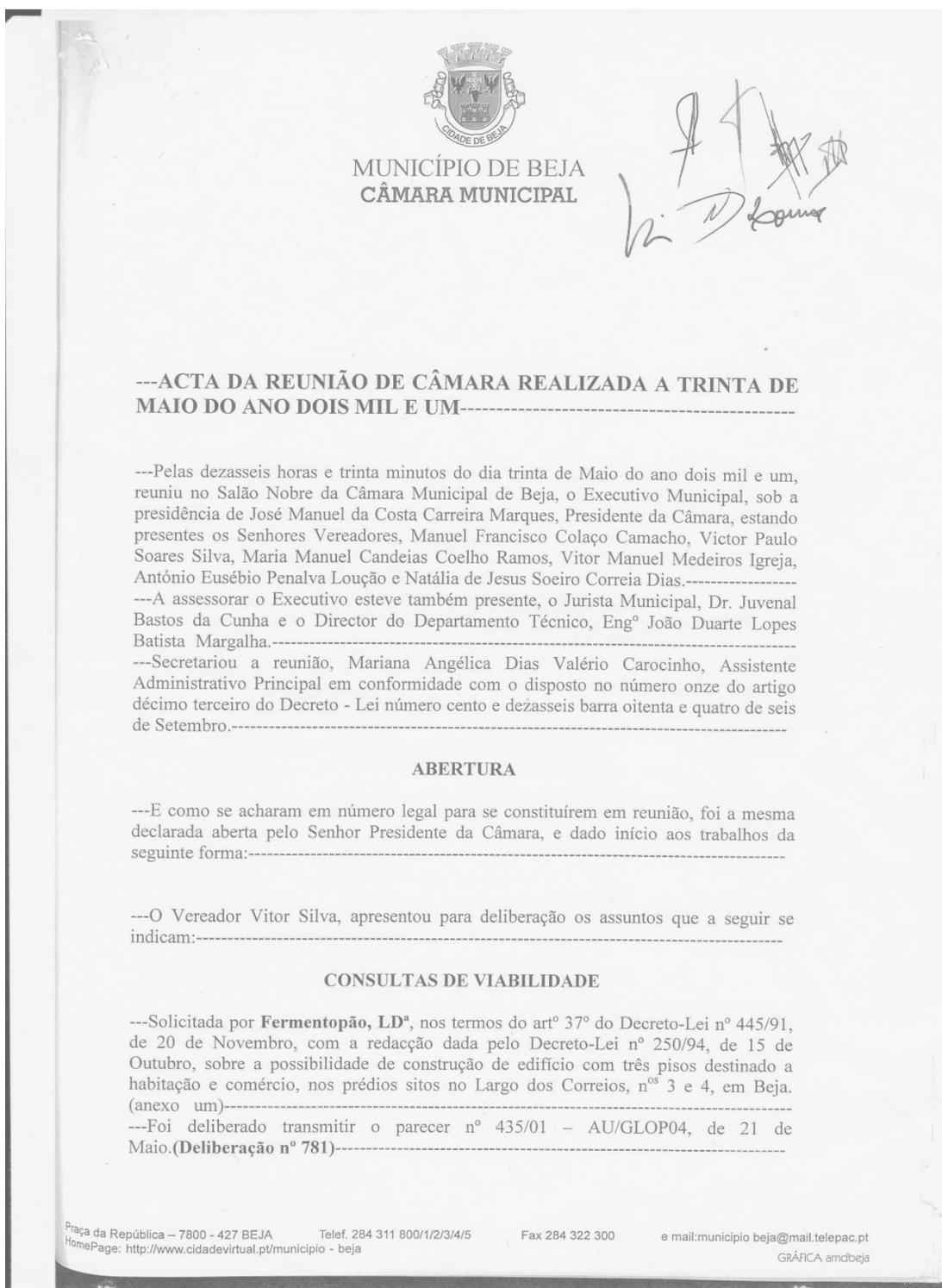
Contactar: tel. 021947170.

WENDE-SE
Em: Códigos, produtos, Ofertas de casa de habitação, para animais, animais de estimação, animais de estimação, animais de estimação.

Contactar: tel. 021947170.

Anexo XVIII – Atas da Câmara Municipal de Beja sobre a Feira de São Lourenço e Santa Maria

Ata da Reunião da Câmara Municipal de Beja a fim de dar conhecimento da abertura oficial do novo Parque de Feiras e Exposições, a receber a Feira de São Lourenço e Santa Maria, 30 de maio de 2001



LD^a, torna-se necessário executar alguns trabalhos adicionais nomeadamente a construção de um novo colector, o levantamento de um murete em blocos de cimento e respectiva caleira em meias manilhas de cimento e a reposição de calçadas para evitar o problema das inundações das garagens situadas naquele espaço. Propõe para o efeito que seja lançado um ajuste directo podendo ser convidadas entre outras as seguintes firmas: Manuel Joaquim Rodrigues & Irmão, LD^a; Canudo Lança, LD^a e Francisco Charneca Pinto & Filhos, LD^a.-----

---Foi deliberado aprovar.(Deliberação n° 820)-----

PARQUE DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES DE BEJA – 2ª FASE

---Parecer n° 89/01 de 03 de Maio do Técnico Municipal, Eng° António Fialho, informando que em complemento à informação n° 83/01, que se anexa, é de referir que os trabalhos a substituir são os constantes das medições iniciais e designados por:-----

---**Arquitectura** -----

---1 – Arranjos Exteriores -----

---1.4 – Fornecimento e assentamento de bancos de jardim em alumínio anodizado de acordo com partes escritas incluindo sapatas de fundação, acessórios e todos os trabalhos preparatórios, complementares e de acabamento.-----

---a) n° 1 com 2.30m -----

---b) n° 2 com 2.30m -----

---c) n° 3 com 2.30m -----

---1.9 – Fornecimento e assentamento de tubos de aço inox diâm. 150 com 3mm de esp. e topos superiores tamponados com chapa inox soldada de acordo com pormenor 1 Des. A-18 e partes escritas, incluindo sapatas de fundação, acessórios e todos os trabalhos preparatórios complementares de acabamento. (anexo catorze)-----

---Foi deliberado aprovar.(Deliberação n° 821)-----

EDITAL DA FEIRA DE SÃO LOURENÇO E SANTA MARIA

---Informação n° 57/2001 de 28 de Maio do Técnico Superior, Eng° Miguel Quaresma, dando conhecimento que como o Parque de Feiras e Exposições está em condições de poder ser utilizado para a realização da Feira de São Lourenço e Santa Maria, este ano retoma-se a realização da iniciativa.-----

---O espaço agora disponível pelas características e particularidades que apresenta é muito diferente dos anteriores, neste sentido foi necessário definir novas regras de utilização e de ocupação. Assim, procedeu-se a alterações significativas no edital, principalmente em relação à montagem/desmontagem e funcionamento.-----

---Assim, propõe-se a aprovação do EDITAL, com as alterações propostas. (anexo quinze)-----

---Foi deliberado aprovar.(Deliberação n° 822)-----

CENSOS 2001 – PAGAMENTO AOS RECENSEADORES

---Informação n° 58/2001 de 29 de Maio do Técnico Superior, Eng° Miguel Quaresma, que de acordo com a informação n° 41/2001, relativa ao pagamento dos intervenientes nos trabalhos de recenseamento – recenseadores e coordenadores, houve um erro, da parte do Instituto Nacional de Estatística, no processamento do recibo da Sr^a Maria da Encarnação Eugénia Luz Guerreiro, cujo valor correcto é de 111.608\$00 (cento e onze mil e seiscentos e oito escudos), isento de IVA.-----

Ata da Reunião da Câmara Municipal de Beja para arrematação dos lugares de diversões da Feira, 11 de julho de 2001



MUNICÍPIO DE BEJA
CÂMARA MUNICIPAL

[Handwritten signatures and initials]
Abelma
m:

---ACTA DA REUNIÃO DE CÂMARA REALIZADA A ONZE DE
JULHO DO ANO DOIS MIL E UM-----

---Pelas dezasseis horas e trinta minutos do dia onze de Julho do ano dois mil e um, reuniu no Salão Nobre da Câmara Municipal de Beja, o Executivo Municipal, sob a presidência de José Manuel da Costa Carreira Marques, Presidente da Câmara, estando presentes os Senhores Vereadores, Victor Paulo Soares Silva, Manuel Francisco Colaço Camacho, Maria Manuel Candeias Coelho Ramos, Vitor Manuel Medeiros Igreja, António Eusébio Penalva Loução e Natália de Jesus Soeiro Correia Dias.-----

---A assessorar o Executivo esteve também presente o Jurista Municipal, Dr. Juvenal Bastos da Cunha e o Director do Departamento Técnico, Engº João Duarte Lopes Batista Margalha.-----

---Secretariou a reunião, Mariana Angélica Dias Valério Carocinho, Assistente Administrativo Principal em conformidade com o disposto no número onze do artigo décimo terceiro do Decreto - Lei número cento e dezasseis barra oitenta e quatro de seis de Setembro.-----

ABERTURA

---E como se acharam em número legal para se constituírem em reunião, foi a mesma declarada aberta pelo Senhor Presidente da Câmara, e dado início aos trabalhos da seguinte forma:-----

---O Vereador Victor Silva, apresentou para deliberação os assuntos que a seguir se indicam:-----

CONSULTAS DE VIABILIDADE

---Solicitada por **José António Marques Bento**, nos termos do artº 37º do Decreto-Lei nº 445/91, de 20 de Novembro, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 250/94, de 15 de Outubro, sobre a possibilidade de construção de prédio no logradouro dos nºs 8 e 10 da Rua Bento Gonçalves, artº 263º, com entrada pela Rua Zeca Afonso, respeitando os alinhamentos dos prédios existentes, em Nossa Senhora das Neves. (anexo um)-----

---Foi deliberado transmitir o parecer nº 133/01 – AU/GLOP2, de 22 de Junho. **(Deliberação nº 1033)**-----

o edifício da Rua Dr. António Jaime Palma Mira, n^{os} 16/16^A, para aí instalar a Junta de Freguesia, sempre com a preocupação de requalificar a zona e dotar a aldeia dos equipamentos necessários.-----

---O edifício em causa apresenta uma certa dignidade, datado dos anos 30, sugere uma habitação com comércio ao nível do rés-do-chão e insere-se numa vasta zona que constitui o logradouro.-----

---Este deverá ser tratado e englobado nas zonas confinantes com a linha de água e que constituirão toda a área verde urbana do aglomerado.-----

---O edifício desenvolve-se em dois pisos, rés-do-chão e 1^o andar, com acesso para viaturas e uma grande área de logradouro nas traseiras.-----

---Ao nível do rés-do-chão serão implantados os serviços de atendimento público, como a Secretaria da Junta, os Correios, e os apoios, tais como Instalações Sanitárias, Bar e ainda uma Sala de Reuniões.-----

---Ao nível do 1^o andar teremos uma grande Sala Polivalente, que permitirá as Assembleias de Freguesia, e outros encontros; teremos também o Gabinete do Presidente e Instalações Sanitárias de apoio.-----

---Foi deliberado aprovar.(**Deliberação n^o 1077**)-----

PROPOSTA DE AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTO PARA PLANTAÇÃO DE ÁRVORES

---Informação n^o 19/01 de 02 de Julho da Técnica Municipal, Eng^a Fátima Cruz, dando conhecimento que com o objectivo de proceder aos trabalhos de plantação de árvores no Parque de Feiras e Exposições, como também em arruamentos e Jardins da nossa cidade, propõe a aquisição de um implemento "Trado/Broca".-----

---Com este equipamento, será possível dar uma resposta mais rápida e eficiente na execução dos trabalhos a desenvolver.-----

---O "Trado/Broca" será adaptado à mini pá carregadora Ford New Holland, modelo LX 665, DSU, verificando-se que seria a máquina mais adequada a funcionar com o tipo de equipamento pretendido.-----

---Assim, propõe - se a aquisição do material à Firma PRIETO, pelo valor de 990.000\$00 + IVA.-----

---Foi deliberado ratificar o despacho do Vereador Manuel Camacho, de 04 de Julho de 2001 "Ao Serviço de Compras. Concordo. Adquira-se. À reunião para ratificar".(**Deliberação n^o 1078**)-----

HASTA PÚBLICA DA FEIRA DE SÃO LOURENÇO E SANTA MARIA

---Informação n^o 23/2001 de 05 de Julho do Fiscal Municipal, Sr. António Nobre na qual dá conhecimento que no dia 03 de Julho, pelas 16.00 horas, teve lugar a hasta pública para a arrematação dos lugares das diversões da Feira de São Lourenço e Santa Maria. No local compareceram *José Silva Simões, Albertino António Rodrigues Varandas, Maria João Ribeiro Silva Mendonça e José Luís Mendonça* que, apesar de terem prestado caução, não arremataram os lugares por discordarem com o posicionamento das diversões na feira.-----

---Após a consulta da planta provisória da Feira, os concorrentes apresentaram como objecção o facto de estarem situados no final do recinto, nas traseiras dos restaurantes, que segundo os mesmos são usualmente um foco de sujidade e maus cheiros, para além de lhes taparem o acesso, dificultando assim o negócio.-----

---Os concorrentes apresentaram como proposta vários cenários alternativos, dos quais

depende a sua presença neste evento. A primeira alternativa seria a permanência no local estipulado, mediante a isenção do pagamento, quer do valor da arrematação, quer do valor do terrado, em virtude desse local, segundo os mesmos, ser pouco rentável. No entanto, nem todos os feirantes estiveram de acordo, havendo alguns que nem nestas condições viriam. Outra questão que se coloca é o facto da instalação destas estruturas ter de ser ordenada, o que poderá acarretar alguns problemas na sua organização.-----

---Como segunda alternativa propuseram a sua instalação no Pavilhão Multiusos, o que não seria possível devido a limitações relacionadas com a altura dos divertimentos, assim como a possível degradação do piso de acesso ao pavilhão.-----

---Por último apresentaram a proposta de se instalarem no parque de estacionamento, evidenciando que assim atrairiam mais pessoas à Feira. Esta solução não implicaria a danificação do piso, pois este tipo de divertimentos não utiliza estacas. A desvantagem prende-se com o facto de neste local estarem caldeiras para a futura plantação de árvores, que teriam de ser tapadas para evitar acidentes com os utentes da Feira. Para além disso, esta solução teria de ser repensada para o próximo ano, pois a continuação da mesma poderia implicar uma alteração do parque de estacionamento, eliminando algumas árvores para reservar um espaço amplo para a instalação destas estruturas.-----

---Foi deliberado manter o local das diversões e dar um prazo até 31 de Julho para apresentação de novas propostas.(Deliberação nº 1079)-----

PROPOSTA DE AQUISIÇÃO DE CONTENTORES EM PROFUNDIDADE DO TIPO MOLOK

---Informação nº 24/2001 de 06 de Julho do Vereador Manuel Camacho, na qual dá conhecimento que para dar continuação ao projecto de contentorização da zona de expansão da cidade de Beja, propõe a aquisição de mais 10 contentores em profundidade à **Empresa SOPSA**. Esta empresa possui para o efeito uma declaração de total exclusividade para a comercialização deste tipo de contentores em Portugal.-----

---Durante o ano 2001 o custo de cada contentor, referido pela Empresa SOPSA, é de 380.000\$00 + IVA, pelo que terá de ser efectuada uma requisição com o valor total de 3.800.000\$00 + IVA.-----

---Foi deliberado aprovar.(Deliberação nº 1080)-----

PROTOCOLO DE DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DO MUNICÍPIO PARA A JUNTA DE FREGUESIA DE SÃO JOÃO BATISTA

---O Vereador Manuel Camacho deu conhecimento que com a aprovação do Protocolo de Delegação de Competências do Município de Beja para a Junta de Freguesia de Santiago Maior em reunião de Câmara de 28/07/99 e da Assembleia Municipal de 22/09/99, respectivamente, passou a vigorar a possibilidade da delegação de actos como prevista na Lei nº 23/97 de 2 de Julho revogada pela Lei 169/99 de 18 de Setembro.-----

---Dentro das competências funcionais a delegar está prevista a conservação e reparação de escolas primárias e pré-primárias.-----

---Assim:-----

---1 - Delegar para a Junta de Freguesia de São João Batista a reparação da Escola E.B.1 nº 5, a execução das obras constantes do projecto técnico oportunamente fornecido;-----

---2 - O valor da obra ascende a 8.988.068\$00 s/I.V.A.;-----

---3 - O prazo de execução da obra é de 60 dias a contar do dia 12 de Julho de 2001;-----

---4 - A forma de pagamento é a seguinte: 20% com o início dos trabalhos e 80% com a

ANEXO 4

EM 11/07/2001 REALIZOU-SE
HASTA PÚBLICA PARA ARREMATACÃO DE
LUGARES DE DIVERSÃO DA FEIRA DE SÃO
LOURENÇO E SANTA MARIA ..

CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA

EDITAL

RURALBEJA - FEIRA DE SANTA MARIA

9 A 13 DE OUTUBRO DE 2002

A Câmara Municipal de Beja, de harmonia com a deliberação tomada em reunião de Câmara de 24 de Julho de 2002, faz público que a RURALBEJA - Feira de Santa Maria terá lugar nesta cidade, no Parque de Feiras e Exposições de Beja e nos terrenos adjacentes à Avenida Salgueiro Maia, de 9 a 13 de Outubro de 2002.

INSCRIÇÕES

1º- Todos os pedidos de marcação de terreno (exceptuando as diversões referidas no art.º 7º, as quais deverão apresentar o pedido de marcação de terrado no prazo indicado no art.º 9º) devem ser dirigidos por escrito à Câmara Municipal até 6 de Setembro, indicando o nome, a morada, a actividade, o número de contribuinte e as dimensões do terreno a ocupar, assim como a fotocópia do cartão de feirante e da declaração actualizada do pagamento do IRC ou IRS.

2º- nº.1 -Todos os pedidos de marcação de terreno recebidos para além do dia 6 de Setembro serão considerados indeferidos, salvo se existirem lugares vagos e da sua ocupação resulte um melhor ordenamento da feira.

nº.2 - A aceitação destes requerimentos fica ainda sujeita à perda da caução referida no artigo seguinte.

CAUÇÃO

3º- Juntamente com o pedido de marcação de lugar deverá ser feita a caução de 100,00 €. Os stands ficam isentos do pagamento desta caução.

4º- Os participantes no concurso para concessão de terrado para diversões pagarão uma caução de 150,00 €.

5º- As cauções não levantadas até ao dia 31 de Dezembro revertem a favor da Câmara Municipal.

CONFIRMAÇÃO

6º- A Câmara até 20 de Setembro, comunicará aos interessados se as suas reservas foram ou não aceites, fazendo neste último caso o reembolso da caução.

Os interessados cujo pedido foi aceite deverão pagar o respectivo terrado até 30 de Setembro, sem o que serão considerados desistentes.

No acto do pagamento do terrado, ser-lhe-à entregue um Cartão de Livre Trânsito autenticado com o selo branco, onde consta o nome do feirante; matrícula da viatura, e número da guia de receita comprovativa do pagamento do terrado.

§ único - Fora dos prazos previstos pelo artigo 6º, poderão ainda os interessados efectuar o pagamento do terrado, desde que existam lugares vagos, e da sua ocupação resulte um melhor ordenamento da feira. No entanto esta situação implica a perda do direito à devolução da caução, a qual será nestes casos efectuada conjuntamente com o pagamento do terrado.

DIVERSÕES

7º- São permitidas as seguintes diversões:

2 Diversões Infantis

Diversões para Adultos:

1 Pista de Automóveis;

2 Divertimentos de qualquer outro tipo;

1 Circo.

8º- O direito à ocupação de terrado para as diversões referidas será determinado por licitação entre os concorrentes e terão as seguintes bases:

Divertimentos Infantis 150,00 €

Divertimentos de adultos:

Pista de Automóveis 1050,00 €

Divertimento de qualquer outro tipo 425,00 €

9º- A participação dos concorrentes na hasta pública dependerá de requerimento e da prestação de caução até às 15 horas do dia 27 de Agosto.

10º- A hasta pública terá lugar no dia 27 de Agosto, pelas 15 horas, no Edifício Administrativo do Parque de Feiras e Exposições, não sendo permitido lances inferiores a 50,00 € para os divertimentos de adultos e 25,00 € para os divertimentos infantis.

11º- O valor da arrematação, o IVA e as taxas de ocupação de terrado serão pagos no acto da arrematação.

12º- O lugar para o circo será atribuído por sorteio, de entre os inscritos, que se realizará no dia 27 de Agosto, pelas 10 horas, no Edifício Administrativo do Parque de Feiras e Exposições.

13º- No caso de não existirem candidatos em algumas diversões a Câmara reserva-se no direito de tomar as medidas mais convenientes.

MONTAGEM

14º- A Câmara destinará a cada um dos interessados o lugar que entenda mais conveniente, não aceitando reclamações.

15º- O terrado terá de ser ocupado pelos concessionários entre 7 e 8 de Outubro, até às 17 horas.

16º- Não podem os concessionários iniciar a montagem de qualquer instalação sem a presença dos funcionários responsáveis, os quais se encontram no recinto da feira das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas.

17º- Nenhuma instalação poderá ser montada sem que os seus proprietários exibam os documentos a que estão obrigados por lei e pelos regulamentos em vigor.

18º- Deverão os interessados cujos pedidos forem deferidos, requerer atempadamente a ligação de energia eléctrica aos serviços do grupo EDP.

FUNCIONAMENTO

19º- A entrada no recinto da feira, pelos feirantes, carece da apresentação do cartão de livre transito, referido no artº 6.

20º- Todas as instalações deverão apresentar o melhor aspecto de arranjo e limpeza. Na falta destes requisitos e após advertência, será ordenada a desmontagem aos proprietários que não providenciarem no sentido de reintegrar o aspecto referido.

21º- Nenhuma barraca ou qualquer outra instalação poderá estar fechada nas horas normais de funcionamento da feira, sob pena de não serem aceites futuros pedidos de reserva de terreno.

22º- O horário de funcionamento da feira será:

Abertura: 9 horas

Encerramento: 1 hora

23º- É expressamente proibida a permanência de vendedores ambulantes nas ruas adjacentes à feira durante o seu funcionamento.

24º- Durante o período da feira é proibida a permanência de veículos no seu recinto, sendo no entanto permitida a sua entrada para abastecimento, caso o peso e volume o justifiquem, durante o espaço de tempo necessário, entre as 9 e as 13 horas. Exceptuam-se os veículos camarários, das forças policiais, SLE, SA, Bombeiros e prioritários.

25º- Admite-se o uso de viaturas para pernoita desde que estas ocupem parte do terrado não utilizado para instalações de venda e não contribuam para uma imagem degradante da feira.

DESMONTAGEM

26º- A desmontagem das instalações não poderá ser iniciada antes das 8 horas do dia seguinte ao do encerramento da feira e deverá estar concluída até às 24 horas do 2º dia após o seu encerramento.

SONORIZAÇÃO

27º- O serviço de publicidade sonora ficará exclusivamente a cargo do concessionário, obedecendo às normas do contrato.

28º- O uso de altifalantes ou outros aparelhos sonoros destinados à propaganda ficam sujeitos ao Regulamento da Actividade Publicitária em vigor, excepto as atracções, divertimentos ou barracas de venda de discos e cassetes.

29º- Os altifalantes ou outros aparelhos sonoros devem emitir em volume moderado, respeitando a legislação em vigor.

30º- Fica sujeita à desmontagem toda a instalação sonora que não obedeça ao estabelecido. Poderá ainda a Câmara definir zonas silenciosas dentro do recinto da feira.

TAXAS

31º- As taxas a cobrar constam da Tabela de Taxas e Licenças.

PENALIZAÇÕES

32º- São penalizadas com a perda de caução a favor da Câmara Municipal as contravenções aos artigos 1º, 6º (2º parágrafo), 15º, 16º e 26º do Edital.

33º- A fiscalização destas disposições compete aos Serviços da Câmara Municipal e à Polícia de Segurança Pública.

Beja, 24 de Julho de 2002

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA

/José Manuel da Costa Carreira Marques/

Anexo XIX – Fotografia da Feira de maio

II Exposição-Feira Agropecuária do Baixo Alentejo, inserida na Feira de maio, 1954



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Anexo XX – Periódicos e Revistas com artigos sobre a Feira da Primavera

Cartaz da Feira da Primavera - Revista *Folha Turística de Beja* de maio de 1974

Programa da Feira da Primavera



DOMINGO — Dia 5

- h. — INAUGURAÇÃO DA FEIRA por entidades oficiais
- Largada de pombos correios
- Visita aos diversos pavilhões de gado, agricultura, indústrias, artesanato e à exposição distrital de pombos correios
- h. — TOURADA LUSO-ESPANHOLA
- Feira com todas as atrações
- Exposições das actividades dos serviços oficiais, do comércio e indústria
- h. — Festival de cantares Alentejanos

SEGUNDA-FEIRA — Dia 6

- Mercado de gado ovino e caprino
- Exposição e I Concurso de Gado Bovino Mertolengo e classificação dos animais inseridos
- Abertura, no Salão Nobre do Cerâmico da Lavoura, dum Simpósio sobre produções animais, silvo-pastorícia e forragens
- I Sessão de trabalhos, seguida de colóquio.
- Continuação das diversas exposições
- Concerto, no recinto da feira, pela Banda da Sociedade Filarmónica Capucho Bejense

TERÇA-FEIRA — Dia 7

- Mercado de gado bovino e suípedes
- Continuação da exposição de Gado Bovino Mertolengo, com afixação dos resultados do concurso, e das exposições dos serviços oficiais e das actividades económicas
- A's 10 h. — Continuação do Simpósio II Sessão de trabalhos, seguida de colóquio
- A's 22 h. — Classificação do concurso de montras, dos estabelecimentos comerciais da cidade

QUARTA-FEIRA — Dia 8

- A's 10 h. — Encerramento do Simpósio III Sessão de trabalhos, seguida de colóquio
- Continuação da feira e das exposições dos serviços oficiais e das actividades económicas
- A's 22 h. — Variedades, no recinto da feira, promovidas pela F. N. A. T.

QUINTA-FEIRA — Dia 9

- A's 9 h. — Partida para o Raid Hípico
- A's 14 h. — Provas complementares do Raid Hípico

A's 21,30 — Inauguração da Luz do Estádio Municipal

A's 22 h. — Desafio de futebol entre duas categorizadas equipas, para disputa da 1ª «Feira da Primavera de Beja»

SEXTA-FEIRA — Dia 10

- Continuação da feira com todas as atrações e das diversas exposições
- A's 22 h. — Variedades, no recinto da feira

SABADO — Dia 11

- A's 15 h. — Gincana de tractores com atrelado
- Mantêm-se abertas as exposições, serviços oficiais e das actividades económicas
- A's 22 h. — Festival de Cantares Alentejanos

DOMINGO — Dia 12 (último dia de feira)

- A's 10 h. — Classificação dos cães «Rafeiros Alentejo» e «Serradajres», sendo es sujeitos a provas de trabalho
- A's 13 h. — Distribuição de prémios dos concursos de «Gado Bovino Mertolengo», «Montras», do «Raid Hípico», da «Gincana de Tractores» e de «Cães»
- A's 16 h. — TOURADA À VARA LARGA, recinto da feira
- A's 22 h. — Festival de Cantares Alentejanos

FEIRA de BEJA

A. C. O. S.



Ovelha 84

1.º — Val a A. C. O. S. no âmbito da Feira da Primavera, em Beja, que terá lugar de 18 a 22 de Maio, levar a cabo uma exposição de ovinos, que se pretende seja representativa dos efectivos das várias raças existentes na região.

2.º — Serão admitidos à exposição animais ou núcleos de animais a saber:

- 1.ª classe — Carneiro
- 2.ª " — Malhado
- 3.ª " — Ovelha (grupo de 4)
- 4.ª " — Ovelha afilhada (grupo de 4)
- 5.ª " — Malhada (grupo de 4)

3.º — Os animais a figura da exposição serão esculpidos pelos associados, com a colaboração dos Serviços Técnicos Oficiais.

4.º — Os animais a expor serão previamente sujeitos a colheita de sangue para despiste da brucelose, e a inspeção sanitária pelos Serviços Oficiais.

5.º — Durante o período de permanência na exposição serão garantidos pela A. C. O. S.:

- a) Alimentação
- b) Assistência Clínica
- c) Vigilância permanente
- d) Tossuís no final da exposição

6.º — São condições de admissão de animais à exposição:

- a) Que os mesmos de preferência não estejam tossuís.
- b) Que se encontrem em boas condições de nutrição.
- c) Que se façam acompanhar da respectiva guia sanitária de trânsito.
- d) Que se apresentem no recinto da exposição até às 12 horas do dia 20 de Maio.

- EXPOSIÇÃO DE OVINOS
- COLÓQUIO
- LEILÃO EXPERIMENTAL DE BORREGOS
- JANTAR CONVÍVIO

BEJA

20-22-MAIO 84

7.º — Os associados interessados em participar na exposição, comunicarão à A. C. O. S., essa intenção impreterivelmente até 15 de Abril, indicando o número de animais a expor e respectivas classes.

8.º — Pretende também a A. C. O. S., aproveitando o dia da Feira, realizar anualmente experimental um leilão de gado ovino.

Para este efeito deverão os associados interessados no mesmo, ins-

crever-se no prazo delimitado no nº 7.

9.º — O gado a leilolar deverá dar entrada no recinto reservado para o efeito, no dia 21 até às 10 horas da manhã, e ser retirado até às 20 horas do mesmo dia.

10.º — O preço base dos lotes de gado a leilolar, será fixado pelos respectivos criadores, fixando-se oportunamente uma taxa sobre o excedente conseguido, que reverterá para a A. C. O. S.

OVIBEJA/85: A CONFIRMAÇÃO DUM ÊXITO

A Associação tem vindo a desenvolver esforços para que as suas realizações tenham sempre um carácter positivo e mais uma vez se conseguiram esses objectivos.

A OVIBEJA/85 — II Feira de Ovinos realizada em Beja de 17 a 21 de Maio do corrente ano, foi um certame que já pode ser classificado como a maior expressão de ovinos de Portugal.

Este ano conseguiu reunir nada mais nada menos de 350 animais, entre as raças mais diversificadas. Estiveram presentes *Mérito Branco, Campariça, Ile de France, Merino Branco, Manchega, Lancashire, Suffolk, Choulaís, Merino Alemão e Serra da Estrela*, raças que estiveram presentes todas as raças existentes no País só faltaram as chabras.

Realizaram-se outras manifestações dentro do programa da Ovibeja/85, entre as quais as Jornadas de Ovinotecnia, cujo tema era o Associaçãoismo, as quais reuniram mais de 1.500 pessoas, demonstrando pelo seu interesse a presença de representantes das Associações Portuguesas:



Arcoze, Ovibeira, Raças Selectas, Sociedade P. Ovinocultora, Coop. de Ovinocultores de Évora, Comissão Instaladora da Assoc. Rabatelo. Estiveram também presentes os secretários gerais das Raças Francesas e das Raças Espanholas.

As exposições apresentadas foram do maior interesse para os ovinocultores que encheram o Salão dos Bombeiros, onde as Jornadas se realizaram.

Também se realizou um Concurso de animais das raças *Merino Branco e Campariça*, onde estiveram presentes belos animais que em nada ficam em causa os nossos meritos em comparação com outros estrangeiros.

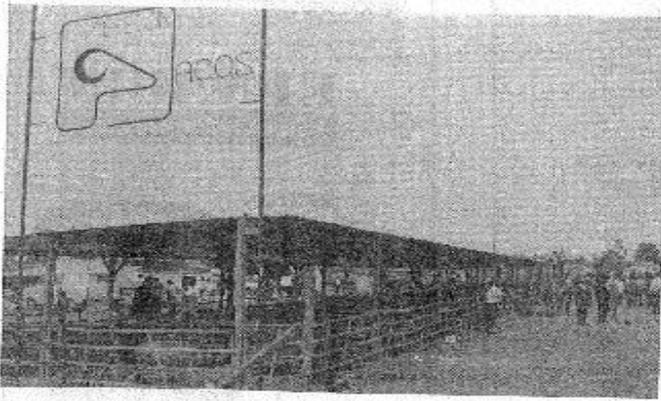
Também os criadores de Ile de France fizeram uma classificação não oficial entre si, tendo sido a seguinte:

Fizeram-se em simultâneo contratações com a activação habitual entre as pessoas que estão ligadas a este sector económico, sobretudo para Portugal, agora que nos encontramos integrados na unidade europeia.

Nesta grande movimentação de criadores e técnicos de ovinos, realizou-se uma outra reunião entre as associações de criadores, para elaborar em conjunto um programa de objectivos que irá ser apresentado ao Governo.

Esta reunião que durou mais de 4 horas, junto as associações do País, deste sector económico e definiu para o futuro a criação dum Secretariado Inter-associações, para assumir a defesa de todos os criadores de ovinos do País.

A OVIBEJA/85 é já a maior realização peninsular da espécie, gostaríamos que para o próximo ano, além desta se fizesse também a OVIEVORA para que possamos iniciar os preparativos para a Grande Feira Nacional de Ovinos, porque é no Sul onde se encontra a maior população ovina.



Anexo XXI – Fotografias dos Mercados de Beja

Antigo Mercado Municipal de Beja no Largo dos Duques, s.d



Fonte Página de Facebook Beja em Imagens



Fonte Página de Facebook Beja em Imagens



Fonte Página de Facebook Beja em Imagens

A GRANDE FEIRA ANUAL

A grande feira anual de Beja, que se realizava em Agosto, era grande acontecimento na cidade.

Não vou falar aqui das suas origens, nem da sua história multissecular. Outros poderão fazê-lo melhor do que eu. Mas vou tentar descrever aqui, à maneira de uma romagem de saudade, como a feira se apresentava ao bejense comum, durante os derradeiros tempos da sua grandeza, entenda-se durante as décadas de 30, 40 e 50 do século XX.

Note-se, desde já, que a feira de agosto não era a única que se realizava anualmente em Beja. Havia, ainda, a feira de Maio, que começara por se realizar em Março, depois em abril e, finalmente, no mês das maias. Além das feiras propriamente ditas, realizavam-se, ainda, mercados – essencialmente de gados – em cada primeira segunda-feira de cada mês, com exceção dos de maio e agosto e, mais tarde, às primeiras e terceiras segundas-feiras de cada mês, com exceção dos meses citados, naturalmente.

Comparada com a de agosto, a feira de maio, também referida como feira da primavera, era quase nada. Durava poucos dias e, nem por sombras, tinha o poder de mobilizar a cidade que aquela tinha. Apesar disso houve algumas tentativas para dar força à primaveril feira ou, falando de outro modo, para aproveitá-la no lançamento de outras iniciativas afins e justificadamente mais ambiciosas.

Foi neste contexto que se realizaram duas grandes exposições-feiras agropecuárias do Baixo-Alentejo, uma das onze províncias então existentes, da qual Beja foi capital.

A primeira dessas feiras-exposições aconteceu em ligação com a feira de maio de 1940, ano das comemorações do duplo centenário histórico de Portugal. Nesse ano, pois, o recinto usual da feira prolongava-se numa extensa área descoberta que incluía muitos espaços onde se exibia o que de melhor, em termos de agricultura e pecuária, esta província era capaz de produzir.

Entrava-se no recinto próprio da exposição através de uma abertura feita num troço de parede de alvenaria, propositadamente construído. A dita entrada imitava uma grande ferradura. Esta «ferradura» manteve-se durante alguns anos e só foi demolida quando a expansão urbanística atingiu o local.

A segunda grande exposição-feira agropecuária do Baixo Alentejo realizou-se em 1954 e teve os seus momentos mais altos no dia 3 de maio, pois foi nesse dia que Beja recebeu a visita do Presidente da República general Craveiro Lopes. O Presidente seguiu desde a estação de caminho-de-ferro até a Praça da República em carro aberto, tirado por três parelhas de cavalos. Escoltava esta viatura, numeroso e castiço grupo de cavaleiros constituído por lavradores da província do Baixo Alentejo, trajando a rigor. Integrava-se neste grupo, sendo especial alvo das atenções, o lavrador de Alcácer do Sal e também mestre do toureio a cavalo à portuguesa, João Branco Núncio. O Presidente foi recebido na Câmara Municipal e, após a hora do almoço, assistiu em tribuna montada na atual rua Luís de Camões, em local voltado para o edifício dos correios, a um grandioso desfile representativo das atividades agropecuárias da província, incluindo gado, alfaías maquinaria etc. Mais à tarde, presidiu, na praça de toiros local, vistosamente engalanada, a uma tourada de gala. Havia, então, 381 anos que uma corrida de toiros em Beja não era presidida por um chefe de estado. O anterior fora El-Rei D. Sebastião, em 1573.

Embora ninguém fale nisso, não é descabido tomarem-se estas duas exposições-feiras como premonições do grande acontecimento periódico que, nos tempos atuais é a Ovibeja, cujo começo não foi mais do que limitadas exhibições de algum gado, em ligação com as derradeiras edições da feira de maio.

Passemos agora à feira de agosto que representava o culminar da vida da cidade. Em finais de julho princípios de agosto, com o início da feira a aproximar-se, já se vivia um ambiente de espetativa e de certa animação. Bejenses que viviam fora começavam a afluir, para passarem na sua terra o tempo da feira; nas ruas procedia-se a inúmeras caiações, para que a cidade se apre-



sentasse de cara lavada; entre os residentes faziam-se projetos, incluindo o das roupas a estrear pela feira. Entretanto como vivia socialmente a cidade que, daí a pouco, iria passear pela feira?

Com o verão em pleno e sem televisão, nem «internet» que prendessem as pessoas em casa, muitos eram os que saíam após o jantar, fosse para frequentar sociedades ou cafés e afins, fosse, simplesmente, para estar ou passear nas ruas, para gozar o fresco que, à noite, rematava a forte canícula diurna. Dois dos locais mais frequentados, para este efeito, eram a praça da República e o jardim público. Neste, sobretudo, a rua principal chegava a estar repleta de gente passeando para trás e para diante, entre um extremo e outro. Durante o verão o cineteatro Pax Julia estava, em regra, fechado, substituindo-o esplanadas de cinema ao ar livre, que chegaram a ser duas, designadamente o Parque Vista Alegre e a Esplanada Jardim, esta no interior do jardim público, ambas atraindo público numeroso. Mal se iniciava a feira de agosto, todos estes hábitos, quer de bejenses, quer de visitantes, se transferia para a rua principal da feira. O jardim público mantinha as portas fechadas durante as noites da feira. As esplanadas de cinema fechavam também e só abriam, terminada a feira. Quando esta terminava as portas do jardim voltavam a abrir à noite, mas quem aí fosse a essas horas veria uma rua principal quase deserta, onde apenas deambulava um ou outro triste; mais gente, só na esplanada de cinema.

Por volta dos anos 40 e 50 do séc. XX a feira começava a 4 e terminava a 17. Nos seus anos derradeiros ela decorria entre 9 e 15.

As datas principais eram o dia 10 (dia de S. Lourenço) e 15 (dia de Sta. Maria). Nos dias 9 e 10 realizavam-se, em terrenos anexos aos da feira, importantes mercados de gado. Em tais dias não era raro ver-se, até mesmo em plenas ruas do centro da cidade, algum cigano a correr, levando o cavalo ou mula à rédea, enquanto um companheiro corria atrás, rojando um cajado pelo chão, perante a presença de um potencial comprador.

O dia 15 era tradicionalmente aquele em que se honravam compromissos financeiros como pagamentos de rendas e de serviços.

De acordo com a velha e respeitável tradição de celebrar a festa de toiros por ocasião de outras festas e feiras, também as touradas integravam a bejense feira de agosto. Realizavam-se nos dias de S. Lourenço e de Sta. Maria.

Quem olhar para alguma velha fotografia panorâmica do recinto da feira admirar-se-á, certamente, das dimensões relativamente pequenas do mesmo. Parecem, de facto, pequenas para a importância que a feira tinha, mas esta não era só isso, ela pulsava e sentia-se em quase toda a cidade.

Durante as décadas aqui referidas, a feira não se instalou sempre no mesmo local; as zonas que para tal serviram, foram todas nas proximidades do liceu, do quartel dos bombeiros, ou da atual estação rodoviária.

Vou tentar transmitir, com algum pormenor, como funcionava a feira, dentro do seu recinto propriamente dito.

A entrada era assinalada por uma estrutura de ocasião, mas dotada de alguma monumentalidade. Imprópria e vulgarmente designada por «arco», tratava-se de um imponente pórtico, geralmente com diversos vãos e de cor branca. Todo o «arco» -- digamos assim -- era decorada por inúmeras lâmpadas que, além de iluminarem, lhe acentuavam a geometria. Ultrapassada esta convidativa entrada, seguia-se por uma ampla faixa, sempre a descer em suave declive, até um alargamento circular, lá mesmo ao fundo.

Atravessando a ampla faixa, havia muitos cabos suspensos, com muitas lâmpadas coloridas que, além de decorativas, iluminavam o suficiente para que as pessoas se vissem umas às outras e as senhoras e as moças mostrassem os trajes que tinham sido especialmente destinados a estrear e a usar pela feira.

Paralelamente e de ambos os lados da faixa ou avenida principal, havia outras, secundárias, sendo talvez mais representativas dos aspetos típicos da feira, as duas mais próximas daquela.

O comércio no recinto da feira, incluindo as diversões, distribuía-se segundo o que parecia serem regras quase imutáveis, conforme vou tentar descrever.



De ambos os lados da faixa principal situavam-se tendas -- «barracas» lhes chamavam -- onde, segundo uma disposição comum a todas elas, estavam à venda grande variedade de artigos, desde utilidades, incluídas nestas as novidades do ano, a brinquedos que as crianças namoravam. Ainda não se entrara em cheio na era dos plásticos, pelo que os brinquedos eram de lata, de madeira ou, até, de barro. Situavam-se também na faixa principal barracas de comércio especializado, designadamente de objetos de madeira, de vidro, de louça, de cutelaria, além das barracas dos caldeireiros, onde se vendiam artesanais e perfeitas peças de cobre, tais como os cântaros e não só e de latão, aqui chamado de «arame». Outro tipo de comércio aí situado correspondia às barracas onde se vendia o infalível torrão de Alicante e frutos secos, alguns exóticos, como as castanhas de Maranhão. Destas barracas a mais famosa era a do Ramon Labado.

Na periferia da faixa localizavam-se, por vezes, maquinas onde se fabricava uma guloseima característica de todas as feiras, o algodão doce.

Algumas esplanadas situavam-se de ambos os lados da faixa ou faixa principal. Não existiam ainda, ou não se disponibilizavam em Portugal, os refrigerantes que hoje abundam e se impõem por aí. Quem procurasse descansar e refrescar-se nessas esplanadas, tinha á escolha cervejas, laranjadas, pirolitos, capilé, groselha, salsaparrilha, limonadas naturais etc.

Uma das esplanadas era, até, especializada em limonadas naturais. Tratava-se da inconfundível cervejaria Vicêncio, com uns arcos imitando alvenaria de tijolo à vista, com juntas brancas, tudo decorado com inúmeros limões naturais.

Também merece uma referência especial a barraca das senhoras da União de Caridade, que se localizava à direita, logo a seguir ao «arco» de entrada na feira. Aí chiava mais fino. Além do que as outras esplanadas disponibilizavam, havia empadas e outros salgados, ovos estrelados com presunto, em frigideiras de barro e variada representação da doçaria conventual de Beja, como queijinhos de hóstia, geladinhos, pasteis de toucinho, pão de rolão, D. Rodrigues (algo parecidos mas com apresentação diferente da que se usa nos seus homónimos algarvios), caroços de alcorce etc. Toalhas brancas cobrindo as toscas mesas, davam um toque especial.

Durante algumas das edições da feira apareceu nela uma barraca pequena e bem curiosa. Era a chamada barraca do Cartaxo. Situava-se sempre na zona central, à direita de quem descia a faixa. Era, quase totalmente, ocupada por uma vaca, não verdadeira mas de barro pintado, em tamanho natural. Para satisfazer os fregueses, a «vaca» dispunha de diferenciadas tomeiras nas tetas, podendo, assim, servir à vontade dos clientes, vinho branco ou vinho tinto.

Os mais idosos ou cansados não ficavam inibidos de desfrutar o contínuo desfile noturno, de gente interessada e interessante, no vaivém da faixa principal. Efetivamente qualquer pessoa, mediante o pagamento de uns tostões, podia dispor de uma cadeira, das muitas que, em quatro fileiras, estavam colocadas ao fundo da faixa central e à direita de quem descia esta. Tais cadeiras, de ferro, pesadonas, pintadas de verde, eram propriedade do velho hospital da misericórdia. O aluguer das cadeiras proporcionava ao velho hospital uma pequena fonte de receita, não só no recinto da feira, como também noutras situações, por exemplo equipando, em dia de espetáculo, os muitos camarotes da praça de toiros, os mesmos sobre cujas grades as senhoras de Beja faziam pender as mais belas e ricas colchas. Durante as noites da feira o compacto conjunto de alinhadas cadeiras estava sempre ocupado, maioritariamente por senhoras, quase todas gordas, que, certamente recordavam as feiras da sua juventude.

Na massa compacta do público que circulava na faixa principal abria-se, por vezes, uma clareira, ocupada por grupos de ciganas com trajés de cores garridas, para aí dançarem e cantarem flamenco.

O espaço circular ao fundo do recinto era rodeado pelos circos, pelos carroceis, pelas pistas de automóveis elétricos e, esporadicamente, por alguma barraca de atrações. Neste espaço em que o trânsito de peões se processava ao acaso, podiam ver-se outras atrações, como o «torpedo» ou «canhão». O que era isto? Era um dispositivo concebido para permitir que alguém, à força de braço, empurrasse um pesado objeto metálico, de formato cilíndrico, com uma das bases substituída por uma ogiva, até um ponto alto onde estava um percutor fixo. Segundo julgo lembrar-me, a pesada peça cilíndrica teria uns dez centímetros de diâmetro e uns trinta de comprimento. Dispunha de quatro pequenas rodas que rolavam guiadas por dois trilhos do dispositivo fixo. Do lado

oposto àquele em que se dava o empurrão, os trilhos apresentavam-se curvos longitudinalmente, para que a sua zona da extremidade fosse vertical. Antes do empurrão, colocava-se um pouco de explosivo no vértice da ogiva. E pronto! Quem quisesse demonstrar que era capaz, dirigia-se ao dispositivo e, com quanta força pudesse, dava um valente empurrão àquele carrinho cilíndrico. Se o impulso fosse insuficiente, o carrinho não chegava lá acima e logo recuava veloz e vergonhosamente, até o sítio donde tinha partido. Um fiasco! Se a força fosse bastante, o carrinho chegava lá acima e o choque do explosivo com o percutor fixo provocava uma pequena explosão, todavia com um estrondo assaz grande. O prémio da proeza era ter mostrado ser capaz de fazer ouvir-se o estrondo.

Em alguns anos, não todos, vinha à feira de Beja a atração conhecida por «poço da morte». Fundamentava-se numa estrutura cilíndrica vertical, de cujas dimensões não me recordo mas eram as suficientes para que um motociclista, com sua máquina, percorresse velozmente a superfície interna do cilindro, aproveitando a força centrífuga para evitar a queda. Na parte superior do cilindro havia uma plataforma para o público.

Uma posterior variante desta atração que, por vezes, a substituíam, era a «esfera da morte», caracterizada por uma esfera em vez do cilindro. Para que o público pudesse observar o motociclista na sua louca correria, a estrutura da superfície esférica era do tipo rede, embora suficientemente rígida e resistente. Porque na «esfera» o motociclista chegava a correr de cabeça para baixo, aquela transmitia mais emoção do que o «poço».

No espaço circular ainda havia umas pequenas bancas dispersas, onde se vendia polvo seco. Cada uma delas dispunha de iluminação própria, mediante um tosco candeeiro de acetileno, gás de cheiro muito característico.

Visitemos agora um e outro dos mais próximos arruamentos paralelos ao central.

Começemos pelo do lado esquerdo, no sentido descendente. Neste localizavam-se tendeiros de vários ramos de negócio mas, maioritariamente, o que lá havia eram castiças barracas de comes e bebes, das quais, pelo menos três, vendiam o caracteristicamente bejense «bacalhau frito». Lembro-me delas: A do Simenta, a do Cascalheira e a «barraca monumental» de Manuel João Ceguinho, a qual, não obstante a grandiosidade do qualificativo, não passava de um desajeitado barracão de zinco. Estas e as outras vendiam comidas, incluindo petiscos mais ou menos da tradição local. Nos anos em que a acentuada decadência da feira já anunciava a sua extinção, estas barracas foram sendo substituídas por restaurantes que, por serem mais apresentáveis além de apelativos a quem não ousava frequentar aquelas, passaram a ocupar localizações mais centrais. Estes restaurantes tinham oferta variada, mas com larguíssima predominância dos frangos de churrasco.

Entremos agora no outro arruamento próximo, o do lado direito de quem descia. Neste, além de alguns tendeiros e de alguma esporádica barraca com atração, tiveram assento, durante muitas épocas, as barracas de tiro, frequentadas apenas por uma clientela masculina, mais ou menos sensível aos apelos das empregadas das mesmas, do tipo «Oh simpático, queres vir dar um tirinho?»

Não devo omitir a referência a outras barracas que havia sempre na feira, sem que mantivessem a mesma localização de ano para ano. Eram as barracas das farturas que não vendiam mais do que estas, até que apareceu a novidade dos malacuecos e passaram a vender uma coisa e outra. Ao contrário do que muitos julgam, os malacuecos não são originários da nossa região, mas sim do Algarve. Ainda me lembro – eles eram novidade aqui – de ouvir apregoar, com voz arrastada, pelas ruas de Beja «malacuecos algarvios!». A mais famosa das barracas de farturas era a do Tio Pio.

Outras barracas que, por ocasião de várias edições da feira, ocuparam lugares diversos, foram as de fotografia. Nesses tempos sem as tecnologias da atualidade, tais barracas tinham condições para o seu negócio, não lhes faltando clientela, para ser fotografada.

A feira tinha a sua sonoridade característica. Pregões de viva voz havia poucos, mas era bem audível o dos vendedores de água, cada um carregando uma «quarta» de Beringel, mais um grande e tosco copo de vidro esverdeado: «Água fresca, a dois tostões a barrigada!». Os sons da feira eram dominados pelo omnipresente *jornal sonoro* que, além da publicidade, transmitia músi-

cas, predominando as mais usuais das respetivas épocas. Por exemplo, na feira de 1947, era dominante o tango de Canaro, *Adios Pampa Mia*. Frequentemente a música sofria uma interrupção, para se transmitir a publicidade, no âmbito da qual me lembro de alguns dos reclames. Um exemplo: «Do Sul até o Norte, por todo o Portugal, farinha Sangue Forte é a que não tem rival!». Outro: «À entrada desta feira tem Raúl Milhano uma cervejaria, onde V.Exª encontrará cervejas e bebidas frescas!». Era assim mesmo, com redundância, porque cerveja também é bebida. Outro, ainda, este relativo á aludida barraca do Cartaxo: «Quer andem para cima quer andem para baixo, todos vão parar à barraca do Cartaxo!»

Lá mais para o fundo os sons eram mais intensos, em especial perto do poço ou da esfera da morte. Soava, ainda, o rolar dos carroceis, não impedindo, todavia, que se ouvissem avisos e apelos do seu pessoal, do tipo «mais uma voltinha voltarela, para a menina da blusa amarela!». Os rebentamentos do «torpedo» ou «canhão» ajudavam àquela mistura de sons que, nessa zona, abafavam o *jornal sonoro*.

Nas madrugadas de 9 para 10 e de 14 para 15 de agosto, ouvia-se outro som característico: O rebentamento, lá no alto, de um potente morteiro que se ouvia em toda a cidade. Era o aviso de que os toiros para a tarde seguinte já estavam encerrados na praça. Servia, quando os toiros entravam a pé, para avisar as pessoas de que já se podia transitar em segurança, por estar afastado o perigo de alguma rês se tresmalhar e escapar-se para as ruas da cidade. Quando se adotou o uso de jaulas para transporte dos toiros, ainda se ouviu, durante alguns anos, esse morteiro noturno, por simples hábito e alguma tradição.

A feira também tinha o seu cheiro caraterístico, que não incomodava ninguém e era, até, um estimulante forte de recordações. Lembro-me bem do cheiro do polvo assado, do cheiro do acetileno e também do cheiro dos fritos. Em edições da feira que podem considerar-se da fase decadente adicionou-se o cheiro dos frangos a assar.

Durante as manhãs e as tardes, com exceção dos dias 9 e 10 que eram os dos mercados de gado, era pouco densa a afluência à feira. Era mínima pela «frega da calma», por outras palavras durante as horas de mais calor que, em agosto aperta bem. À tardinha ia aparecendo mais gente, usufruindo o ambiente mais convidativo que era proporcionado pela rega do recinto. Esta operação era feita pela «camioneta da rega», a mesma que a Câmara Municipal utilizava para a rega refrescante das ruas mais concorridas da cidade. A rega, na feira, segurava o pó e, pela evaporação, amenizava o ambiente. Podiam ver-se, então, acompanhando familiares, crianças felizes com algum brinquedo, desses simples e baratos pois que, para a generalidade das pessoas, os tempos não eram fáceis. Entre esses brinquedos predominavam os balões, as cornetas de barro, os tambores e, de madeira, aqueles típicos bonecos que se mexiam à medida que a pequena roda a que se sobrepunham, rolava, empurrada por uma haste a qual fazia parte do brinquedo e que a criança ia segurando. Se o boneco fosse um passarinho ia batendo as asas; se fosse um ciclista ia pedalando. Não só estes como muitos outros brinquedos eram vendidos na feira. Uma tentação!

Era regra, com raras exceções, a presença de uma ou mais barracas de atrações, as quais tanto funcionavam à noite como nas horas da tarde em que a afluência de público o justificasse. Lembro-me de ter assistido, à tarde, enquanto fazia horas para a corrida de S. Lourenço, ao espetáculo de uma dessas barracas de atrações. O custo de uma entrada era de dez tostões. Baseava-se o curto espetáculo numa caixa ou baú, de madeira, com ranhuras nas quais, após uma moça ser fechada lá dentro, se iam enfiando espadas. À maneira dos circos em que, perante o prolongar de um número arriscado, o bom público português grita «basta! basta!...», ouviu-se um idoso espetador gritar «tem avondo, tem avondo, senão a moça sai daí que nem um arneiro!».

Nos tempos difíceis que aqui se recordam, muito raras eram as pessoas que gozavam férias fora de Beja. As pessoas que podiam dar-se a esse luxo, não abalavam sem que a feira terminasse, o que acontecia a 17 de agosto. Para muitos bejenses este era um dia triste, porque estava a entrar o vazio após feira. Os dias seguintes eram mais tristes ainda. Faltava a feira, mas nos dias 18 e 19, mantinha-se a pequena consolação de um resto dela, graças aos circos, que prolongavam por dois dias a sua permanência na cidade. Nesses dias, as senhoras espetadoras, devidamente acompanhadas, não pagavam bilhete. A publicidade dos circos, circulando nas ruas da cidade, anunciava «damas grátis!». Quem fosse ao circo, nessas noites, tinha de atravessar o

que fora a luminosa e animada faixa principal da feira, transformada, então, num tristonho terreiro, frouxamente iluminado por mui espaçadas e fracas lâmpadas. Mas, lá ao fundo, homens pagantes e damas isentas disso, entravam no contrastante banho de luz e de música do circo. No regresso era o vazio, a feira estava mesmo acabada. Haveria mais, só para o ano...

As datas e a grandeza da bejense feira de agosto eram, sobretudo, motivadas pelo calendário agrícola. Modernamente, as alterações devidas às novas tecnologias, às condições socioeconómicas, aos novos hábitos de vida, influenciaram de tal modo a velha feira, que esta foi perdendo sentido até deixar de existir. Já não havia condições para ela, mas passou a havê-las para outro tipo e outras datas de feira importante. Assim, tendo começado timidamente, a Ovibeja, veio a afirmar-se como a grande feira do Sul.

Não posso terminar sem a alusão a uma insensata medida – de que, certamente, quase ninguém se lembra – a qual desferiu um golpe na componente de convívio da feira de agosto. Tratou-se da infeliz ideia de dividir longitudinalmente a faixa principal mediante um separador constituído por imensa concentração de tratores e de outra maquinaria, em especial agrícola.

Nas duas estreitas faixas restantes, uma de cada lado da maquinaria, não apetecia passear, muito menos conviver. A massa metálica, inerte e mal iluminada, interpunha-se entre quem passasse de um lado e quem passasse do outro.

Nos tempos que se seguiram às décadas aqui referidas, a feira mudou de sítio, mudaram-se hábitos e tudo foi deixando de ser como era. A distribuição de barracas e dos arruamentos passou a ser diferente. As cervejarias e as esplanadas, incluindo a da União de Caridade foram desaparecendo. O bacalhau frito foi substituído por frangos. Quase não havia possibilidade de alguém se sentar e descansar, a não ser nos restaurantes de frangos. Finalmente veio o colapso da velha e outrora importante feira de agosto em Beja, também conhecida por feira de S. Lourenço e Sta. Maria. Acabou!

Acabou a velha feira, mas nem tudo se perdeu. Mantém-se a tradicional tourada de S. Lourenço, que passou a ser noturna, poupando-se assim o público ao imenso calor usual em tal data. Realiza-se a 10 ou em data colada a esta e representa a tradição aliada à saúde, pelo que deve ser sempre respeitada.

Beja, maio de 2015



Joaquim Henrique de Castro e Sousa Carrusca

Anexo XXIII – Entrevistas sobre as Feiras de Beja

Entrevista 1

Sexo Feminino

Faixa Etária: 30 – 40

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistada: Eu sobre a da Primavera não tenho qualquer tipo de conhecimento, em relação à de agosto lembro-me vagamente porque era mesmo muito nova e sei que tinha, pelo que ouvia falar dos meus pais e dos meus avós, mas não tenho muita lembrança visual da Feira em si. Sei que era uma Feira importante porque vinham pessoas por causa do comércio, do gado, e outro tipo de serviços como carpintaria.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistada: Lembro-me de pouca coisa, as pessoas vinham à Feira para se divertirem e também para consumir produtos que seriam necessários.

Aluna: Quais as suas memórias dos locais das Feiras?

Entrevistada: Penso que a Feira era na zona da Ovibeja, não sei se estou enganada, porque como era nos limites da cidade penso que tenha sido aí porque era uma zona com mais espaço, penso que tivesse sido aí.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistada: Não porque acho que devíamos ter uma antiga tradição porque ao fim e ao cabo a Feira de agosto parece-me que foi substituída um pouco pela Ovibeja, mas com outro tipo de público, visto que na Ovibeja continua a haver o gado e outro tipo de serviços. Mas por exemplo a parte dos concertos, a animação é diferente, antigamente havia a parte dos carroceis e agora temos outro tipo de animação. Mas não concordo com a extinção porque visto ser uma feira tão importante deveria ter-se mantido as tradições.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistada: Eu penso que hoje em dia com a Ovibeja, quer dizer a Ovibeja é em abril/maio, mas agora haver uma Feira novamente em agosto não sei se iria ter a adesão que teria antigamente porque a cidade de Beja em agosto fica uma cidade fantasma, e é verdade pois as pessoas vão de férias, vão para o Algarve e vão para a costa Alentejana. Não sei se faria sentido ser nessa altura pois se fosse para manter ou voltar a manter, o mês em si não seria o melhor por essas razões que indiquei agora. Mas era bom que fosse implementada novamente essa feira.

Entrevista 2

Sexo Masculino

Faixa Etária: 30 - 40

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistado: Só me lembro da Feira de agosto. Lembro-me dos carrocéis, lembro-me das lojas – aquilo eram tendas – que tinham porcelanas, alguidares, tinham também produtos agrícolas, lembro-me do frango da feira porque diziam que era melhor por causa do pó da terra. Lembro-me do carrocel da selva, lembro-me dos aviões que subiam e baixavam.

Aluna: Não te lembras da Primavera?

Entrevistado: Da Primavera não me lembro.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistado: Quando eu ia com a minha avó, ela ia por ócio pois ela era mais velha ela ia comprar coisas, e eu ia por ócio pois ia andar de carrocel, ia às barracas de tiro ao alvo, essas coisas assim, davam presentes se acertássemos ou rebentássemos com qualquer coisa, eu ia mais por ócio também devido à idade não tinha dinheiro para comprar coisas.

Aluna: Quais as suas memórias dos locais das Feiras?

Entrevistado: Lembro-me de ser ali onde é agora o continente. Assim na entrada descia-se ali onde é agora a Rua Zeca Afonso, descia-se por terra batida, depois tinha a entrada e tinha lá dentro os carroceis, as bancadas e isso tudo. E lembro-me de ser por trás da Mário Beirão, onde é agora o Parque de Feiras e Exposições, mas já muito mais fraca do que era quando eu era mais novo, quando eu era criança, já foi na minha adolescência a feira nesse sítio e estava mais fraca. Penso que seja porque, como estávamos há pouco a falar, as pessoas começaram a ir para a praia, e então começaram a deixar de dar tanta relevância à feira. As pessoas que se viam mais na Feira eram pessoas dos bairros sociais se calhar por não terem dinheiro para ir de férias para fora de Beja, então mais os que se viam na Feira eram pessoas dos bairros sociais, pessoas com menos posses. Talvez o que

tenha levado também à extinção da Feira porque não havia negócio. Não havia tantas posses nem tanto negócio.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistado: É assim eu concordo nos moldes porque acho que tem a ver com feiras de época. Naquela época as Feiras eram assim: terra batida, os carroceis, as vendas e tudo. Hoje em dia requerem-se Feiras com mais modernidade, em pavilhões, com *stands*, também com gado mas tudo muito mais higiénico, tudo muito mais moderno. Também se formos ver, a Feira de agosto ou a Feira de maio mas essa já não me lembro, com a terra batida se chovesse ficava tudo enlameado, não havia abrigo para as pessoas, não havia espetáculos musicais.

Aluna: Achas que não acompanhou com a evolução dos tempos?

Entrevistado: Acho que acompanhou e até penso que a Ovibeja seja um substituto natural da feira de agosto porque sabendo de antecipação que as pessoas vão de férias em agosto, mais vale ter uma feira moderna em maio/abril, com uma temperatura agradável porque aqui no Alentejo nessa altura já está uma temperatura agradável, em substituição dessa Feira. Não acho muita lógica viver do passado porque nós sabemos que à partida vai ter muito pouca aderência. Portanto não me parece que seja uma boa ideia voltar a ter. Acho que neste momento com a Ovibeja, com a Feira de setembro – porque há ou havia uma Feira em setembro – adaptaram-se as Feiras ao consumidor ou seja o consumidor está cá nessas épocas quando se realizam as Feiras, tem mais adesão do que se for uma Feira feita em agosto, por isso acho que não vale a pena fazer a Feira de agosto, nos mesmos moldes.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistado: Já disse que não tenho, penso que não fazia lógica neste momento.

Entrevista 3

Sexo Masculino

Faixa Etária: 50 – 60

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistado: As memórias de que me recordo é de quando elas ainda eram feitas junto à Rodoviária, tanto a de maio como a de agosto. E ainda me recordo delas onde estão as vivendas ao lado do Continente.

Aluna: Por trás da Escola Industrial não é?

Entrevistado: Sim.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistado: Olhe, para me divertir um bocadinho, e algumas delas para negócio porque eu fazia negócio de animais, e os animais iam às Feiras.

Aluna: Ou seja, então era negociante? Negociava nas Feiras?

Entrevistado: Sim.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistado: Não. Acho que era um meio de desenvolvimento às pequenas empresas e à população para mostrar algumas das coisas e agora é diferente, nem todos tem possibilidades, como na Ovibeja, de irem porque há pessoas que fazem pequenos investimentos.

Aluna: Mas lembra-se da Feira de maio? Realizava-se nos primeiros dias de maio.

Entrevistado: Lembro-me de maio, e a outra de 10 a 15 de agosto.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistado: Eu, propostas e ideias não costumo dispensar muito. O que digo é que se as pessoas queriam voltar ao antigamente arranjavam maneira de o fazer, porque se arranjam maneira de fazer o contrário também arranjavam maneira de fazer isso. Se arranjaram maneira de acabar com elas, arranjavam outra maneira.

Entrevista 4, 5 e 6

Entrevista Conjunta a 3 Entrevistados

Sexo Masculino

Faixa Etária: 70-90

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistado A: Vínhamos à Feira de agosto todos os anos, via-se a Feira, depois íamos ver a Tourada e depois à noite ficávamos porque havia circo, ainda não havia televisão.

Aluna: A Tourada era dia 10, no dia de São Lourenço.

Entrevistado A: Exatamente e no dia 15 havia outra.

Aluna: No dia 15 havia outra Tourada? No dia de Santa Maria.

Entrevistado A: Sim senhora.

Aluna: E a Feira durava uma semana?

Entrevistado A: A Feira ia de dia 7 até ao dia 15. No dia 16 a Feira acabava.

Entrevistado B: A Feira ia até ao dia 15.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistado A: Às vezes por causa do gado, era moço vinha com o meu pai, vinha às Feiras, trazia o gado e vendia-o.

Aluna: Quais as suas memórias dos locais das Feiras?

Entrevistado A: Olhe voltava-se aqui ao Quartel dos Bombeiros, dos Bombeiros para baixo não havia nada. Depois mais tarde é que a mudaram para outro lado.

Entrevistado C: Ainda cheguei a ver a Feira cá na parte do campo da bola.

Entrevistado A: Essa já foi mais tarde. Ou foi já mais tarde

Entrevistado B: Por baixo dos Correios essa Rua era toda.

Aluna: Onde era o antigo Matadouro?

Entrevistados: Pois.

Entrevistado B: Essa foi já a última parte da Feira de agosto. Depois foi noutro sítio.

Aluna: Onde é a piscina? Entre a piscina e a Rodoviária?

Entrevistado B: Não, isso era já o campo da bola. Foi essa parte toda aí já a Feira. E depois do 25 de abril foi onde está p Continente.

Entrevistado A: Não, eu acho que a Feira foi primeiramente aí.

Entrevistado C: Não, foi aqui sempre. E na estrada da Salvada foi aí também. E a última foi por trás dos bombeiros, não havia nada aí.

Aluna: E lembram-se da Feira de maio?

Entrevistados: Sim.

Entrevistado C: Mas não era de grande importância.

Aluna: A de agosto era maior tinha muita gente?

Entrevistados: A de agosto era maior.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistados: Não.

Entrevistado C: Era muito melhor assim ao ar livre. As pessoas não pagavam nada e na Ovibeja as pessoas tem que pagar e não tem dinheiro para ir lá. Agora é que no primeiro dia, até às 10 horas parece que é livre, depois aí para a frente já se paga.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistados: Não.

Entrevistado C: Eu acho que é difícil. As pessoas novas já não ligam tanto. Querem é discotecas. E mesmo nós íamos à Feira para comprar sapatos, e agora há lojas por todo o lado.

Aluna: Pois e agora há os hipermercados.

Entrevistado C: Pois íamos para comprar frango assado e malacuecos. E o torrão

Entrevistado A: Agora as pessoas veem mais à cidade, antigamente estavam um mês sem vir à cidade.

Aluna: Pois e as pessoas começaram a ir para a praia.

Entrevistado C: Mas na altura não ia tanta gente para a praia.

Aluna: Pois não tinham viatura própria.

Entrevistados: Não.

Entrevista 7

Sexo Masculino

Faixa Etária: 60-70

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistado: Tenho saudades dessas Feiras, mais do que destas agora, eram mais populares, eram mais terra a terra e eram mais genuínas. Para mim, tenho muitas saudades dessas Feiras antigas.

Aluna: Lembra-se da Feira da Primavera?

Entrevistado: A da Primavera era a Feira de Maio, era uma Feira espetacular e a de Santa Maria então era superior à Ovibeja. Vinha gente das aldeias e era um acontecimento. Hoje já nada é acontecimento porque já temos tudo. Antigamente era um acontecimento as pessoas vinham das aldeias, das vilas, juntavam-se e faziam grandes festas. Juntavam-se dentro das Feiras e faziam grandes festas. Hoje em dia já não se faz nada disso.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistado: Diversão, nessa altura era mais por diversão, depois é que comprávamos os malacuecos, as coisas que se comiam no local como o frango cheio de areia. Ainda hoje quando vejo uma barraca dessas, com o frango misturado com a areia, não era nada muito fino, gosto de ser mais genuíno.

Aluna: Quais as suas memórias dos locais das Feiras?

Entrevistado: Foram em vários sítios, ao pé das piscinas, ao pé do Modelo.

Aluna: Por trás da Escola Industrial?

Entrevistado: Não, no sítio quase a bem dizer onde estão essas vivendas. De um lado é o Modelo e de outro lado ficavam as vivendas.

Aluna: Mas nessa altura não havia Modelo pois não?

Entrevistado: Não, nessa altura era campo e as vivendas não existiam.

Aluna: E lembra-se de outros sítios? Onde é o Parque de Feiras e Exposições.

Entrevistado: Aí também mas primeiro de tudo foram onde é a piscina, ao pé do Pavilhão, nessa zona foi a primeira vez que fizeram. Depois daí é que passou para onde é o Parque de Feiras e Exposições – na Ovibeja. E a terceira vez foi já no Parque de Feiras e Exposições.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistado: Proposta não tenho mas achava bastante interessante aquela Feira, que era uma Feira popular, as pessoas entravam e saíam, e continuo a dizer que eram mais genuínas, mais puras e mais verdadeiras. Hoje é mais o comércio agressivo e é mais aquela coisa, tudo muito bem estudado.

Aluna: E a entrada não ajuda.

Entrevistado: A entrada só é barata porque é o seguinte: para vocês os jovens que vão ver os espetáculos. Aquela feira é uma mentira e quando se diz que a Feira tem 100 mil pessoas ou 200 é mentira. Porque para ver a Feira se calhar tem 40 mil pessoas e depois tem 50 mil jovens que vão ver o espetáculo e muitos desses jovens veem-se embora. Ou seja, misturaram uma coisa com a outra, acabaram com os espetáculos baratos, mas para um Português que vai ver a Feira é caríssimo. Se for ver o espetáculo e pagar 7 ou 8 euros é baratíssimo, mas se eu for para ver a Feira e às 18 horas vier para a casa como os casais velhos que não vão estar lá até às tantas, é caríssimo.

Entrevista 8

Sexo Feminino

Faixa Etária: 40-50

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistada: Lembro-me bem quando era miúda, ia sempre com os meus pais à Feira.

Aluna: Tem mais memória da Feira da Primavera que era em maio ou da Feira de agosto?

Entrevistada: A de agosto.

Aluna: Pois porque era maior não é?

Entrevistada: Sim era maior, e recordo-me dos frios que rapava lá à noite. Isso lembro-me bem porque ia sempre com os meus pais.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistada: Era mais por diversão, para ver a Feira e andar lá nos carrocéis.

Aluna: Quais as suas memórias dos locais das Feiras?

Entrevistada: Sim era lá para baixo, para ao pé da Gare, acho eu.

Aluna: Da Rodoviária? Ao pé da piscina onde é o Pavilhão Gimnodesportivo.

Entrevistada: Sim para aí é que me lembro, sim.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistada: Nem concordo nem discordo, as coisas mudam, temos que acompanhar esta evolução, agora há a Ruralbeja.

Aluna: Pois mas também já não há assim muito.

Entrevistada: Pois é isso. E não sei até que ponto é que essas Feiras se continuassem como eram teriam aceitação. Era capaz de ter aceitação na mesma. Mas pronto as pessoas vão-se adaptando também aos tempos.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistada: Isso era só, se calhar, vontade da Câmara. Talvez da Autarquia em voltar a fazer como era dantes. Acho que daí é que parte, não é o cidadão comum. O cidadão tem que mostrar interesse mas a Câmara é que tem de decidir isso. É a minha opinião.

Entrevista 9

Sexo Feminino

Faixa Etária: 60-70

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistada: Não tenho muitas mas tenho algumas. Por exemplo quando eu cheguei a Beja, a Feira era feita todos os anos ali ao pé dos Correios. Primeiro era no Matadouro, depois o Matadouro fechou depois era ali nos Correios e passou para ao pé da Gare.

Aluna: Para ao pé da Rodoviária? Ali onde é o Pavilhão Gimnodesportivo ali ao lado da piscina.

Entrevistada: Sim era aí mesmo. E a partir daí não sei mais nada.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistada: É assim, acho que as Feiras hoje fazem falta, mas as pessoas todos os dias compram coisas e há tanta oferta que as pessoas já não guardam aqueles tostões para irem à Feira de vez em quando. Antigamente há 30 e tal anos lembro-me que os meus pais e os meus avós iam às Feiras de Serpa, a Feira de Castro e de Moura comprar tudo, guardavam os dinheirinhos todos para comprar sapatos, o ouro, os abrigos de inverno. Eu ia mais para o carrocel, para a Tourada, malacuecos.

Aluna: Pelo Frango.

Entrevistada: O frango nessa altura não se usava toda a gente levava a marmita. Havia um bocado de brio em levar o frango caseiro frito em tomate.

Aluna: Concorde com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistado: Não, eu acho que fazem falta. Trazem pessoas à cidade, trazem movimento e eu acho que não deviam acabar. E não devia ser tão longe como é. Por exemplo a Feira aqui em Beja é muito longe, as pessoas as vezes não vão porque à noite está muito frio. Por exemplo vou aqui à Ovibeja uma noite. O que vou lá fazer, vou jantar.

Aluna: Pois para jantar, e não aproveita para ver os concertos?

Entrevistada: Não, tenho que vir tomar conta do Hotel, no dia seguinte tenho que me levantar cedo.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistada: Assim de momento não me ocorre nada mas acho que são bem-vindas. Os eventos aqui são bem-vindos, parece que não mas trazem gente à cidade. Quer seja a nível de Turismo, quer seja a nível de Ferias. Quando há alguma coisa as pessoas gostam imenso, por exemplo uma coisa que hoje se está a usar muito são aquelas Feiras da Açorda e do Porco. As pessoas às vezes dizem-me, e eu gostava de organizar um jantar. Quem queria vir dormir dormia, com direito a comer um bom porco assado nas brasas é do melhor que há. O porco assado só com sal, o vinho, o pão caseiro e as azeitonas era do melhor que há. As pessoas vinham visitar. E depois dizem-me “se pensar diga”, mas eu também estou muito limitada. O hotel é meu, tenho apenas dois filhos, um tem a erva-nária e outro tem este barzinho.

Entrevista 10

Sexo Feminino

Faixa Etária: 40-50

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistada: Mais a Feira de agosto. As minhas memórias são memórias de saudades. Porque era uma Feira muito bonita, uma Feira com muita gente, uma Feira que toda a gente falava e era muito bom, fazia muito bem à cidade de Beja.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistada: Para diversão porque nessa altura havia carros de choque, carroceis, havia de tudo naquela Feira. Por comida, porque tinha produtos bons, produtos Alentejanos muito bons, e por uma questão de convívio com as pessoas.

Aluna: Quais as suas memórias dos locais das Feiras?

Entrevistada: O que me lembro é onde é agora atualmente o Continente, é a única memória que tenho do sítio da Feira.

Aluna: Só te lembras aí?

Entrevistada: Sim, só.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistada: Não de maneira nenhuma, porque é uma Feira que faz muita falta à cidade, faz muita falta para nós termos a nossa cultura, porque era uma Feira também de Culturas e é uma Feira que faz muita falta em termos de atrair mais pessoas à cidade.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistada: Eu penso que a Câmara devia avançar – com tantos terrenos que tem livres – devia avançar com propostas para os Feirantes virem de novo fazer a Feira.

Principalmente aquela Feira de agosto que era uma altura em que as pessoas gostavam de andar na rua e de andar ao ar livre e fazia falta a toda a gente.

Entrevista 11

Sexo Masculino

Faixa Etária: 60-70

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistado: As memórias? Lembro-me do carrocel, da posta de automóveis, do circo, da barraca do frango assado.

Aluna: Lembras-te mais da de agosto ou da primavera?

Entrevistado: Da de agosto, era a Feira anual.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistado: Sim era para ver o gado, para consumo, portanto, íamos passera, ia ver o que lá havia.

Aluna: Quais as suas memórias dos locais das Feiras?

Entrevistada: A Feira era lá ao pé da Rodoviária.

Aluna: Onde é o Pavilhão Gimnodesportivo?

Entrevistado: Sim ao lado do Pavilhão Gimnodesportivo, onde estão umas casas, o Hotel Francis e portanto foi aí e foi mais tarde passou a ser cá onde é a Ovibeja.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistado: Não porque era uma coisa onde as pessoas iam passear e era uma distração, iam distrair.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistado: Uma ideia deviam de fazer a Feira outra vez porque era uma coisa que interessava, fazia falta à população, para se divertirem e comprar coisas.

Entrevista 12

Sexo Feminino

Faixa Etária: 60-70

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistada: Olhe tenho mais ideia da de agosto, que era uma Feira muito bonita mesmo, era talvez das Feiras mais bonitas da região. Ao meu gosto. Tinha muitas tendas de vários artigos, de artesanato, portanto era uma Feira muito bonita, com uma iluminação muito bonita. Antigamente ainda era ali ao pé das piscinas, e portanto a ideia que eu tenho é de que era muito bonita.

Aluna: A da primavera já não se recorda muito.

Entrevistada: A da primavera não, esta de agosto sim, é a que eu tenho mais memórias. Normalmente corria de 10 a 15 de agosto, depois estava integrado a Corrida de Touros, à qual eu ia sempre também ver a de dia 10 – dia de São Lourenço – e pronto era realmente muito bonita a Feira.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistada: Por diversão, não quer dizer que depois lá não se comprasse qualquer coisa, mas mais por diversão, sim.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistada: Não, não concordo. Pessoalmente gosto muito de Feiras e acho que davam vida à cidade e às localidades. Nunca fui apologista que essa Feira terminasse. Há agora a Ovibeja, mas acho que não tem nada a ver com a Feira de agosto. São coisas bonitas, não quer dizer que não seja também interessante, mas para mim a Feira de agosto foi uma pena acabar.

Aluna: Também é um conceito diferente, a Ovibeja é mais virada para a Agricultura.

Entrevistada: Sim por isso eu digo que são Feiras mais distintas. Mas de qualquer dos modos para mim que tenho mais de infância, de adolescente, nessa fase gostava mais da Feira de agosto, tive muita pena que ela acabasse.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistada: Sim acho que sim, que deve haver e deve ser recuperada.

Entrevista 13

Sexo Feminino

Faixa Etária: 60-70

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistada: Lembro-me mais da de agosto, a Feira de Santa Maria.

Aluna: Não te lembras da Feira de maio?

Entrevistada: Dessa não me lembro muito,

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistada: Para passear e quando havia algum dinheiro para comprar alguma coisa.

Aluna: Quais as suas memórias dos locais das Feiras?

Entrevistada: Isso agora é que é pior. Era ao pé da Rodoviária.

Aluna: Lembras-te em mais algum sítio?

Entrevistada: Só ao lado do Pavilhão mas isso foi pouco tempo.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistada: Não, acho que devia haver uma vez que aqui não há nada que dê valor à cidade. Devia de existir, e para já, metia muita gente sempre. Em todas as terras há Feiras, só aqui é que acabou, não sei o porque.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistada: Oh uma proposta propriamente seria que não deviam acabar com essas tradições. São tradições tão antigas, e que devia de existir. Em todas as terras há – em meios mais pequenos – em qualquer terra há, aqui tem-se acabado com tudo, não sei porque. E era bom para as pessoas.

Aluna: Pois para desanuviar não é?

Entrevistada: Pois para se distraírem. As pessoas iam sempre, vinham pessoas de fora. Assim acaba-se com tudo não dá valor à cidade. Tanto que nos fins-de-semana parece um monte, não há nada.

Aluna: Em agosto?

Entrevistada: Em agosto e nos outros meses, o que dá vida aqui são os alunos e em eles não estando cá parece um monte.

Entrevista 14

Sexo Masculino

Faixa Etária: 30-40

abril de 2015

Aluna: Quais as suas memórias das Feiras (Primavera e Agosto)?

Entrevistado: Tenho poucas memórias das Feiras.

Aluna: Lembras-te mais da Feira da primavera ou de agosto?

Entrevistado: A de agosto, da primavera não me lembro sequer.

Aluna: Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas feiras?

Entrevistado: Por diversão apenas.

Aluna: Quais as suas memórias dos locais das Feiras?

Entrevistado: Era no local onde é hoje o Parque de Exposições, da Ovibeja, era aí se não estou enganado.

Aluna: Só te recordas daí?

Entrevistado: Um pouco mais cá na parte lateral, mas não me recordo muito mais dessa Feira, parece-me que era nesse sítio.

Aluna: Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?

Entrevistado: É assim, de uma nem me lembro. A da primavera não me recordo, e a de agosto não concordo, gostava que houvesse uma Feira tradicional, aqui da cidade. Pelo menos uma sem ser a Ovibeja.

Aluna: Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

Entrevistado: Talvez fazer uma Feira na altura do Verão, que é uma altura de férias também. Não tenho assim grandes ideias sobre isso.

Anexo XXIV – Fotografias da antiga Festa das Maias em Beja

Festa das Maias realizada pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja, 1988



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Festa das Maias realizada pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja, s.d



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja



Fonte Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Anexo XXV – Periódicos sobre as Festas das Maias antigas

Diário do Alentejo, s.d

8 *Diário do Alentejo* 13 DI



Maia colectiva da Escola do Salvador



Maia representativa da Rua ao Pé da Cruz

Duzentas crianças recuperam as «Maias» de Beja

Cerca de duzentas crianças, entre maias e aias, participaram no último fim de semana no Concurso de Maias de Beja, uma tradição caída em desuso nos últimos tempos e que este ano o Núcleo de Etnografia da Casa da Cultura da Juventude resolveu reaninhar.

Bairros e ruas da cidade ganharam nos passados sábado e domingo um raro colorido com largas dezenas de «tronos» e salpicaram o solhar fim-de-semana dos bejenses. As «Maias» voltaram, nessa sacração de um novo ciclo da natureza a que, anualmente, e desde a Antiguidade, diversos povos se entregaram. Sem das horas a fio sobre seus tronos vestidos de branco e enfeitados com o desenho inocente e perfumado que as flores sabem moldar, setenta e oito crianças de Beja retomaram uma simbologia que os tempos modernos parecem ter progressivamente remetido ao silêncio. Perto delas, outras tantas crianças (as aias) soletravam o tradicional «ostoiinho pré-Maia», recolhido em improvisadas bandejas.

Mas se o número de participantes directos neste reabilitar das «Maias» ascende a cerca de duzentas crianças, a verdade é que a contabilização sofrerá um notório acréscimo se for levado em linha de conta o envolvimento indirecto de muitas outras crianças na montagem do cenário das «Maias», como foi por exemplo o caso dos filhos da Escola do Salvador, que colectivamente se empenharam na sua apresentação. Ou o empenhamento de muitos pais que se tornaram de pronto sensíveis ao ressurgimento desta tradição es-

timulando na presença de seus filhos no concurso das Maias; ou ainda de ruas inteiras (como a do Pé da Cruz) que emprestaram uma nova moldura ao seu quotidiano;

bairros mais modernos (como o do Ultramar) até aos suburbanos ou mais pobres, como os do Pelame, Senhora da Conceição, Esperança, Aparição, Zona Azul.

CONCURSO DE «MAIAS POR RUAS» EM 1984

Embora de uma forma Cruz, trabalho em que apostou toda uma rua.

Esta última experiência terá desde já alertado os organizadores deste primeiro concurso de Maias que admitem a reedição para o ano da iniciativa, desta feita talvez envolvendo um concurso de Maias por ruas.

Este fim de semana, mais tronos de Maias irão



Maias do Bairro da Esperança

Homenagem ao Poder pela Casa do Alentejo

«Estou plenamente convencido que cem por cento das 47 Câmaras Municipais do Alentejo vai comparecer na nossa Festa» — disse Vitor Paquete, da direcção da Casa do Alentejo, durante o almoço que esta instituição ofereceu aos representantes dos órgãos de Comunicação Social para anunciar parâmetros da festa que irá marcar os seus 60 anos de vida.

Como nos disse Pedro Martins, encarregado das relações com a imprensa, a Casa do Alentejo resolveu convidar os jornalistas naturais desta província, tendo convocado cerca de três dezenas. Como depois nos acrescentaria com uma certa decepção na voz, «apenas compareceram pouco mais de dez...»

A Casa do Alentejo irá, no entanto, fazer ainda uma tentativa no sentido de aproximar em Lisboa os profissionais da imprensa que, trabalhando na Capital, não esquecem a província de que são oriundos e onde continuam a ter raízes.

O prospecto com o programa das festas que durante quatro semanas irão desenvolver em Lisboa para celebrar os 60 anos da Casa do Alentejo serviu de pretexto a este almoço com a informação.

Para já, algumas novidades relativamente ao programa oficial se manifestam, tal como a edição de um livro sobre o aproveitamento dos restos daquele conchelo me recia igualmente destacar aquele «stand».

A presença da representação barranquenha levamos a sugerir que, em Agosto, na Feira de S. Lourenço e Santa Maria os esforços das Câmaras do distrito se conjuguem para que cada concolução tenha a sua representação distinta e o público possa apreciar melhor a mostra de artesanato das várias regiões sul-alentejanas.

Estes foram, entre outros, dois motivos alentejanos para visita a uma Feira que, não sendo a mais importante (S. Lourenço e Santa Maria continua a levar a palma), ainda assim chama à capital sul-alentejana número significativo de visitantes.

Na realidade, para além dos habituais divertimentos, dos restaurantes, bancas de quinquilharias e dos também já habituais «stands» em que a exposição de maquinaria agrícola predomina, aqueles dois pavilhões foram o grande chamariz de da Cercijeira, pela razão especial de «dar conta» de

uma obra que vem sendo levada a efeito com resultados muito positivos no sentido de dar aos jovens deficientes ensino e condições de valorização e adaptação ao trabalho; o pavilhão de Barrancos, que, inclusive, trouxe artesãos que no manejo de verga e na tecelagem, fizeram demonstrações de que poderá ser o artesanato daquela zona raiana do Alentejo desde que o

CAMARA DE BARRANCOS

Anexo XXVI – Fotografias da Festa das Maias de 2015

Dia 15 de maio – Maias com a participação das escolas, 2015



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves

Dia 16 de maio- Festa das Maias com a participação dos pais



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves

Atuação do Grupo Coral Infantil Mocinhos em Cante, 2015



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves

Anexo XXVII – Entrevistas realizadas às antigas Maias

Entrevista 1

Sexo Feminino

Faixa Etária: 40-50

maio de 2015

Aluna: Que memórias guarda do dia em que foi Maia/Aia?

Entrevistada: As memórias são as mais felizes pois podíamos brincar na rua nessa altura, à vontade pois não havia os perigos que há hoje. Éramos muitos ali na zona, e eu tinha uma colega e amigas, costumávamos fazer de Maia, vestíamos aqueles vestidinhos brancos com as flores, íamos procurar flores no jardim público e noutras zonas, depois fazíamos os colares, púnhamos ao pescoço e sentávamo-nos à porta. Uma de nós ficava sentada e a outra ia pedir um tostãozinho para a Maia. Passávamos ali tempo e tempo, depois já não me recordo para que queríamos o dinheiro, seria para comprar alguma guloseima ou outra coisa qualquer.

Aluna: Lembra-se se havia algum cortejo pela cidade ou quais os pontos onde as Maias estavam?

Entrevistada: Não, isso não me recordo. Não me recordo se haveriam outras crianças a fazer de Maias por outras ruas, possivelmente haveria – eu era muito pequenina, isto foi entre os 6 e os 10 anos mais ou menos. Recordo-me da minha zona especificamente, a Rua dos Pintores, a Rua do Sarilho – onde morava essa minha amiga – e era aí que fazíamos, mais longe do que isso não fazíamos porque os pais não deixavam.

Aluna: Quem escolhia as participantes no cortejo e a Maia, ou vocês candidatavam-se?

Entrevistada: Não, nós não nos candidatávamos, aquilo era normal, chegava o mês de Maio e vestíamos aquelas roupas, não sei se seria algo já que as nossas mães nos diziam. Sei que naquele mês fazíamos sempre isso, vestíamos as roupas brancas, nós é que nos sentávamos lá à porta nas cadeiras e pedíamos o tostãozinho para a Maia mas não era concurso, nem era nada.

Aluna: Recordar-se se havia algum rapaz que fosse Aio ou Maio?

Entrevistada: Não, eramos só nós as duas que brincávamos. Ali na minha rua era só eu e outra menina.

Aluna: Quem elaborava os adereços? E os vestidos? E quem ajudava economicamente?

Entrevistada: Isso não me recordo mas possivelmente deveria ser a minha mãe que me arranjava o vestido. Só me recordo de brincar lá na rua com o vestido.

Aluna: Pois normalmente eram as mães que arranjavam os vestidos e as coroas, este ano também vão ser. Para si que significado tinha esta tradição?

Entrevistada: Eu acho que é importante, tanto que eu vim inscrever a minha filha pois acho que devemos preservar as nossas tradições, e é uma forma de continuar. Tive muita pena quando durante vários anos esta tradição se perdeu. Quando chegava a maio, eu tinha pena pois lembrava-me que as crianças na cidade não tinham como viver isto. E por acaso quando comecei a ver os cartazes nas Portas de Mértola no ano passado achei muito giro e tive pena de não ter inscrito a minha filha mas quando passei nas Portas de Mértola foi quando descobri que a tradição tinha voltado.

Aluna: Fazia-se mas era em escolas.

Entrevistada: Sim, ali na Escola Mário Beirão recordo-me – acho que há uns dois anos - houve uma colega que também fez a Festa com os miúdos mas era uma coisa muito esporádica.

Aluna: Lembra-se dos cânticos característicos das Maias? Algum que você cantava ou que lhe ensinaram?

Entrevistada: Não, a única coisa que me recordo era que ou eu ou a colega íamos pedir um tostãozinho para a Maia. Era só disso que me recordo.

Aluna: Sim, era um tostãozinho para a Maia que não tem saia. Acha importante a prática e o reavivar destas tradições?

Entrevistada: Eu acho que sim. É uma tradição característica da nossa zona, da nossa terra e é importante caracterizar.

Entrevista 2

Sexo Feminino

Faixa Etária: 20-30

maio de 2015

Aluna: Que memórias guarda do dia em que foi Maia/Aia?

Entrevistada: Estava calor. Acho que foi nesta Rua.

Aluna: Onde estavas sentada? Era no Jardim do Bacalhau?

Entrevistada: Era nas Portas de Mértola. Acho que foi aí, penso que foi em mais sítios mas só me lembro dessa parte.

Aluna: Estiveste em frente a alguma loja?

Entrevistada: Provavelmente.

Aluna: Quem escolhia os participantes? Foi a tua mãe que te inscreveu?

Entrevistada: Foi com a escola, cada turma votava uma pessoa.

Aluna: E a tua turma escolheu-te a ti para seres. Lembras-te se havia algum menino a fazer de Maio? Ou qual a sua função?

Entrevistada: Acho que não. Não me lembro.

Aluna: Quem elaborava os vestidos e as coroas de flores?

Entrevistada: As coroas deve ter sido a Professora. Os pais traziam os vestidos para cada um.

Aluna: Para ti qual o significado desta tradição?

Entrevistada: Isso não sei, sei que tínhamos que pedir dinheiro, qual era o objetivo disso não sei.

Aluna: Não conheces, não estás mesmo familiarizada com a Festa das Maias?

Entrevistada: Não.

Aluna: Não faz mal. Lembras-te de algum cântico característico?

Entrevistada: Só me lembro de uma frase, tinha a ver com dinheiro.

Aluna: Era para dar um tostãozinho à Maia que não tem saia.

Entrevistada: Era isso sim.

Aluna: Achas importante a prática e o reavivar destas tradições?

Entrevistada: Acho que sim. Sempre conhecemos um pouco do passado, acho que é importante.

Entrevista 3

Sexo Feminino

Faixa Etária: 20-30

maio de 2015

Aluna: Que memórias guarda do dia em que foi Maia/Aia?

Entrevistada: No dia em que fui Maia lembro-me de estarmos um grupo de raparigas todas juntas, aqui ao pé das lojas a fazer peditório para as pessoas nos darem moedinhas.

Aluna: Qual o percurso que era feito pelo cortejo na cidade? Ou onde estavam sentadas?

Entrevistada: Nós saímos da Escola nº4 e viemos, para aqui ao pé das lojas, não fomos andar por aí.

Aluna: Nesta Rua, a Rua Capitão João Francisco de Sousa.

Entrevistada: Sim.

Aluna: Quem escolhia os participantes no cortejo? Quem escolhia a Maia?

Entrevistada: Na minha escola lembro-me que foi um concurso, entre as raparigas da minha turma, e à sorte calhou-me a mim. Fui eu a escolhida.

Aluna: Lembras-te se haviam personagens masculinas? Maios ou Aios?

Entrevistada: Não, só havia raparigas.

Aluna: Quem elaborava os adereços e os vestidos?

Entrevistada: Eu usei um vestido da Comunhão e depois a minha mãe é que colocou as flores amarelas e brancas. Foi a minha mãe que fez tudo.

Aluna: O que tinhas mais de adereços?

Entrevistada: Tinha o colar, a coroa e as pulseiras tudo em flores.

Aluna: Para ti qual o significado que tinha esta tradição?

Entrevistada: Para mim, como era muito nova e como não me foi explicado bem o que era, não havia um grande significado. Mas lembro-me de que foi muito bonito porque as pessoas vinham ver-nos, e do que me lembro é isso, as pessoas vinham ver-nos. Não me lembro qual o significado para a cidade. Sei que era no Feriado da cidade e vínhamos de propósito para as pessoas nos verem. Mas de resto, é apenas do que me lembro.

Aluna: Lembras-te de algum cântico característico das Maias?

Entrevistada: Não me lembro de nenhum cântico. Lembro-me que nós as raparigas, estávamos sentadas em grupo e íamos trocando na cadeira principal, e foi a tarde inteira ali para as pessoas nos verem.

Aluna: Não te recordas de haver um, que era Vá um tostãozinho para a Maia que não tem saia?

Entrevistada: Não. Não me lembro.

Aluna: As pessoas não vos davam dinheiro?

Entrevistada: Davam, mas como era mais nova, talvez as mais velhas dissessem algum cântico.

Aluna: Tinhas mais ou menos que idade?

Entrevistada: Andava no segundo ano, devia ter 7 anos.

Aluna: E hoje em dia achas importante a prática e o reavivar destas Tradições?

Entrevistada: Sim, acho que sim e foi muito bonito, depois do meu ano não me lembro de haverem mais Maias. Penso que é importante para as pessoas saberem o que eram as Maias, e para a cultura da cidade.

Entrevista 4

Sexo Feminino

Faixa Etária: 20-30

julho de 2015

Aluna: Que memórias guarda do dia em que foi Maia/Aia?

Entrevistada: Foi muito engraçado porque fomos logo de manhã ali para as Portas de Mértola e estávamos um grupinho, e foi muito giro. Depois tínhamos que ter muito cuidado para as flores não saírem do vestido porque aquilo estava cozido com umas flores muito fininhas e quase não me podia mexer até chegar ali para as flores não caírem. Mas foi muito giro pois estava ali um grupinho muito engraçado e passavam pessoas conhecidas.

Aluna: Qual o percurso que era feito pelo cortejo na cidade? Ou onde estavam sentadas?

Entrevistada: Nós não tínhamos nenhum cortejo definido, penso que fomos ter logo às portas de Mértola – já não me lembro se fomos ter à escola ou às Portas de Mértola – a minha mãe levou-me logo lá, e depois já estava tudo montado, os senhores da escola já tinham montado tudo, tínhamos umas cadeiras de verga e uns cestinhos, tudo decorado com flores.

Aluna: Quem escolhia os participantes no cortejo? Quem escolhia a Maia?

Entrevistada: Isso já não me lembro. Só me lembro de a Professora da Primária na altura me ter perguntado se eu queria ir, não me recordo se era por convite ou se tinham que ter 2 ou 3 meninas por turma. Mas acho que da nossa turma fui eu só, ou foi mais alguém?

Aluna: Acho que foste tu só.

Entrevistada: Pois não sei como, não faço ideia. Disseram-me para ir e eu disse que ia.

Aluna: Lembras-te se haviam personagens masculinas? Maios ou Aios? E se havia, qual a sua função?

Entrevistada: Eu acho que não, até porque lembro-me de a minha mãe me contar que só havia Maias, não havia meninos. Até porque na altura em que ela fazia de Maia, ela usava

uma bonequinha decorada por ela e as amigas e usavam isso para pedir dinheiro. Nós não, nós fomos no dia anterior ou dois dias antes recolher as flores, colhidas aqui no campo, depois foi a minha mãe que cozeu no vestido.

Aluna: Lembras-te de havia alguma ajuda económica, da escola?

Entrevistada: Não, não houve. Lembro-me que como eu não tinha nenhum vestido branco pedi emprestado. E as flores fomos todos colher à mata, naquele descampado que está ali. Fomos a pé, não foi preciso nada. Foi só apanhar as flores e cozer no vestido.

Aluna: Para ti qual o significado que tinha esta tradição?

Entrevistada: Sinceramente participei naquilo uma vez e depois nunca mais ouvi falar da Festa. Depois de nós termos participado acho que durante uns anos não se fez, até a Mariana estar na escola. A minha irmã do meio, a Andreia não apanhou portanto houve uns anos em que não se fez a Festa, daí que não ficou muito aquela ideia de “isto serve para tal”, mas pelo que eu percebi era para celebrar, não sei, a Primavera, algo assim, rituais desses, mas pronto eu nunca tive uma ligação muito grande à Festa porque não houve durante muitos anos, depois houve naquele ano e esteve anos sem haver. O que nos foi explicado foi “isto é giro, vamos com as flores do campo porque há flores e esta altura do ano é muito bonita”. Nunca me foi explicado o significado.

Aluna: Lembras-te de algum cântico característico das Maias?

Entrevistada: Não me lembro de nada de canções. O que fizemos basicamente era chegar, sentar, e depois falávamos com as pessoas e explicávamos porque estávamos ali, dizíamos que era dia das Maias e as pessoas já sabiam o que era o dia das Maias, achavam muita graça, davam dinheiro mas foi isto só, simples.

Aluna: Achas importante a prática e o reavivar destas Tradições?

Entrevistada: Eu acho que sim, até porque eu posso não conhecer o que está por trás da Festa, mas tenho pena de não conhecer, porque eu acho que seria muito interessante apanhar os meninos que estão na Primária – nesta caso as meninas porque é uma Festa mais direcionada para as meninas – e ir buscar isso. Porque a nossa cidade cada vez mais tem menos coisas e é interessante irmos buscar estas coisas porque normalmente as pessoas queixam-se que não há dinheiro para fazer nada. Para isto não é preciso dinheiro,

é só boa vontade, e depois as miúdas vão para a rua e fazem o seu desfile, estão lá e toda a gente já conhece. Eu acho que é interessante para reanimar a cidade.

Entrevista 5

Sexo Feminino

Faixa Etária: 10-20

julho de 2015

Aluna: Que memórias guarda do dia em que foi Maia/Aia?

Entrevistada: Lembro-me que fomos para ao pé do Hospital, e com umas cestinhas pedíamos dinheiro.

Aluna: Qual o percurso que era feito pelo cortejo na cidade? Ou onde estavam sentadas?

Entrevistada: Lembro-me que ficámos só à porta do hospital à espera que passassem pessoas.

Aluna: Quem escolhia os participantes no cortejo? Quem escolhia a Maia?

Entrevistada: Só me lembro de fazermos isso no infantário, e nós só tínhamos duas turmas, por isso iam só as duas turmas.

Aluna: Lembras-te se haviam personagens masculinas? Maios ou Aios? E se havia, qual a sua função?

Entrevistada: Não, as raparigas iam para ao pé do hospital e os rapazes ficavam no infantário à nossa espera.

Aluna: Lembras-te quem elaborava os adereços?

Entrevistada: Os vestidos nós trazíamos de casa. Trazíamos tudo de casa. Depois vestíamos e íamos pedir dinheiro.

Aluna: E quem elaborava os colares das flores?

Entrevistada: Eramos nós.

Aluna: Mas com a ajuda dos pais ou dos professores?

Entrevistada: Com a ajuda dos pais.

Aluna: Para ti qual o significado que tinha esta tradição?

Entrevistada: Eu gostava porque era muito divertido estarmos sempre a pedir dinheiro às pessoas.

Aluna: Lembras-te de algum cântico característico das Maias?

Entrevistada: Nós não tínhamos cânticos.

Aluna: Não diziam nada? Só pediam dinheiro?

Entrevistada: Sim.

Aluna: Achas importante a prática e o reavivar destas Tradições?

Entrevistada: Sim.

Anexo XXVIII – Fotografias das antigas Maias entrevistadas

Fotografias cedidas pela antiga Maia Margarida Rosa, s.d





Anexo XXIX – Fotografias da atividade das Cavalhadas organizada pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Cavalhadas promovidas pela adpBEJA⁹, 1988



Fonte Diário do Alentejo

⁹ adpBEJA: Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.



Fonte Diário do Alentejo



Fonte Diário do Alentejo

Anexo XXXI – Festa do Azulejo de Beja

Cartaz da Festa do Azulejo, maio de 2015

6 A 9 DE MAIO 2015 **FESTA DO AZULEJO DE BEJA**

PRAÇA DA REPÚBLICA · CASA DE CANTE · POUSADA DE S. FRANCISCO
PAX JULIA TEATRO MUNICIPAL · MUSEU REGIONAL DE BEJA

EXPOSIÇÕES · LIVROS · FILME · CONCURSOS · DESFILE DE MODA
CONCERTOS · FOTOGRAFIA · VISITAS GUIADAS





PROGRAMA



6 MAIO DE 2015 (4ª FEIRA)

PRAÇA DA REPÚBLICA – 10H00

- Oficinas com as crianças:
 - Pinturas de azulejos – 2º e 3º Ciclo
- Puzzle gigante – reprodução em cartolina de padrões de azulejos
- Exposição com cubos com painéis da história do azulejo de Beja
- Colocação de Batik's
- Animação Musical:
- Concertos do Conservatório Regional
- Arruada com grupo da Escola Mário Beirão de Beja
- Grupo de Dança Mário Beirão
- Concurso Foto-móvel
- Visitas guiadas

IGREJA DA MISERICÓRDIA

- Puzzles
- Livros para colorir – Pré-primário e 1º Ciclo
- Visualização de vídeos dos trabalhos da Escola Mário Beirão

CENTRO HISTÓRICO

- Peddy Paper – alunos do 3º Ciclo

MUSEU REGIONAL DE BEJA – 18H00

- Inauguração da Exposição dos azulejos Azulejaria do Convento da Conceição de Beja
- Apresentação da Rota do Azulejo

DIA 7 DE MAIO DE 2015 (5ª FEIRA)

MUSEU REGIONAL DE BEJA -18H00

- Inauguração da Exposição Fotográfica Arte Azulejar de Beja
- Lançamento da coleção dos postais da maratona fotográfica

CASA DO CANTE

- Inauguração da Exposição Arte Azulejar de Beja nas Escolas

DIA 8 DE MAIO DE 2015 (6ª FEIRA)

PAX JULIA – 18H30

- Exposição Arte Azulejar de Beja Homenagem a Maria Santos

MUSEU REGIONAL DE BEJA – 21H00

- Apresentação do Filme
- Lançamento do Livro Arte Azulejar de Beja- Florival Baião Monteiro

DIA 9 DE MAIO DE 2015 (SÁBADO)

POUSADA DE SÃO FRANCISCO – 21H30

- Desfile de Moda Convite



Regulamento da Maratona Fotográfica inserida no Festival do Azulejo, maio de 2015

MARATONA FOTOGRÁFICA

ARTE AZULEJAR DE BEJA

O presente Regulamento define as normas de participação na MARATONA FOTOGRÁFICA, A Arte Azulejar de Beja, tendo com organizadores a adpBEJA, Câmara Municipal de Beja, as Uniões de Freguesia, São João Baptista e Santiago Maior e Santa Maria e Salvador.

TEMA

Arte Azulejar de Beja

1. Pretende-se que os participantes se foquem na azulejaria da cidade, quer as de fachadas, quer a de interior, que se situem cronologicamente entre os séculos XV e XX;

2. OBJETIVOS. Fomentar a observação, a descoberta e a revelação do património azulejar da cidade. Promover e registar a partilha de diferentes formas de olhar arte azulejar, conservando valores da memória coletiva das comunidades; Sensibilizar para a importância da promoção da Defesa e Salvaguarda do Património Concelhio;

3. Podem concorrer todos os profissionais e amadores de fotografia.

4. É vedada a participação no concurso aos membros do júri.

5. Cada participante poderá apresentar até 5 trabalhos de fotografia inéditos, registados no dia da Maratona, em suporte digital (JPEG ou TIFF), no formato único 20x30 (3500 pixéis do lado maior e resolução de 300 dpi), devendo cada ficheiro apresentar o nome dado à fotografia, assim como a identificação do local da fotografia;

ENTREGA DOS TRABALHOS

Os participantes devem remeter os trabalhos em suporte CD, DVD ou pen.
Deve constar na entrega das fotos o nome, morada, contacto telefónico e e-mail).

Os trabalhos devem ser entregues até 18 de Abril de 2015.

Os trabalhos devem ser entregues em mão ou pelo correio para:

AdpBEJA - Associação para a Defesa do Património Cultural de Beja

Rua Capitão João Francisco de Sousa, 30 1º
7800-451 BEJA

tel: 284 341 012
email: beja.adp@gmail.com

JÚRI

As fotografias a concurso serão apreciadas por um júri, designado pela adpBEJA

Não haverá recurso das decisões tomadas pelo júri.

PRÉMIOS

Serão atribuídos prémios monetários:

1º Prémio: 250 €;

2º Prémio: 100 €;

3º Prémio: 50 €;

AUTORIZAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS PELA ADPBEJA

As fotografias da Maratona passarão a pertencer à adpBEJA podendo estas utilizá-las, com a identificação do autor, em exposições, cartazes, catálogos, bem como em outras iniciativas ou edições em que as mesmas sejam consideradas de interesse;

A entidade promotora solicitará ao Júri a seleção de outros trabalhos fotográficos, para além dos premiados, com o intuito de poder vir a realizar algumas edições em postais, livros e outras publicações.

DISPOSIÇÕES FINAIS

A participação na Maratona tem uma inscrição de 5 euros com direito ao almoço.



T-shirts para oferta a crianças



Fonte Marta Gonçalves

Festival do Azulejo na Praça da República, maio de 2015



Fonte Diário do Alentejo



Fonte Diário do Alentejo



Fonte Diário do Alentejo



Fonte Diário do Alentejo



Fonte Diário do Alentejo

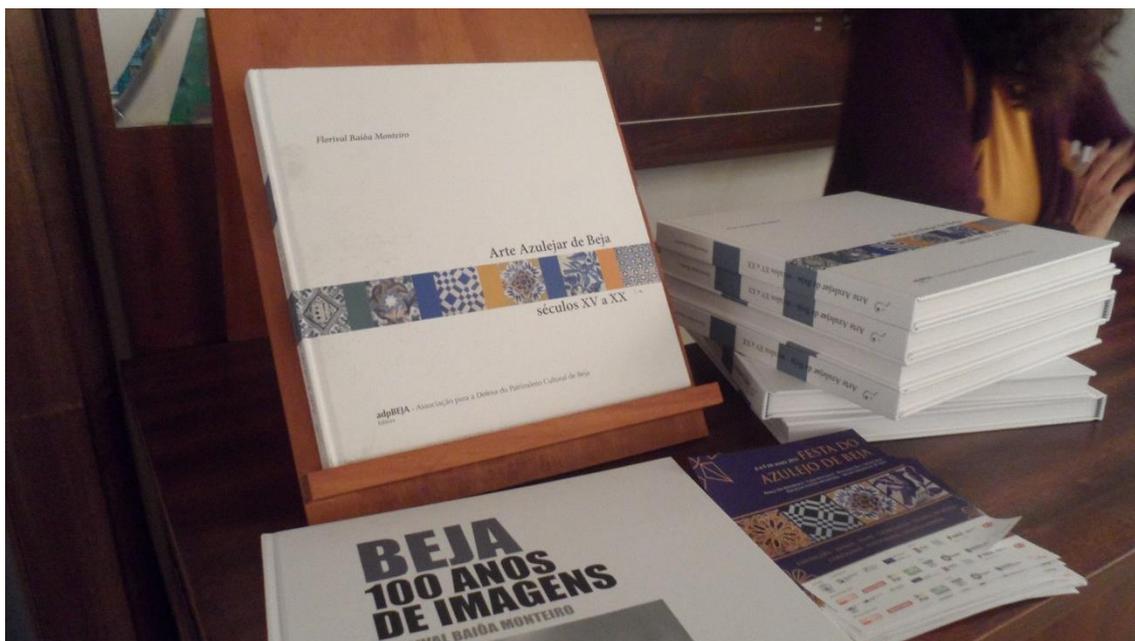


Fonte Diário do Alentejo



Fonte Diário do Alentejo

Apresentação do livro Arte Azulejar de Beja no Museu Regional, maio de 2015



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves

Desfile de moda na Pousada de São Francisco, maio de 2015



Fonte João Bernardino



Fonte João Bernardino

Exposição de Azulejaria do Convento da Conceição, no Museu Regional de Beja, maio de 2015



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves

Exposição das Fotografias da Maratona Fotográfica, no Museu Regional de Beja, maio de 2015



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves

Exposição em Homenagem a Maria Santos no Cineteatro Pax Julia, maio de 2015



Fonte Marta Gonçalves



Fonte Marta Gonçalves

Rota Azulejar criada pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Exemplar em Português

VIDA DE SÃO JOÃO BAPTISTA E DE JESUS CRISTO

João Baptista era filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus. Foi um profeta anunciador do Messias. É uma figura que simboliza a penitência e o baptismo, o acto que purifica as pessoas das manchas do pecado. A sua vida está representada em painéis do século XVII e XVIII do **Convento de Nossa Senhora da Conceição**, actual **Museu Regional de Beja**. Valentim de Almeida foi o autor dos painéis de 1741.

O centro da vida cristã está no filho de Deus, Jesus Cristo, aquele que figura em todas as obras de arte e na boca dos crentes. Beja tem três conjuntos de painéis onde se descrevem os passos mais importantes da Sua vida, na **Sé de Beja**, na **Capela de N. Sra. do Rosário** e na **Igreja dos Prazeres**, esta com obras de Gabriel del Barco. São painéis barrocos de 1693 e do século XVIII.



Nascimento de São João Baptista. Convento de N. Sra. da Conceição. 1741, Valentim de Almeida



Anunciação, São João Baptista. Convento de N. Sra. da Conceição. 1741, Valentim de Almeida.



Maria amamentando o Menino, Nossa Senhora do Leite. Gabriel del Barco, 1693. Última Cena, barroco, Sé de Beja, Século XVIII.



Última Cena, barroco, Sé de Beja, Século XVIII.

Arte Azulejar de Beja séculos XV a XX

adpBEJA - Associação para a Defesa do Património Cultural de Beja - Rua Capitão João Francisco de Sousa, n.º 30 - 1.º - 7800-451 Beja, beja.adp@gmail.com/www.adpbeja.pt



Exemplar em Língua Castelhana

VIDA DE SAN JUAN BAUTISTA Y DE JESÚS CRISTO

Juan Bautista era hijo del sacerdote Zacarías y de Isabel, prima de María, madre de Jesús. Fue un profeta anunciador del Mesías. Es una figura que simboliza la penitencia y el bautismo, el acto que purifica las personas de las manchas del pecado. Su vida está representada en paneles del siglo XVII y XVIII del **Convento de Nuestra Señora de la Concepción**, actual **Museo Regional de Beja**. Valentim de Almeida fue el autor de los paneles de 1741.

El centro de la vida cristiana está en el hijo de Dios, Jesús Cristo, aquel que figura en todas las obras de arte y en la boca de los creyentes. Beja tiene tres conjuntos de paneles donde se describen los pasos más importantes de Su vida, en la **Sé Catedral de Beja**, en la **Capilla de N. Sra. del Rosario** y en la **Iglesia de los Prazeres**, esta con obras de Gabriel del Barco. Son paneles barrocos de 1693 y del siglo XVIII.



Nascimento de San Juan Bautista. Convento de N. Sra. de la Concepción. 1741, Valentim de Almeida.



Anunciação, San Juan Bautista. Convento de N. Sra. de la Concepción. 1741, Valentim de Almeida.



Maria amamentando el Niño, Nuestra Señora de la Leche. Gabriel del Barco, 1693. Última Cena, barroco, Sé Catedral de Beja, Siglo XVIII.



Última Cena, barroco, Sé Catedral de Beja, Siglo XVIII.

El Arte del Azulejo de Beja Siglos XV - XX

adpBEJA - Associação para a Defesa do Património Cultural de Beja - Rua Capitão João Francisco de Sousa, n.º 30 - 1.º - 7800-451 Beja, beja.adp@gmail.com/www.adpbeja.pt



Exemplar em Língua Alemã

DAS LEBEN JOHANNES DES TÄUFERS UND JESUS CHRISTUS

Johannes der Täufer war der Sohn des Priesters Zacharias und Elisabeth, der Braut Mariae der Mutter Jesu. Er war ein Prophet, der den Messias ankündigte. Er symbolisiert die Reue und die Taufe, die die Menschen vom Makel der Sünde befreit. Sein Leben wird auf Azulejos des 17. und 18. Jahrhunderts dargestellt, die man im **Convento Nossa Senhora da Conceição** dem jetzigen **Regionalmuseum von Beja** findet. Valentim de Almeida ist der Künstler dieser Azulejos von 1741.

Im Zentrum des christlichen Lebens steht Gottus Sohn, Jesus Christus. Er ist in vielen Kunstwerken und im Leben der Gläubigen die zentrale Figur. Beja hat drei Gruppen Azulejos, die die wichtigsten Schritte seines Lebens zeigen in der **Sé**, in der **Capela de N. Sra. do Rosário** und in der **Igreja dos Prazeres** wo man die barocken Werke von Gabriel del Barco aus dem Jahre 1693 und dem 18. Jahrhundert findet.



Verkündigung Johannes des Täufers, Convento de N. Sra. da Conceição, 1741 Valentim de Almeida.



Geboort des Johannes des Täufers, Convento de N. Sra. da Conceição, 1741, Valentim de Almeida.



Maria stillt den Knaben, Nossa Sra. do Leite, Gabriel del Barco, 1693.



Letztes Abendmahl, Sé de Beja, 18. Jahrhundert.

**Kunst der Bejaner Azulejos
15. bis 20. Jahrhundert**

ajbeja - Associação para a Defesa do Património Cultural de Beja - Rua Capitão João Francisco de Sousa, n.º 30 - 1.º - 7800-451 Beja, beja.ajbeja@gmail.com/www.ajbeja.pt

VALENTEIO, ajbeja, ajbeja, ajbeja, ajbeja, ajbeja

Exemplar em Língua Francesa

VE DE SAINT JEAN-BAPTISTE ET DE JÉSUS CHRIST

Jean le Baptiste était le fils du prêtre Zacharie et d'Isabel, épouse de Marie, la mère de Jésus. C'est le prophète précurseur du Messie et une figure qui symbolise la pénitence et le baptême, l'acte qui nous purifie de tous les péchés. Sa vie est représentée dans des panneaux du XVII^e et du XVIII^e siècles du **Convento de Nossa Senhora da Conceição**, actuel **Musée Régional de Beja**. Valentim de Almeida est l'auteur des panneaux de 1741.

Le centre de la vie chrétienne est le fils de Dieu, Jésus Christ, qui figure dans toutes les œuvres d'art et dans les vies des croyants. Beja a trois ensembles de panneaux sur les étapes les plus importantes de Sa vie, lesquels se trouvent à la **Cathédrale**, à la **Capela de Nossa Senhora do Rosário** et à l'**Igreja dos Prazeres**, celle-ci avec des œuvres de Gabriel del Barco. Il s'agit de panneaux baroques de 1693 et du XVIII^e siècle.



L'Annonciation, saint Jean-Baptiste, Convento de Nossa Senhora da Conceição, Valentim de Almeida, 1741.



Naissance de saint Jean-Baptiste, Convento de Nossa Senhora da Conceição, Valentim de Almeida, 1741.



Maria allaitant l'enfant Jésus, Notre-Dame du Lait, Gabriel del Barco, 1693.



Le Christ, détail, Cathédrale, XVIII^e siècle.

**L' Art des Azulejos de Beja
Du XV^e au XX^e siècle**

ajbeja - Associação para a Defesa do Património Cultural de Beja - Rua Capitão João Francisco de Sousa, n.º 30 - 1.º - 7800-451 Beja, beja.ajbeja@gmail.com/www.ajbeja.pt

VALENTEIO, ajbeja, ajbeja, ajbeja, ajbeja, ajbeja

Notícias na imprensa sobre o Festival do Azulejo, maio de 2015

Diário do Alentejo, Nº 1724 de 6 de maio de 2015

festival islâmico mértola
21 a 24 maio 2015



MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL

Pedro do Carmo:
Ourique reduz
70 por cento
da dívida em 10 anos
Entrevista nas págs. 6/7

Diário do Alentejo

SEXTA-FEIRA, 6 MAIO 2015 | Diretor: Paulo Barriga
Ano LXXXIII, N.º 1724 (II Série) | Preço: € 0,90



Municípios encurtam prazos de pagamento
pág. 8

Parlamento resolve disputa territorial entre Beringel e Mombeja
Reportagem nas págs. 4/5

Cruz Vermelha: Um século a ajudar os mais vulneráveis
Reportagem nas págs. 16/17

Este fim de semana há feiras em Moura e Garvão
págs. 11 e 30

Castrense sagrou-se campeão distrital de futebol sénior
pág. 18

Paredes de Beja revelam história da azulejaria em Portugal

A história da azulejaria portuguesa passa inevitavelmente pelas paredes de Beja. A capital do Baixo Alentejo é a única cidade do País onde, *in situ*, se pode percorrer a evolução dos azulejos em Portugal ao longo de mais de 550 anos. Por isso mesmo, a Associação de Defesa do Património promove até amanhã, em diferentes locais do centro histórico, a Festa do Azulejo de Beja. **pág. 3**

ALMARTE

FESTIVAL INTERNACIONAL DE ARTES NA RUA
ALMODÓVAR 15, 16 E 17 DE MAIO DE 2015



ARRANCA NA QUARTA-FEIRA

Beja celebra 500 anos de arte azulejar

■ Arranca nesta quarta-feira a Festa do Azulejo de Beja, um projeto promovido pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região, em parceria com a câmara municipal, o Turismo do Alentejo e a Direção Regional de Cultura.

A praça da República da cidade alentejana, que conta com cinco séculos de azulejaria, será palco de várias iniciativas, nomeadamente oficinas destinadas a jovens. Já o Museu Regional de Beja vai receber diversas exposições, como 'Azulejaria do Convento da Conceição de Beja'. A 6 de maio, será ainda apresentada a Rota do Azulejo e no dia 8, sexta-feira, é lançado o livro 'Arte Azulejar de Beja'.

A Festa encerra sábado, 9 de maio, com um desfile de moda na Pousada de São Francisco. ■



Praça da República, em Beja

DIREITOS RESERVADOS

Anexo XXXII - Festa das Maias

Exemplo de ofício redigido para as empresas, maio de 2015



Associação para a Defesa do Património
Cultural da Região de Beja

beja.adp@gmail.com

Para:
Exmo. Senhor
Presidente do Conselho de Administração
do Grupo Jerónimo Martins, SGP5,S.A.
Dr Pedro Soares dos Santos
Largo Monterroio Mascarenhas, n.º1 9º
1099-081 Lisboa

Assunto: Festas das Maias de Beja / Pedido de apoio

Exmo. Senhor,

A adpBEJA vem por este meio informar que vai voltar a realizar as Festas das Maias, em Beja nos próximos dias 15 e 16 de Maio.

Depois da Edição do ano passado, a qual teve bastante adesão por parte do público em geral, desde os mais jovens aos mais graúdos, queremos repetir a experiência dando uma maior visibilidade à mesma e aumentando o número de participantes nesta Festa, que conta com uma história com mais de 2000 anos.

As Maias de 2014 tiveram cobertura de alguns dos meios de comunicação mais representativos do País.

Este evento pretende dar à cidade a cor, o brilho e a melodia da Primavera, tal como a festa que representa uma fantástica elegia ao renascer da natureza, ao calor e às colheitas que o sol traz de novo aos homens.

Para tal esperamos contar com apoio financeiro disponibilizado pela empresa dirigida por V. Ex, no valor dos € 1.500 para a realização do evento. A razão da escolha recai na comercialização dos produtos, que vão de encontro às necessidades do público-alvo da festa, o público infanto-juvenil.

A divulgação do apoio da empresa será através da colocação do seu logotipo em todas as publicações sobre a Festa, podendo V. Ex ceder faixas para colocação no exterior do Jardim Público (até 3 faixas, com as medidas de 3mX1m) e a possibilidade de montar um quiosque para distribuição e/ou publicidade.

Em anexo segue um pequeno texto sobre as Maias e o projecto de cartas.

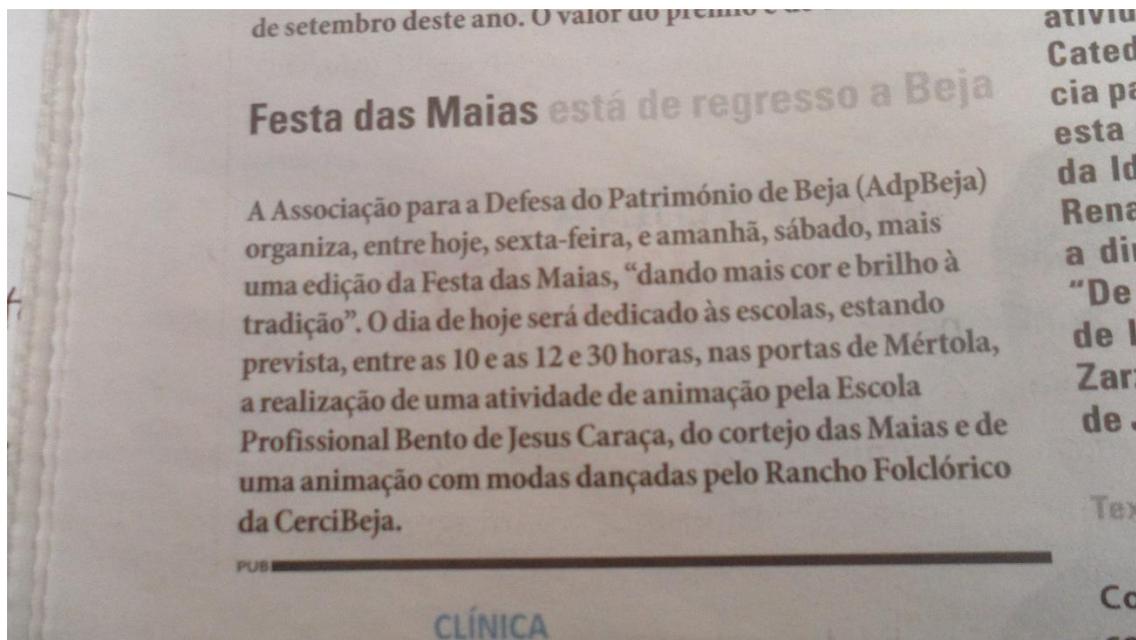
Agradecendo toda a colaboração, aproveitamos a oportunidade para endereçar a toda a empresa os nossos cordiais cumprimentos,

O presidente da direcção
/Florival Baião Monteiro/

Rua Capitão João Francisco de Sousa, 30 – 1º Andar – 7800-451 Beja Cont. Nº 502 054 808 Telex: 284 341012

Notícias na imprensa sobre a Festa das Maias, maio de 2015

Diário do Alentejo de 15 de maio 2015



Boletim Municipal de maio de 2015



Anexo XXXIII – Entrevistas sobre as ações da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Festival do Azulejo

Entrevista 1

Sexo Masculino

Faixa Etária: 30-40

maio de 2015

Aluna: Considera vantajoso para a cidade a realização do Festival do Azulejo? Se sim em que aspetos acha que contribui para atrair mais gente a Beja?

Entrevistado: Sim, acho que devia ser anual a Festa do Azulejo, para atrair mais gente a Beja e para ter divulgação internacional, porque este ano foi mais a participação das pessoas cá de Beja – se bem que se criaram as Rotas do Azulejo em várias línguas – mas acho que é um património que temos cá em Beja e que deveríamos utiliza-lo para atrair mais – não digo investimento – mas que mobilize e revitalize o comércio hoteleiro e de restauração em Beja e também o comércio tradicional.

Aluna: Como pensa que poderia ser estabelecida uma relação com o Património Azulejar de Beja? Através da sugestão de uma Rota?

Entrevistado: Sim, como já tinha dito, foi criada a Rota. Mas mesmo assim depois de termos participado no projeto do Festival do Azulejo, e vimos que Beja é uma cidade única em aspeto Azulejar acho que deveria haver mais divulgação mesmo por parte do Turismo do Alentejo, do Turismo de Portugal, existir a divulgação do Património Azulejar que está em Beja. A rota já está feita, agora acho que falta mais um pouco de divulgação a nível internacional e a nível nacional sobre o azulejo de Beja.

Aluna: Considera que o comércio local e os restaurantes beneficiam deste tipo de iniciativas?

Entrevistado: Beneficia. No outro dia fomos almoçar a um restaurante, e estavam lá uns individuais muito giros, e que acho que envolvem a parte comercial com a parte patrimonial e acho que são um chamariz para as pessoas que veem cá de fora, e depois vão comer

e veem os individuais com aqueles azulejos bonitos e se calhar vão perguntar ao dono do estabelecimento onde é que estão aqueles azulejos e depois para além do boca-a-boca também serve para dinamizar a restauração. Se bem que apesar de nos últimos tempos já haver muitos turistas em Beja, penso que se houvessem ainda mais – e agora com a intenção de elevar o azulejo a Património Imaterial da Humanidade – acho que Beja só tem a ganhar com isso. Beja e todos os sectores da economia de Beja.

Aluna: Considera importante para a cidade de Beja os livros Beja 100 anos de Imagens e Arte Azulejar de Beja da autoria do Diretor da Associação? Se já os conhece, conhece outros também sobre esta temática em Beja?

Entrevistado: Só conhecia um livro sobre Beja que era do Figueira Mestre, que era Olhar sobre a cidade, mas era mais virado para pessoas de Beja. Este é mais virado para uma divulgação didática, para todas as pessoas quer sejam de Beja ou fora da cidade, porque é sobre o azulejo em si e sobre a vinda do azulejo em Portugal. Sobre o livro Beja 100 anos de Imagens, é um livro que pode interessar mais às pessoas da cidade, ou que viveram cá ou que são de cá e que estão fora ou vivem mesmo cá. Portanto acho que os livros vieram trazer outra dinâmica à forma como se divulga a cidade, e às atividades da cidade e ao Património. Portanto acho que são livros que trazem uma mais-valia para a cidade.

Aluna: Compraria os livros?

Entrevistado: Compraria e já comprei.

Aluna: Quais os eventos ou iniciativas que gostaria que voltassem a ser realizados em Beja? Por exemplo as Feiras, a Festa do Santíssimo Sacramento, Procissões, as Cavalhadas ou Mercados?

Entrevistado: Pronto, eu já sou de uma geração que não viveu muito essas festas. Era mais as Procissões que cada vez tinham menos gente. As Procissões tinham uma origem Católica e muitos Católicos já não são praticantes e houve um desligar com a Igreja. Mas acho que tudo o que seja para dinamizar a cidade, dinamizar o Centro Histórico – principalmente o Centro Histórico pois nós já temos a Ovibeja que dinamiza a cidade – mas tudo o que é para dinamizar a cidade é bem-vindo.

Entrevista 2

Sexo Masculino

Faixa Etária: 40-50

maio de 2015

Aluna: Considera vantajoso para a cidade a realização do Festival do Azulejo? Se sim em que aspetos acha que contribui para atrair mais gente a Beja?

Entrevistado: Acho que sim.

Aluna: Como pensa que poderia ser estabelecida uma relação com o Património Azulejar de Beja? Através da sugestão de uma Rota?

Entrevistado: Exato.

Aluna: Considera que o comércio local e os restaurantes beneficiam deste tipo de iniciativas?

Entrevistado: Muito. Porque há mais afluência de pessoas e traz mais gente. Vê-se mais as pessoas a gastar dinheiro e a procurar a cidade.

Aluna: Considera importante para a cidade de Beja os livros Beja 100 anos de Imagens e Arte Azulejar de Beja da autoria do Diretor da Associação? Se já os conhece, conhece outros também sobre esta temática em Beja?

Entrevistado: Sim são muito interessantes. Não conheço mas a minha filha já viu e gostou.

Aluna: Compraria os livros?

Entrevistado: Comprei.

Aluna: Quais os eventos ou iniciativas que gostaria que voltassem a ser realizados em Beja? Por exemplo as Feiras, a Festa do Santíssimo Sacramento, Procissões, as Cavalhadas ou Mercados?

Entrevistado: Sim, quanto mais festas, atrai mais pessoas à cidade, é bom para o comércio.

Entrevista 3

Sexo Masculino

Faixa Etária: 40-50

maio de 2015

Aluna: Considera vantajoso para a cidade a realização do Festival do Azulejo? Se sim em que aspetos acha que contribui para atrair mais gente a Beja?

Entrevistado: Acho que sim, acho que é muito vantajoso porque é um Património que nós temos que é único, que quando é bem divulgado e bem aproveitado – sobretudo nos dias de hoje – é importante fixar gente às cidades a captar a atenção de fora, de forma a poder trazer algum desenvolvimento a acrescido e trazer movimento à cidade.

Aluna: Como pensa que poderia ser estabelecida uma relação com o Património Azulejar de Beja? Através da sugestão de uma Rota?

Entrevistado: Penso que podem haver mais coisas, não só através da sugestão e da reformulação de uma Rota do Azulejo como muito através da sensibilização daquilo que já temos – às próprias pessoas da cidade – à preservação do Património à divulgação junto de escolas, junto das pessoas, como já disse da própria cidade – são elas o veículo importante para levar aquilo que nós temos para fora – o aproveitamento turístico, qualificação das pessoas para que o possam fazer e aí sim, depois talvez o passo em direção ao turismo, com a criação de Rotas, seja um passo mais seguro e mais substancial.

Aluna: Considera que o comércio local e os restaurantes beneficiam deste tipo de iniciativas?

Entrevistado: Sem dúvida. Tudo o que atraia a atenção das pessoas para a Rua, tudo o que atraia gente para a Rua, tudo o que atraia pessoas para a cidade é sempre de uma forma ou de outra benéfico para o comércio e restauração.

Aluna: Considera importante para a cidade de Beja os livros Beja 100 anos de Imagens e Arte Azulejar de Beja da autoria do Diretor da Associação? Se já os conhece, conhece outros também sobre esta temática em Beja?

Entrevistado: Já os conheço. Claro que sim, são muito importantes, é de uma importância vital preservar memórias e registar património, estudá-lo e tornar as coisas acessíveis a todos de forma – a ir de encontro ao que disse na última pergunta – a que as próprias pessoas consigam elas tomar consciência daquilo que tem, e que muitas vezes não tem essa consciência.

Aluna: Conhece livros desta temática em Beja?

Entrevistado: Muito poucos e os que existem são muito herméticos. São muito direccionados a, se quiseres, a uma faixa restrita de pessoas estes são mais abrangentes.

Aluna: Compraria os livros?

Entrevistado: Sem dúvida que sim.

Aluna: Quais os eventos ou iniciativas que gostaria que voltassem a ser realizados em Beja? Por exemplo as Feiras, a Festa do Santíssimo Sacramento, Procissões, as Cavalhadas ou Mercados?

Entrevistado: Quanto a isso tenho uma opinião dividida. Acho que tudo o que é Património é importante recuperar, tudo o que são tradições é importante recuperar. O que acontece é que se perderam e ao perderem-se perdem-se alguns hábitos e tem que se ter algum cuidado para quando os revitalizarmos não os fazer de forma artificial, e não os fazer de uma forma que acabe por funcionar 1 ano, funcionar 2 anos e depois morrer. Passem a existir de forma a que hajam condições e que haja um voltar acrescido da tradição e fazê-lo de forma sustentável.

Entrevista 4

Sexo Masculino

Faixa Etária: 60-70

maio de 2015

Aluna: Considera vantajoso para a cidade a realização do Festival do Azulejo? Se sim em que aspetos acha que contribui para atrair mais gente a Beja?

Entrevistado: O Festival do Azulejo representou muito para a cidade de Beja, e como aqui se fazem poucos eventos a cidade ficou muito feliz de a Associação para a Defesa do Património ter realizado este evento.

Aluna: Como pensa que poderia ser estabelecida uma relação com o Património Azulejar de Beja? Através da sugestão de uma Rota?

Entrevistado: Sim, uma Rota do Azulejo seria o ideal para o convívio e o conhecimento da Azulejaria, especialmente no Baixo Alentejo.

Aluna: Considera que o comércio local e os restaurantes beneficiam deste tipo de iniciativas?

Entrevistado: Todos nós Bejenses esperamos que sim.

Aluna: Considera importante para a cidade de Beja os livros Beja 100 anos de Imagens e Arte Azulejar de Beja da autoria do Diretor da Associação? Se já os conhece, conhece outros também sobre esta temática em Beja?

Entrevistado: Eu conheço e acho que despertou na comunidade um interesse muito grande. Não conheço outros desta temática.

Aluna: Compraria os livros?

Entrevistado: Sim.

Aluna: Quais os eventos ou iniciativas que gostaria que voltassem a ser realizados em Beja? Por exemplo as Feiras, a Festa do Santíssimo Sacramento, Procissões, as Cavalhadas ou Mercados?

Entrevistado: Para mim como residente em Beja gostaria que fossem feitas todas essas iniciativas e todos os anos.

Festa das Maias

Entrevista 1

Sexo Masculino

Faixa Etária: 70-80

Maio de 2015

Aluna: Considera vantajoso para a cidade de Beja a realização da Festa das Maias? Se sim em que aspetos acha que contribui para atrair mais gente a Beja?

Entrevistado: Sim, acho que sim.

Aluna: Qual a sua percepção da Festa das Maias? Considera que é mais atrativa hoje ou nos anos anteriores?

Entrevistado: Era diferente era uma maneira diferente. Não sei se era melhor, se era pior.

Aluna: Pois mas tinha mais gente.

Entrevistado: Sim, tinha. Via-se mais gente.

Aluna: Considera que o comércio local e os restaurantes beneficiam com estas iniciativas?

Entrevistado: Sim, devem beneficiar um bocadinho.

Aluna: Vê esta Festividade como algo característico da cidade? Por exemplos e viesse aqui um turista e lhe perguntasse quais as Festas da cidade, referia as Maias?

Entrevistado: Sim, é uma Festa da cidade, realiza-se todos os anos.

Entrevista 2

Sexo Masculino

Faixa Etária: 30-40

Maio de 2015

Aluna: Considera vantajoso para a cidade de Beja a realização da Festa das Maias? Se sim em que aspetos acha que contribui para atrair mais gente a Beja?

Entrevistado: Achei muito vantajoso, especialmente a nível comercial pois tenho um estabelecimento comercial. É uma Festa bonita e acho que devam continuar a fazer para haver mais um marco na cidade de Beja.

Aluna: Qual a sua percepção da Festa das Maias? Considera que é mais atrativa hoje ou nos anos anteriores?

Entrevistado: Eu estou há relativamente pouco tempo em Beja, não sou daqui, estou há 15 anos em Beja e só conheço a Festa das Maias dentro dos últimos anos em que fizeram, e foi tudo mais ou menos dentro do mesmo molde.

Aluna: Considera que o comércio local e os restaurantes beneficiam com estas iniciativas?

Entrevistado: Sim, existe sempre mais gente na rua, mesmo que as pessoas não compre, existe sempre a possibilidade de as lojas fazerem publicidade e dizer que existem e é benéfico porque veem pessoas de fora. E muitas pessoas da cidade que não veem ao Centro, acabam por vir por causa da Festividade.

Aluna: Vê esta Festividade como algo característico da cidade? Por exemplos e viesse aqui um turista e lhe perguntasse quais as Festas da cidade, referia as Maias?

Entrevistado: Sim acho que sim. Porque além de ser original – não sei se se realiza em muitos mais locais do país – referia, acho que é muito giro e interessante.

Entrevista 3

Sexo Masculino

Faixa Etária: 60-70

Maio de 2015

Aluna: Considera vantajoso para a cidade de Beja a realização da Festa das Maias? Se sim em que aspetos acha que contribui para atrair mais gente a Beja?

Entrevistado: As Maias foram um evento muito antigo da cidade de Beja e há cerca de 2 anos a Associação de Defesa do Património tomou a iniciativa de reavivar esta tradição milenar da nossa cidade. Acho muito vantajoso para a cidade.

Aluna: Qual a sua percepção da Festa das Maias? Considera que é mais atrativa hoje ou nos anos anteriores?

Entrevistado: As Maias têm só um significado, são as Maias. Antigamente havia mais população na cidade e as tradições tinham outro valor e é bom que não se deixem morrer.

Aluna: Considera que o comércio local e os restaurantes beneficiam com estas iniciativas?

Entrevistado: Eu acho que sim, como cidadão acho que sim.

Aluna: Vê esta Festividade como algo característico da cidade? Por exemplos e viesse aqui um turista e lhe perguntasse quais as Festas da cidade, referia as Maias?

Entrevistado: Com certeza. Porque é uma tradição da nossa cidade.

Anexo XXXIV – Fotografias dos locais outrora ocupados pelas Feiras

Largo de Santa Maria da Feira e Igreja de Santa Maria da Feira, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Avenida Miguel Fernandes antigo Largo da Corredoira, 2015



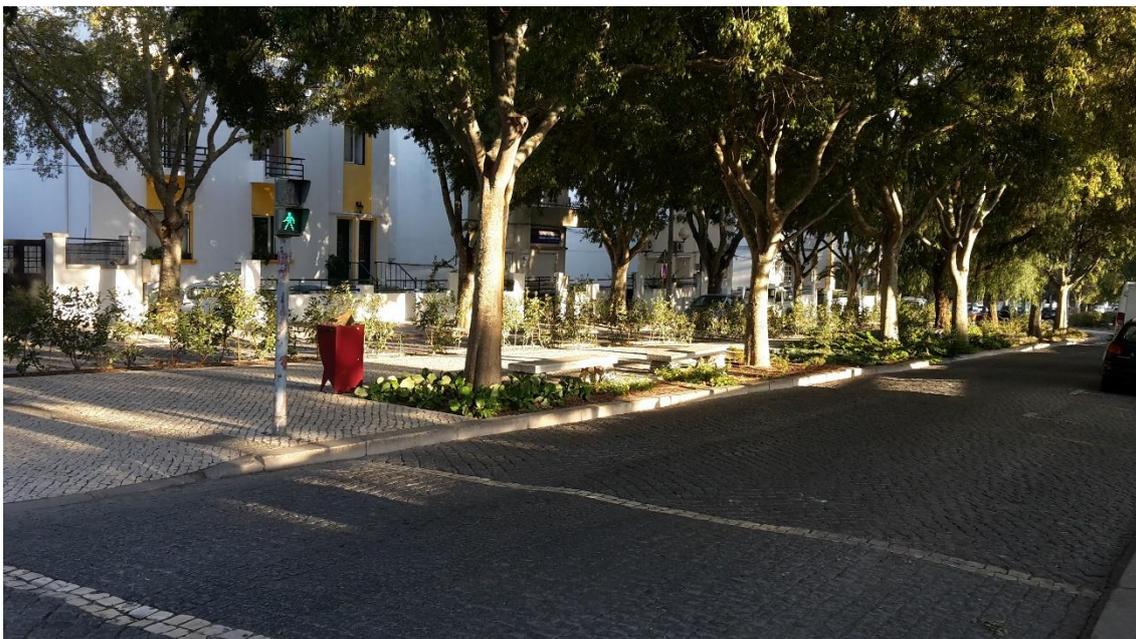
Fonte Marta Gonçalves

Liceu Diogo de Gouveia, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Bairro anexo ao Liceu Diogo de Gouveia, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Casa da Cultura, antigo Matadouro Municipal, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Urbanização Pax Julia, antiga Urbanização do Campo da Feira, anexo à Rodoviária, 2015



Fonte Fonte Marta Gonçalves

Ciclovias disponíveis pela cidade de Beja, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Antigo edifício da Junta da Província nas traseiras do Liceu Diogo de Gouveia, atual CIMBAL, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Escola Secundária c/3º ciclo D. Manuel I, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Sul da Rua de São Tomé e Príncipe, 2015



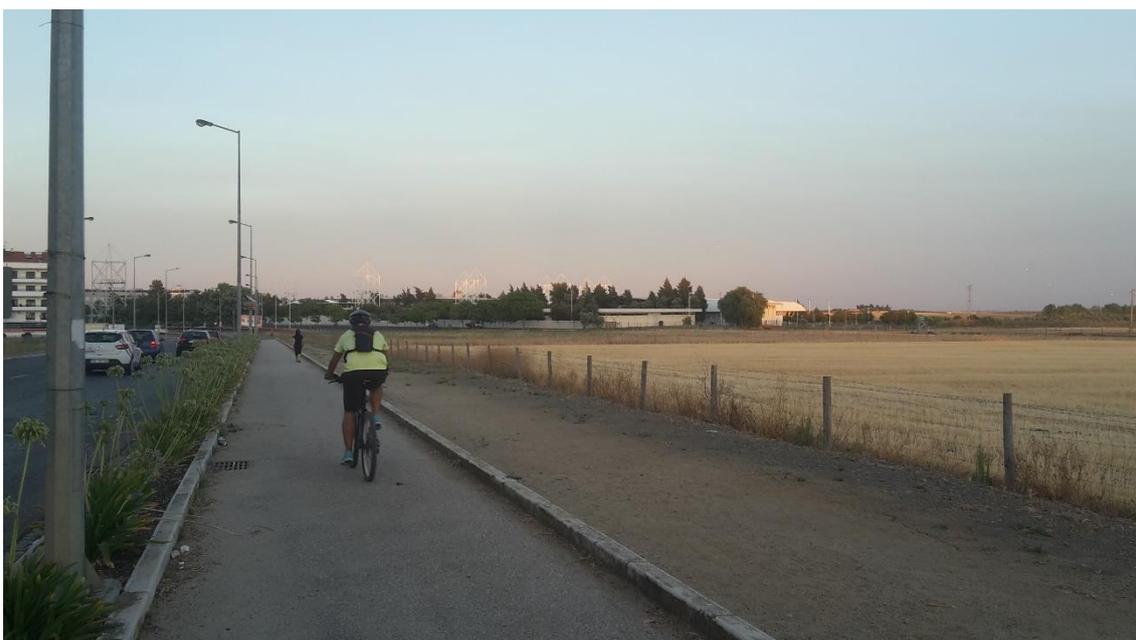
Fonte Marta Gonçalves

Hipermercado Continente, 2015



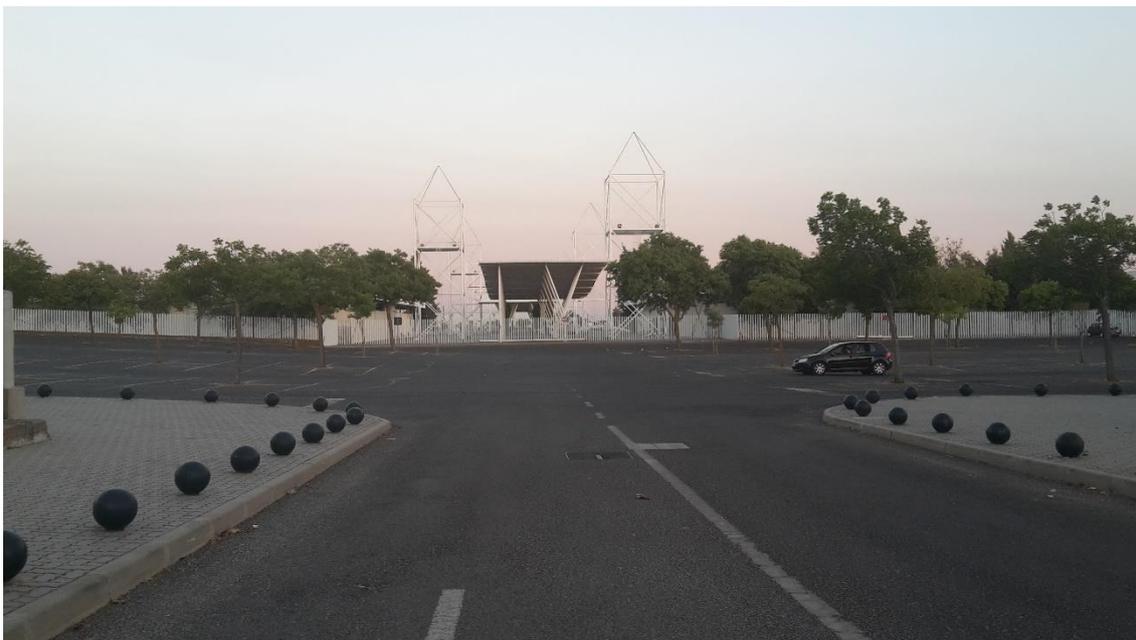
Fonte Marta Gonçalves

Ciclovia da Comandante Salgueiro Maia, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Parque de Feiras e Exposições de Beja, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Edifício da ACOS, antigo Parque de Feiras e Exposições, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Anexo XXXV – Roteiro das Memórias das Feiras

"A grande feira, a feira das co-
lheitas e dos proveitos anuais,
trazia gente de todos os montes
e aldeias e transformava a
cidade no centro do mundo de
todos os bejenses espalhadas
pelo mundo. O cheiro a frango e
dos malacuecos espelhavam-
-se pelas terras em redor, cha-
mando os mais distraídos. Era a
festa do ano, aquela em que
todas as distrações estavam por
ali à mão de semear."

Florival Baião Monteiro



Feira de Agosto 1940



Feira de Agosto 1954
Inserida nas comemorações da II Exposição
Agro-Pecuária do Baixo Alentejo

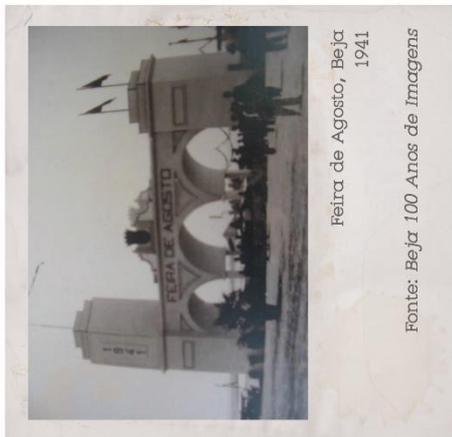
Conceção Marta Gonçalves

Apoio

+ Inf. na Associação para a Defesa do
Património Cultural de Beja

Rua Capitão João Francisco de Sousa,
n.º30 - 1.º, 7800-451 Beja
beja.adp@gmail.com

www.adpbeja.pt



Feira de Agosto, Beja
1941

Fonte: Beja 100 Anos de Imagens

Redescobrir as feiras de
Beja

Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural
- Ramo Património Artístico e História da Arte Edição 2013/2015
Feiras e Festividades Religiosas de Beja - Contributos para o seu Resgate e Reativação.
Relatório de Estágio na Associação de Defesa do Património Cultural de Beja

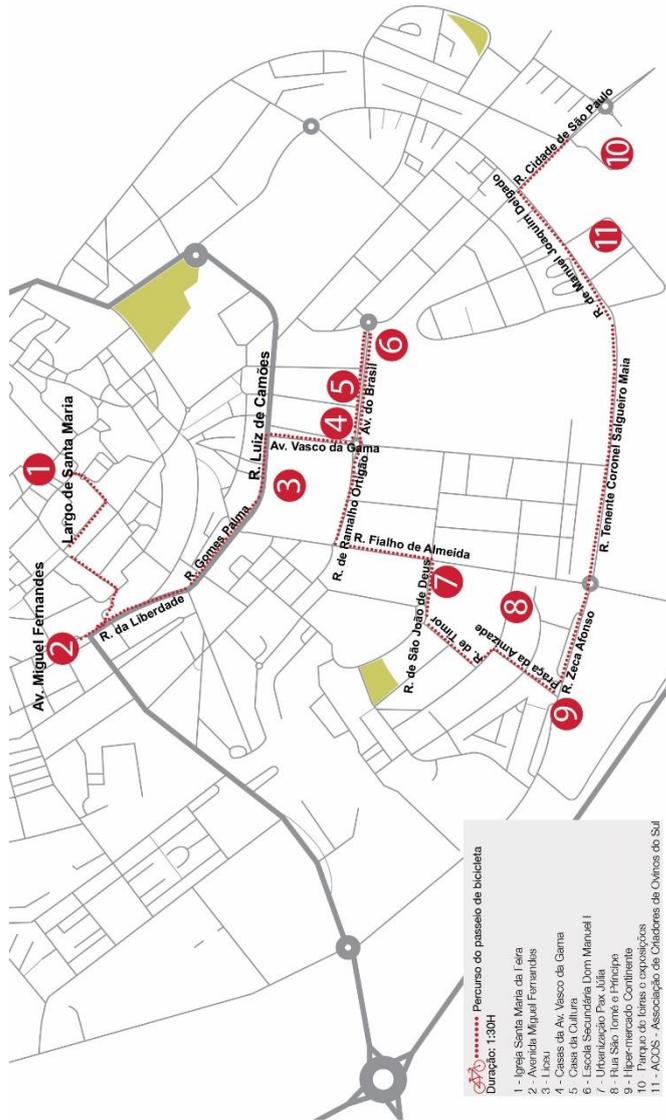
Por Marta Cristina Fragoso Gonçalves

A Feira de agosto de Beja

era uma das mais velhas feiras do país. Teve início no longínquo século XIII e manteve a sua grandiosidade até ao século XIX. Tinha início a 10 de agosto, dia de São Lourenço, onde se adquiria o gado e terminava a 15, dia reservado a Santa Maria para pagar as rendas das terras. Esta grande feira (que em tempos se dividiu em duas) atraía gente de todo o país, e era aqui que se dava o reencontro de amigos, familiares, e onde os emigrantes se juntavam para dar os testemunhos da vida lá fora.

Termina em 2001, mas ainda hoje é relembrada pelos Bejenses como a mais bonita e magnífica feira do baixo-Alentejo. De modo a acalorar a memória dos mais velhos, e aguçar a curiosidade dos mais novos para que possam ver e sentir os locais da velhinha feira de agosto, propomos um passeio de bicicleta, no familiar mês de agosto pela fresca, para relembrar esta antiga feira alentejana.

O passeio tem início, como não poderia deixar de ser, no local onde viu nascer a feira e o qual ganhou o seu nome através deste certame: na Igreja de Santa Maria da Feira. Seguimos pelo Museu Regional de Beja pela Rua dos Infantes até à Praça da República. Descendo a Rua Dr. Afonso da Costa vamos dar até à Avenida Miguel Fernandes ou antigo largo da Corredoura, onde se mostrava o gado, e onde a Feira teve lugar, durante uns anos. Percorrendo a Rua da Liberdade e passando pelo Jardim do Bacalhau, vamos passar ao Liceu Nacional Diogo de Gouveia – considerado Monumento Nacional – pal-co da Feira até à sua construção na década de 1930. O próximo local da Feira, adjacente ao anterior, é o antigo bairro dos Juizes, hoje um bairro residencial. A Feira estendia-se daqui até ao antigo edifício da Junta da Província. Poucos anos depois, situar-se-á a Feira nos terrenos ao lado do Quartel de Bombeiros, arrastando-se até ao espaço onde hoje se situa a Escola Secundária c/ 3º Ciclo Dom Manuel I. A partir de 1963 a Feira faz-se junto à Rodoviária, no local onde hoje se situa a urbanização Pax Júlia, até ser deslocada na década de 1980 para os terrenos a sul da Rua de São Tomé e Príncipe e mais tarde no local do antigo Prismic (hiper-mercado Continente, nos dias de hoje). Contemporaneamente, a década de 1990 vê a antiga Feira ser deslocada para o atual edifício da Acos, entre o Centro de Paralisia Cerebral, até 1999. Com a entrada no século XXI dissolve-se a velhinha Feira, já no seu mais recente recinto (construído de propósito para o certame), o Parque de Feiras e Exposições de Beja.



Anexo XXXVI – Fotografias dos antigos locais do Percurso da Cavalgada da Manhã de São João Batista

Tanque dos Cavalos no Bairro de São João, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Portas de Mértola, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Arco dos Prazeres, Rua Abel Viana, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Zona Florestal de Beja, 2015



Fonte Marta Gonçalves

Anexo XXXVII – Roteiro das Cavalhadas



AS CAVAIHADAS OU CAVAIHADAS, eram antigas práticas medievais, cuja origem remonta aos torneios a cavalo. Em muitos pontos do país ainda se celebra a Cavalhada da Manhã de São João Batista, uma prática tradicional do dia de São João Batista – dia 24 de junho –, onde no cortejo a cavalo os nobres e fidalgos obrigados a participar carregavam a ban-deira real e percorriam importantes artérias da cidade, até ao extinto Convento de Santa Clara, onde o fidalgo que organizava a Cavalhada oferecia um copo-d'água. Caso houvesse tourada, o grupo alinhava-se para a Praça de Touros.

Design por: Ruteada Associação



ANTIGA CAVAIHADA DE 1988



Conceção: Marta Gonçalves

Apoio

+ Inf. na Associação para a Defesa do Património Cultural de Beja

Rua Capitão João Francisco de Sousa,
nº30 - 1º, 7800-451 Beja

beja.adp@gmail.com

www.adpbbeja.pt

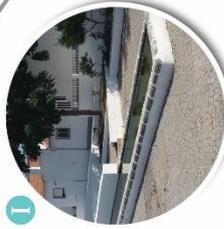
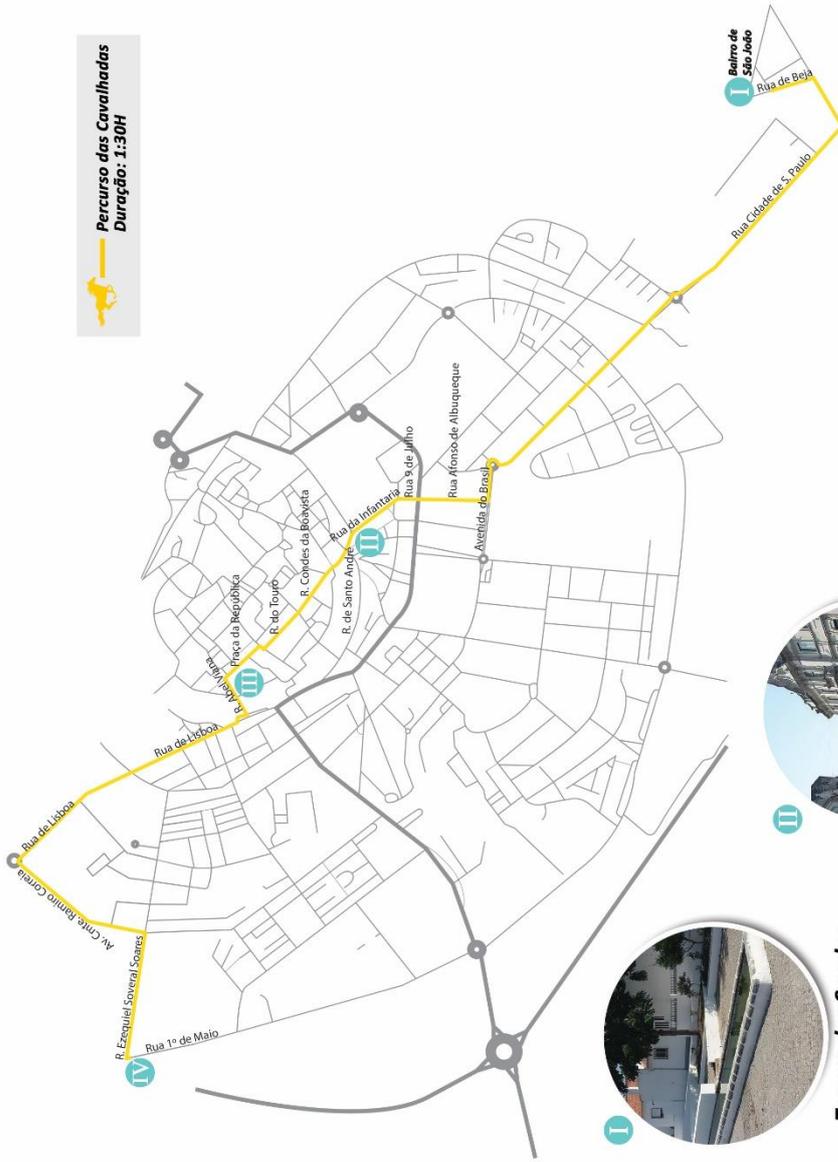
Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural
- Ramo Património Artístico e Histórico da Arte Edição 2013/2015
Feiras e Festividades Religiosas de Beja - Contributos para o seu Resgate e Reativação.
Relatório de Estágio na Associação de Defesa do Património Cultural de Beja

Por: Marta Cristina Fragoso Gonçalves



O PERCURSO AQUI PROPOSTO a cavalo – e com pôneis para as crianças – segue o antigo trajecto, com início no Bairro de São João, percorrendo a Rua Cidade de São Paulo, até à Rua Conde da Boavista e depois pela Rua do Touro até à Praça da República. Passando pelo Arco dos Prazeres o cortejo alinge-se até pela Rua de Lisboa até à mata, onde a entidade organizadora, a Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja brindará os participantes com um piquenique e animação para os mais pequenos.

Percurso das Cavalhadas
Duração: 1:30H



Tanque dos Cavalos



Portas de Mértola



Arco dos Prazeres



Zona Florestal de Beja